

REVISTA MODERNA



Nº 25 * NOVEMBRO * 1898
ANNO II

Sumario

OS NOSSOS LEITORES	M. BOTELHO.
A PRESIDENCIA DA REPUBLICA DO BRAZIL	
O PALACIO PRESIDENCIAL	
PUVIS DE CHAVANNES	DOMICIO DA GAMA.
THEATRO HESPAÑHOL	MARIO DE LEMOS.
QUIETUDE NA PALESTINA	XAVIER DE CARVALHO.
SUPREMA TRISTITIA	LEIS DE ARAGAM.
INDUSTRIA BRAZILEIRA	G. GUIMARÃES.
UMA HOMENAGEM AO BARÃO DO RIO-BRANCO	
MEU MANE.	LEIS SERRA.
REMINISCENCIAS DA HISTORIA BRAZILEIRA	L. A. MONTENEGRO.
O BANCO DE CORAL	ALVARO MARTINS.
MEDEA	SPECTADOR.
SICILIANA	DESIJ DE PAPPERTZ.
BERLIM	THEODORO DE WILLY.
DOIS SONETOS	FONTOURA XAVIER.
NICOLAU FACCHINETTI	DOMICIO.
INDIOS AMERICANOS	THOMAS STEEL.
BARBA DO RIO ORANGE	DR. COSTA COSTO.
A FESTE EM VIENNA	MARTE.
DE FRANCEZES NO NILO	X. DE C.
UM LIVRO	EUGENIO SAVARD.
O CRIME DE LUCCHINI	CESAR LOMBROSO.
SPORT	S. MARCELLO.
A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES	DESA DE QUEIROZ.
HISTORIAS COMICAS.	

Este numero contém
80 ILLUSTRACOES



DR. CAMPOS SALLES
Actual Presidente da Republica do Brazil.

Revista Moderna

MAGAZINE
LITTERARIO
E ARTISTICO

ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

CORREIO
DE
ACTUALIDADES

Director : M. BOJELMO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELLHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRACÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL

FRANÇA

PORTUGAL

e outros paizes da União Postal

Um anno	50\$000	Um anno	40 francos	Um anno	12\$000
6 mezes.	30\$000	6 mezes	24 »	6 mezes.	6\$000
Numero avulso	5\$000	Numero avulso	4 »	Numero avulso	1\$000

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS :

AGENCIAS NO BRASIL

Rio de Janeiro	A. LAVIGNASSE FILHO E C ^{ia} , Rua dos Ourives, n ^o 7.	Taubaté	V. COELHO DE CARVALHO.
Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande	CARLOS PINTO E C ^{ia} .	Juiz de Fora e Minas- Geraes.	CAPITÃO AVELINO LISBÔA.
São Paulo	CH. HILDEBRAND E C ^{ia} , CASA GARRAUX.	Pernambuco.	LIVRARIA CONTEMPORANÊA. LIVRARIA DO NORTE, Rua 15 Novembro.
Santos.	F. MATTOS E C ^{ia} , Rua 15 de Novembro.	Ceará	J. J. DE OLIVEIRA E C ^{ia} .
Campinas	LIVRARIA ALFREDO GENOUX	Pará.	J. B. DOS SANTOS E C ^{ia} .
		Bahia	CATILINA E C ^{ia} .

A REVISTA MODERNA acha-se a venda em todas as livrarias de Brazil e Portugal

EM PARIZ — para as assignaturas e venda avulsa dirigir-se
directamente ao escriptorio da Revista, 48, rue Delaborde

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A REVISTA MODERNA — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

Novembro de 1898

ASSIGNATURAS

BRAZIL

Anno	50\$000
6 mezes	30\$000
Numero avulso	5\$000

UNIÃO POSTAL

Anno	40 francs
6 mezes	24 —
Numero avulso	4 —

PORTUGAL

Anno	12\$000
6 mezes	6\$000
Numero avulso	1\$000

AOS

NOSSOS LEITORES

Os nossos estimados leitores encontrarão n'este numero — como tinhamos annunciado no precedente — numerosas modificações e não menos importantes melhoramentos.

A *Revista Moderna* augmentou de formato e de texto, alargou consideravelmente as suas illustrações, duplicou por assim dizer o seu numero de paginas e transformou-se em publicação mensal.

Todas estas mudanças, — que o leitor facilmente verificou serem em seu proveito — necessitam no entanto uma explicação.

A resolução, do augmento do formato nasceu da necessidade artistica das gravuras. O nosso antigo formato, muito elegante e commodo para um magazine, tinha o defeito — que em vão tentamos remediar — de não poder inserir nas suas paginas, gravuras de grandes dimensões que são exigidas para a reprodução de obras d'arte e que, ellas proprias, são verdadeiros trabalhos artisticos.

A *Siciliana*, reprodução de um formosissimo pastel, que hoje offerecemos aos nossos leitores, não poderia ter sido intercallada no nosso antigo formato. E n'este caso estão todos os celebres trabalhos dos gravadores francezes, allemães e inglezes que para o futuro estamos resolvidos a aproveitar. Esta razão pareceu-nos demais imperiosa para que não fosse attendida e d'ella resultou o novo typo de Revista que muito agradará estamos certos ao nosso leitor.

Augmentando consideravelmente, as dimensões da nossa publicação tivemos forçosamente que mudar o numero de paginas sem que por isso a leitura fosse diminuida. Pelo contrario 24 das nossas paginas actuaes correspondem a 34 das antigas — (note o leitor o numero de linhas e o numero de letras de cada) e as 48 do numero mensal a 68 dos numeros antigos. A superficie das gravuras tambem augmentou muito, sem que o numero d'estas diminuisse.

Quanto ao apparecimento mensal de cada exemplar e á sua duplicação, fomos levados a estas medidas por duas causas distinctas.

Primeiramente, porque reconhecemos no nosso primeiro anno d'experiencia, que uma publicação mixta como a nossa, que a par de uma sec-

ção importante de actualidades tem uma não menos importante secção de arte e litteratura, não pode em quinze dias ser cuidada com o esmero e attenção que merece uma publicação d'esta ordem e que convem á sua feição artistica que é a predominante.

Em seguida porque numerosos dos nossos prezados assignantes, de ha muito, nos reclamavam esta medida como o unico meio practico de uma distribuição regular da *Revista* em todo o Brazil.

Resumindo :

Os nossos intelligentes leitores muito ganharão com as modificações e melhoramentos que acima indicamos, porque terão :

Maior abundancia de gravuras;

Mais 4 grandes paginas de leitura por mez;

Hors-textes valiosissimos em todos os numeros;

Formato muito maior e elegante;

Capa artistica a côres que é uma verdadeira obra de arte;

E finalmente distribuição regular todos os mezes.

Tudo o que acabamos de assignalar constitue, para nós, novos e pesados sacrificios, mas estamos certos que o Publico Brasileiro, sempre intelligente e bom, saberá recompensar-nos.

M. BOTELHO

O PRESENTE

NUMERO DA REVISTA

Começando o segundo anno da sua existencia e o seo terceiro volume apresentamos aos nossos leitores o *Numero 25* da *Revista Moderna*, trazendo os sensiveis melhoramentos que tivemos o praser de annunciar no nosso ultimo expediente. Cumpre ao publico, intelligente e justo como é, faser o seu julgamento imparcial sobre o nosso trabalho e os nossos esforços em contental-o.

Todos aquelles que aqui, testemunham do nosso labôr, reconhecem a sincera e constante dedicação que nos anima para levar sempre ávante a obra começada e já em grande parte realisada.

Precedendo estas linhas, faz o nosso Director uma exposição clara e completa das justas razões que nos obrigam a ser uma grande illustração mensal, com enorme proveito para os leitores da *Revista* que muito e muito ganharão com isso; quanto a mim só tenho como obri-

gação apresentar o Summario do presente numero, destacando n'estas cincoenta paginas de texto os festejados nomes dos nossos dedicados colaboradores. **Eça de Queiroz** está a terminar o seu primoroso trabalho a Illustre Casa de Ramires; — **Domicio de Gama** bom amigo e camarada, vive eternamente pelas Artes e com os Artistas, e é assim que ao lado de um bellissimo retrato que nos faz de Puvis de Chavannes dá-nos um pittoresco *croquis* do velho e intelligente Facchinetti; — **Mario de Lemos**, um novo e brilhante collaborador, professor *ex cathedra*, na vernaculidade da lingua e escriptor de fino estylo, assigna o Theatro Hespanhol, tres paginas de fluente e instructiva prosa. Mandando todos os mezes correspondencias de Paris a um grande orgam da Imprensa fluminense obtem Mario de Lemos um legitimo e justo successo, mas apaixonado teimoso do seu pseudonymo, não admitte sobre este ponto a menor indiscrição; — **Luiz Serra**, o incansavel secretario de redacção da *Revista*, que os nossos leitores já bem conhecem como um intelligente escriptor, preparou especialmente para este numero, um improvisado de novella, na qual o ex-aspirante de marinha, conta com poesia e verdade uma d'aquellas scenas tocantes dos rudes marinheiros do Tejo; — **D^o Costa Couto**, um dos mais distinctos representantes da Engenharia Brasileira, resolve nas nossas columnas a difficil solução da navegabilidade da perigosa barra do Rio Grande do Sul. Chamamos a attenção dos proffissionais para este artigo que a *Revista* esmerou-se em publicar, acompanhando de minusculas cartas demonstrativas, verdadeiras perfeições como gravura; — **Xavier de Carvalho**, o chronista infatigavel de muitissimos e importantes jornaes Brasileiros, resumio em algumas paginas de uma narrativa alegre e desprerenciosa a original viagem de Guilherme II em Palestina, e a heroica travessia do commandante Marchand, do Congo ao Nilo-Branco; — **J. Montenegro**, escriptor militar de nomeada, resuscita nas « Reminiscencias da Historia Brasileira » a sympathica e patriotica figura do Tenente Mariz e Barros; — **Fontoura Xavier**, o poeta primoroso e deliado, enviou-nos dois sonetos da bella escola; **Luiz Aragam** com a « Suprema Tristitia » affirma raras qualidades de poeta bem como **Alvaro Martins** com o seu « Banco de Coral » e Eugenio Savard nas sentidas estrophes de « Um Livro »; — **G. Guimarães** assignala n'um competente e interessante artigo intitulado a « Industria Brasileira » a importantissima manufactura, Pen-teado, no progressista Estado de

São Paulo. As demais *secções* pelos nossos Correspondentes e sob a responsabilidade da redacção da *Revista* variam pelo assumpto e pelas actualidades, completando o todo uniforme da nossa Publicação.

Inauguramos tambem com o presente numero a bellissima capa de Simonidy o grande artista e desenhista, da *Revista Moderna*. Sem a menor pretensão de reclamo diremos que o successo obtido foi alem da nossa expectativa e a opinião de todos os criticos d'arte é que é uma verdadeira belleza no genero.

Excepção feita, das edições de luxo que trase uma capa especial, não conhecemos e como nós todos aquelles que aqui vivem, uma só Illustração Européa, que possua uma capa a côres tão artisticamente bella como a da *Revista Moderna*...

Reprodução de uma encantadora aguarella da galeria de Munich fise-mos imprimir tambem a côres a lindissima gravura que illustra o nosso Hors-Texte e que com este numero é offerecida aos nossos leitores.

BRINDE DA

« REVISTA MODERNA »

Chamamos a attenção de todos os nossos leitores para o annuncio que na secção competente faseremos sobre o Brinde afferecido a todos os assignantes de um anno da *Revista*. Será uma esplendida gravura digna de figurar no mais bello salão e que pelo seu valor reduz a metade, o preço das assignaturas da *Revista*. O assumpto que escolhemos representa uma d'essas deliciosas scenas do seculo passado magistralmente executadas pelos grandes mestres da pintura decorativa e cujos originaes attingiram na nossa epocha preços inacreditaveis. As dimensões d'essa gravura são de sessenta centimetros de base sobre quarenta de alto. Entre Natal e Anno Bom já estará em poder dos nossos agentes que farão a distribuição a todos aquelles que renovarem ou tomarem novas assignaturas de um anno.

O SEGUNDO VOLUME DA « REVISTA MODERNA »

Na mesma epocha receberão tambem os nossos Agentes, e terão immediatamente á disposição do publico o Segundo Volume da nossa Publicação que em nada desmerece do primeiro, infelizmente raro, e pouco conhecido do publico brasileiro pela limitadissima edição que fomos obrigados a tirar em virtude de faltarem já diversos numeros esgotados.

O NOSSO NUMERO DO NATAL

O proximo Numero que a *Revista Moderna* publicará, será especialmente dedicado ás festas do *Natal* e *Anno-Bom* e conterá *sessenta* paginas de texto ricamente illustradas, com uma grande serie de grávuras a côres e bellissimos *hors-textes* artisticamente colorido. Este numero extraordinario será distribuido aos assignantes da *Revista* e vendido aos nossos leitores pelo preço habitual.

O nosso brilhante collaborador *Eça de Queiroz* publicará alem da « *Illustre Casa de Ramires* » um d'esses admiraveis Contos de que só elle tem o segredo. *Valentim Magalhães*, *Abel Botelho*, *Coelho Netto*, *Magalhães de Azeredo*, *Trindade Coelho*, *Domicio de Gama*, *Fontoura Xavier*, *Mario de Lemos*, *Xavier de Carvalho*, nos enviaram para esse numero, materia, capaz d'enriquecer a mais litteraria das publicações. Alem d'esses nomes tão festejados no Brazil e Portugal, esperamos ainda a todo o momento novos originaes que nos são promettidos d'esses dois paes. Interessantes « *Varietades* » serão escolhidas com cuidado para completar o nosso summario que será abundantemente illustrado e rico na diversidade dos assumptos.

Figurarará tambem n'este numero um interessantissimo artigo acompanhado de photographias ineditas sobre as Estancias Brasileiras no Rio Grande do Sul e Estado Oriental.

BRAZILEIROS EM PARIS

D^r Costa Couto. — Pelo paquete de 21, d'este mez partio para o Rio de Janeiro com a sua Ex^{ma} familia o nosso distincto collaborador e amigo D^r Costa Couto. Agradecemos ao notavel engenheiro a sua visita de despedida, desejando-lhe feliz chegada.

S^r Alvares Penteado. — Com destino a São-Paulo onde reside, partio pelo paquete *Nilo* o industrial Paulista A. Alvares Penteado, proprietario de uma das mais importantes manufacturas de tecidos do Brazil e da qual o presente numero da *Revista Moderna* longamente se occupa.

Desejamos uma agradavel viagem ao distincto conterraneo.

Alberto de Y. Moreira. — Recebemos com praser a visita deste nosso amigo ultimamente nomeado addido a Legação Brasileira em Paris. Educado e tendo constantemente vivido n'um meio europeu estamos certos que esse distincto moço saberá sempre representar o seu paiz com a habilidade e correccção necessarias a todos aquelles que desejam na carreira diplomatica affirmar e augmentar o prestigio da sua patria. Com os nossos cumprimentos desejamos-lhe um brilhante futuro na sua nova carreira.

RECEBEMOS

Mulheres da Beira — contos por *Abel Botelho* — Lisboa. — Os nos leitores conhecem de sobejo a prosa clara e sentida de *Abel Botelho*, por vezes de uma violencia que alvoroça, de um realismo que es-

panta, mas sempre verdadeira e observada, com um fundo de psychologia social que interessa e comove. O seu novo livro *Mulheres da Beira*, que agora apparece á venda em Portugal e que engloba sob este titulo geral uma serie de contos cuja acção decorre n'essa tão pittoresca provincia lusitana, é um dos melhores de *Abel Botelho* e o seu successo será certamente grande e duradouro.

E' o que de coração desejamos ao nosso estimado collaborador.

O Simas. — Papi Junior — Centro litterario do Pará.

O Simas é um romance de observação a que o seu autor chamou em sub-titulo *Scenarios Cearenses*. A acção desenrola-se com effeito no meio esbrazeado e arido d'esse Estado que o snr. Papi Junior descreve com vigor e precisão. O livro denota grandes qualidades e merece um estudo consciencioso e demorado que a estreiteza e rapidez d'esta noticia não comporta.

Fanatismo Religioso. — *Memoria sobre o Reino Encantado na Comarca de Villa Bella* por Antonio Attico de Souza Leite, com um juizo critico de Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, 2^a edição — Juiz de Fora.

Este livrinho que conta um dos mais extraordinarios factos do fanatismo foi prefaciado na primeira edição por Alencar Araripe que termina assim as paginas com que recommenda a leitura do opusculo :

« A illustração dá ao homem o conhecimento dos seus direitos, e das suas obrigações; elle torna-se ente social, e facil de ser dirigido, porque sabe harmonizar os seus fins individuaes com os fins geraes da sociedade.

« O meo amigo, que já com a sua palavra na tribuna, e já com seus escritos na imprensa tem alentado a idéa da instrução popular, reconhecerá pela leitura do presente opusculo com quanto acerto ha propugnado pelo ensino nacional como remedio aos males publicos.

« A autoridade, que lhe dão os estudos de gabinete, e a experiencia das viagens em extranhos povos, muito pode concorrer para animação da idéa de ensino, e seo pleno desenvolvimento em nossa patria, por cujo progresso sempre o tenho visto empenhado.

« O ensino é uma idéa essencialmente cristã : elle pois encontra no meo amigo um cultor sincero e proficiente. Continue a dar-lhe o impulso da sua palavra.

A tragedia representada nas bre-nhas de longinquo sertão é digna de ser contemplada; por isso o autor do opusculo, divulgando o acontecimento com as suas horriveis circunstancias, bem merece das letras e do seo paiz.

T. DE ALENCAR ARARIPE.

Rio, 30 de Junho de 1875.

Questões juridicas. — (Ligeiros Estudos) por Solidonio A. Leite — com uma carta prefacio do D^r Clovis Bevilacqua — Juiz de Fora — Recebemos este opusculo

que é um consciencioso e util trabalho de legislação; sorte de commentarios a certas questões juridicas que autor explica e analisa com muita clareza.

Revista Portugueza Colonial e Maritima : — Livraria Fern — Lisboa — Continuamos a receber com regularidade esta interessante publicação o ultimo numero que temos sobre a meza traz o seguinte summario :

Gomes Eannes de Azurara — por Sousa Viterbo.

Agricultura Colonial (continuação) — por Julio Henriques.

A Geographia e a Lingua Portugueza — por Candido de Figueiredo.

Direito Internacional — A propriedade particular nos mares e a guerra maritima — por Carneiro de Moura.

As bahias do sul d'Angola — por Augusto de Castilho.

Notas Navaes — por E. de V.

Revista Ultramarina — por Tito de Carvalho.

Publicações Recebidas.

Generos vindos d'Africa para o mercado de Lisboa.

Informações commerciaes — Cambios e generos coloniaes.

Gabinete dos Reporters —

Temos em nosso poder os n^o 77 e 78 d'este interessante jornal de Lisboa. O n^o 72 traz o retrato do grande poeta João Penha acompanhado de um brilhante estudo critico firmado por J. Simoes Dias e do qual destacamos as linhas que seguem :

João Penha não é um mordaz como foi o Camões do Rocio e Barbosa do Bocage; nem um vingador furibundo como Archicolo e Juvenal. O seu parentesco com Henri Heine, por alguns criticos denunciado, tambem não offerece authenticidade nenhuma. Heine era um vencido da vida, um desesperado, um desilludido, e Penha é um crente, parecendo apenas um sceptico.

O que o separa dos seus contemporaneos é a maneira toda pessoal como aprecia e comprehende a vida humana, essa amalgama de miserias e contradicções.

Elle não zomba do amor, por exemplo; encara-o pelo aspecto ridiculo e num soneto ou numa quadra extirpa-lhe com o bisturi doirado a empôla burlesca.

A phrase final das suas composições, curtas como as dos poetas eolicos, é sempre um sorriso que brinca e nunca um punhal que retalha.

A critica feita por este modo aos varios phenomenos da vida, é uma operação delicada que só elle possui, a technica aperfeçoada que lhe permite a facilidade de operar sem dor. A sua ironia é isto, não arranha, faz cocegas.

E' sob estes varios aspectos que tem de ser julgada a já extensa obra de João Penha, e quando o fôr, comprehender-se-ha que, não sendo essa obra um trabalho rigorosamente popular, como não foi popular a musa de Anthero, mas unicamente apprehensivel pelos espiritos delicados,

pelas almas artisticas superiormente educadas, nessa obra, comtudo, ha materia que baste para glorificar um poeta e destinar-lhe logar á parte, um logar d'honra, entre os maiores da geração a que pertence.

J. SIMÕES DIAS.

Continuamos tambem a receber regularmente os seguintes periodicos :

Diario Popular, São Paulo. — *Germania*, São Paulo. — *Correio Mercantil*, Pelotas — *O 15 de Novembro*, Sorocaba. — *Jornal do Commercio*, Juiz de Fora. — *La Tribuna Italiana Fanfulla*, São Paulo, etc.

Le Brésil. — *Courrier de l'Amérique du Sud* — *Organe hebdomadaire Franco-Americain*. — PARIZ.

— Continuamos a receber com a maxima regularidade este nosso estimado collega que desperta sempre o mais alto interesse a todos os que se occupam no estrangeiro das coisas da nossa terra.

Revue du Brésil. — PARIZ. — Os dois ultimos numeros que temos sobre a meza continuam a serie brilhante d'esta publicação. As gravuras são excellentes mostrando aspectos interessantes do Brazil, e retratando as personalidades brasileiras que por qualquer titulo merecem ser conhecidas.

Revue Illustrée. — Editor Ludovic Baschet, 12, rue de l'Abbaye. Sempre artistica e bella essa publicação Parisiense que traz na primeira pagina do seu ultimo numero o suggestivo retrato da Bella Otero. — Um texto litterario e de actualidades encuadra primorosas illustrações.

ANNUNCIOS

« DA REVISTA »

Sylvie e Jeanne Boué. — Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio da importante casa de modas e costuras que figura na capa da *Revista*. O grande successo obtido pelas irmãs Sylvie e Jeanne Boué e a exposição permanente de modelos ineditos e de tudo quanto *coquetterie* feminina pode imaginar de mais completo e attraente : chama constantemente a os salões da rua do Helder, as mais bellas e elegantes senhoras, parizien-ses e estrangeiras.

As pessoas que de desejarem procurar esta casa em nome da *Revista Moderna* serao attendidas com especial cuidado.

Equipagens de luxo. — A antiga e bem reputada casa **Demars**, cuja especialidade em materia de carros particulares e equipagens de luxo é bastante conhecida : faz pela *Revista* um annuncio, no qual as pessoas interessadas poderão se utilizar com toda a confiança. O serviço de carros particulares para familias ou estrangeiros de passagem : por dia ou por mez; é garantido por esse estabelecimento, como de primeira ordem e pelos preços os mais moderados. Um grande material aperfeçoado com todas as exigencias do conforto e da elegancias esta em constante exposição sendo todos os seus carros munidos de rodas, comborracha e rodas pneumaticas.



Aos Nossos Leitores

Quando em Maio do anno passado fundamos a *Revista Moderna*, conscios da ardua tarefa que emprehendiamos, escrevemos na carta prefacio do nosso primeiro numero :

« Iniciando uma publicação d'este genero não ignoramos as difficuldades e as decepções que nos podem acolher, mas sinceramente declaramos que tudo faremos para sobrepujal-as e esta somma de sacrificios feitos e aquelles que seremos forçados de fazer os dedicamos ao Publico em cujas mãos collocamos o successo da nossa Revista. »

Hoje, no, começo do nosso segundo anno, independentemente de affirmarmos os mesmos sentimentos de justificada tenacidade, temos que exarar gostosamente os nossos agradecimentos a esse Publico para o qual appellavamos e que tão preciosa e incitadora ajuda dispensou á nossa publicação.

A elle e á dedicação dos nossos presados collaboradores devemos a brilhante e hoje já longa carreira da Revista e o exito de uma laboriosa tentativa em que tantos outros de mais alta competencia e não menos vontade succumbiram.

Se este resultado é para nós motivo de grande jubilo, elle é tambem a imposição de novos deveres que muito nos estimularão para podermos continuar a merecer o alto logar em que a benevolencia dos nossos leitores nos collocou, e a servir utilmente o nosso paiz.

Uma publicação como a *Revista Moderna* é um vasto campo aberto a todas as intelligencias da sua patria, nas suas manifestações diversas; uma obra nacional — seja-nos permittido dizer — a qual cada um pode trazer o concurso de suas ideias comquanto sejam originaes e uteis. Não existe nas nossas columnas o menor exclusivismo e com prazer receberemos todos aquelles, que dignamente nos quizerem auxiliar.

Sem deixar de ser o mais completo e o mais vigilante informador dos acontecimentos europeos e de tudo quanto no velho continente pode interessar a arte, a sciencia, a industria ou simplesmente a curiosidade; sem perder a sua feição de illustração artistica e magazine litterario a *Revista Moderna* procura accentuar cada vez mais o seu cunho nacional e, para os progressos que deseja realisar no anno que ora começa, ella conta especialmente com a collaboração brasileira mais variada e assidua.

Tudo o que concerne a prosperidade da nossa terra o seu engrandecimento e a sua gloria encontrará entusiastico acolho nas columnas da *Revista Moderna* e se aos nomes laureados que nos honram prestamos o devido-preito, aos novos, que em promettedoras tentativas demandam a trabalhosa carreira das artes e das letras, offerecemos affectuosamente as nossas paginas.

A sympathia, que o publico dispensou á *Revista Moderna* durante o seu primeiro anno fez com que esta se espalhasse por todo o Brazil, apparecesse em todas as cidades, fosse de todos conhecida e assim entrasse na intimidade do povo a que se destinava.

De todos esses pontos do territorio brasileiro continuamente recebemos numerosa e variada correspondencia e eu não sei a que mais possa aspirar o director de uma publicação, do que a este affectuoso interesse que os leitores lhe prodigalisam em seus alvitnes, conselhos e informações.

A *Revista Moderna* continua pois o seu caminho mas já mais firme, mais forte, mais animada pelos primeiros successos e pelo apoio que em torno de si se affirma; e n'esta primeira pagina do seu terceiro volume já não precisa traçar um programma que de ha muito, em successivas modificações, vem indicado pelo proprio publico brasileiro.

Esse publico pode ver que não poupamos esforços para o satisfazer e os grandes melhoramentos que este numero inaugura são provas sufficientes d'aquillo que affirmamos.

A *Revista Moderna* envia aos seus estimados leitores e illustres collaboradores a expressão sincera do seu reconhecimento e a todos pede continuem a auxiliá-la na sua obra verdadeiramente nacional.

Esta obra é absolutamente desinteressada. O autor d'estas linhas pode affirmal-o com tanta mais energia quanto os sacrificios feitos para a criação da sua empresa tem sido grandes e pessoas e quão difficil e trabalhosa será ainda a lucta futura para dirigir e sustentar uma Publicação que não teme hoje a concurrencia do que melhor se imprime e se faz nos dois hemispherios.

A sympathia do publico brasileiro continuará a ser, estamos certos, a melhor e a mais invejavel recompensa aos nosso esforços.

M. BOTELHO.

A Presidência da Republica do Brazil

DR CAMPOS SALLES

DR. PRUDENTE DE MORAES

A *Revista Moderna* tendo como principio absoluto não faser politica nas suas columnas, acompanha entretanto com prazer as grandes questões e acontecimentos da actualidade brasileira que possam interessar aos seus leitores e ao publico em geral. E' assim que registramos nas paginas do presente numero as duas ultimas e importantes evoluções politicas da nossa historia contemporanea, dando os retratos dos dois Presidentes civis que assumiram depois de 15 de Novembro de 1889 a responsabilidade suprema do poder. Acompanhamos essas reproducções photographicas de ligeiras notas biographicas d'essas duas salientes personalidades da Republica Brasileira.

O novo Presidente, Sen^r D^r Campos Salles, é um espirito vigoroso e uma robusta organisação physica. Realisa, pois, a maxima de Juvenal : *Mens sana in corpore sano.*

Nascido em Campinas, em 1841, d'uma excellente familia de agricultores, fez com brillantismo o seu curso juridico na Faculdade de Direito de São Paulo, formando-se em 1863. Foi advogado, em Rio-Claro, Campinas e São Paulo, conquistando na tribuna judiciaria e politica a reputação de orador eloquente e discutidor habil.

O actual Presidente pertenceo ao partido liberal brasileiro, até 1868, representando esse mesmo partido na Assembleia Legislativa Provincial de 1866. Inspirando-se na propaganda dos chefes liberaes, que faziam viva campanha contra as prerogativas da corôa, o Sen^r D^r Campos Salles foi-se afastando do campo monarchico até alistar-se francamente nas fileiras da opposição radical. Foi um dos organisadores do partido republicano paulista, e um dos activos combatentes em favor da nova causa. A actividade com que entrou na lucta deo-lhe a fama de politico exaltado e intransigente : o tempo, porem, encarregou-se de moderar esses expansivos ardores.

Até á proclamação da Republica havia occupado os cargos electivos de vereador em Campinas, de membro da Assembléa Légitativa provincial em São Paulo e da Camara dos Deputados Geraes no Rio, em 1885.

Proclamada a Republica, fez parte do Governo Provisorio como ministro da justica, desde 1889 até 1891, e eleito senador federal por São Paulo, exerceo justa influencia no seio do segundo Congresso brasileiro.

Em 1893, visitou longamente a Europa. As cartas que d'aqui enviou, publicadas mais tarde em volume, revelam um espirito attento e finamente observador. Regressando ao Brazil, foi eleito governador do Estado de São Paulo, concluindo n'esse posto a sua evolução conservadora que a recente viagem tinha consideravelmente desenvolvido.

Eleito Presidente da Republica em Março ultimo, veio novamente em Maio á Europa com o fim de estudar de perto a nossa situação n'este continente, particularmente em seu aspecto financeiro. Regressando ao Brazil, constituiu o seo governo, e inicia agora a difficil tarefa de presidir aos destinos da Nação.

O Sen^r D^r Campos Salles tem elementos para fazer boa politica e uma correcta administração, pois possui talento, experiencia, energia e vigorosa saude. Tendo encontrado o paiz pacificado graças ao seu illustre antecessor, poderá consagrar toda a sua fecunda actividade á melhoria da nossa situação financeira, que está exigindo grandes cuidados e inspirando graves receios.

Patriotas antes de tudo, fazemos votos para que o novo Presidente fassendo uma excellente administração salve o nosso bello paiz da crise financeira que perturba tão profundamente a sua vida e as suas relações. Se o fizer terá prestado inolvidavel serviço á nossa patria, tudo merecendo de Republicanos e Imperialistas.

O Dr. Prudente de Moraes é um homem feliz. Na sua longa carreira politica e administrativa conseguiu sempre agradar, ganhar amigos e admiradores. Vereador, deputado provincial, deputado geral, governador do Estado de S. Paulo, presidente da Constituinte e do Senado Federal e, finalmente, Presidente da Republica, exerceu elle todos esses cargos com o mais escrupuloso respeito de todos os direitos.

O segredo do seu successo está na constituição das suas faculdades, perfeitamente equilibradas. A sua intelligencia é clara, o seu caracter é grave e serio, os seus sentimentos são nobres e elevados. Com estes dotes naturaes, cultivados systematicamente durante uma longa e methodica vida, o modesto Paulista elevou-se, sem ostentação e sem estrepito, ao mais alto posto do paiz.

O D^r Prudente de Moraes nasceu na cidade de Itú em 1840 e fez os seus estudos de direito na faculdade de São Paulo, salientando-se como estudante intelligente e trabalhador. Pela correção da sua conducta e gravidade de suas maneiras, conquistou desde moço a estima e respeito dos seus contemporaneos. Pertenceu a principio ao partido liberal em cujas fileiras militou com distincção até á queda do gabinete presidido pelo eminente estadista Zacarias de Vasconcellos, em 1868.

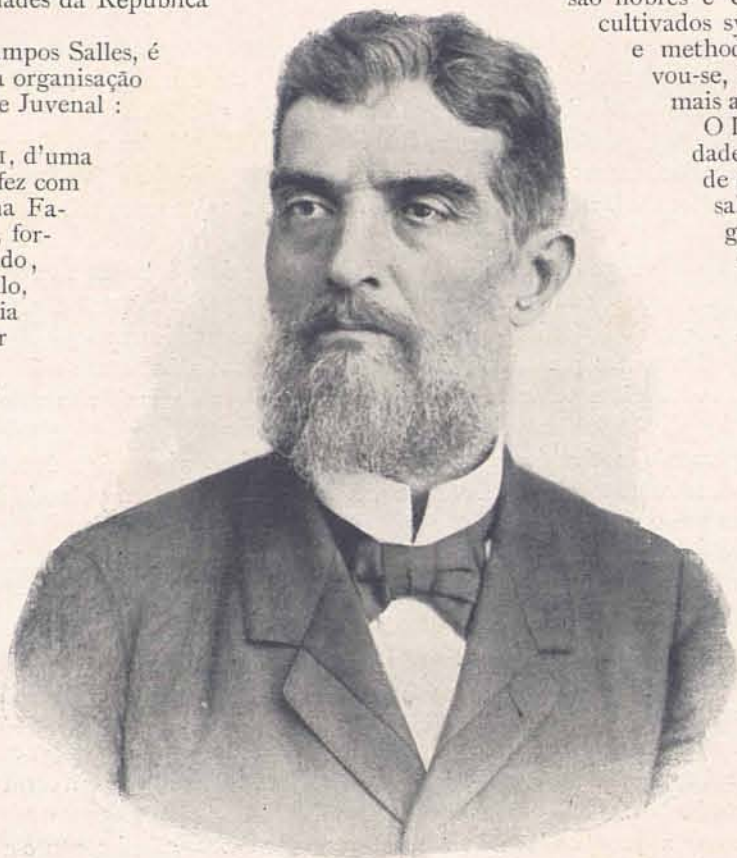
A elevação dos conservadores ao poder, em 16 de Julho d'esse mesmo anno, provocou vivos protestos dos liberaes cujos chefes publicaram então o conhecido Manifesto que começava pelo famoso dilemma : *Reforma ou Revolução.* Foi o D^r Prudente de Moraes que, em nome da assembleia legislativa paulista, recebeu o grande patriota José Bonifacio quando regressava do Rio onde pronunciara o bello e eloquente discurso de opposição ao novo gabinete organiado pelo illustre Visconde de Itaborahy.

Em 1879 quando o partido liberal subiu ao poder sob a direcção do veneravel Cansanção de Sinimbu, o D^r Prudente de Moraes já filiado no partido re-

publicano, foi convidado para presidir a provincia do Maranhão. Recusou elle polidamente esse offercimento dos seus antigos companheiros de partido e tranquillo retirou-se para a cidade de Piracicaba onde foi continuar a exercer a profissão de advogado.

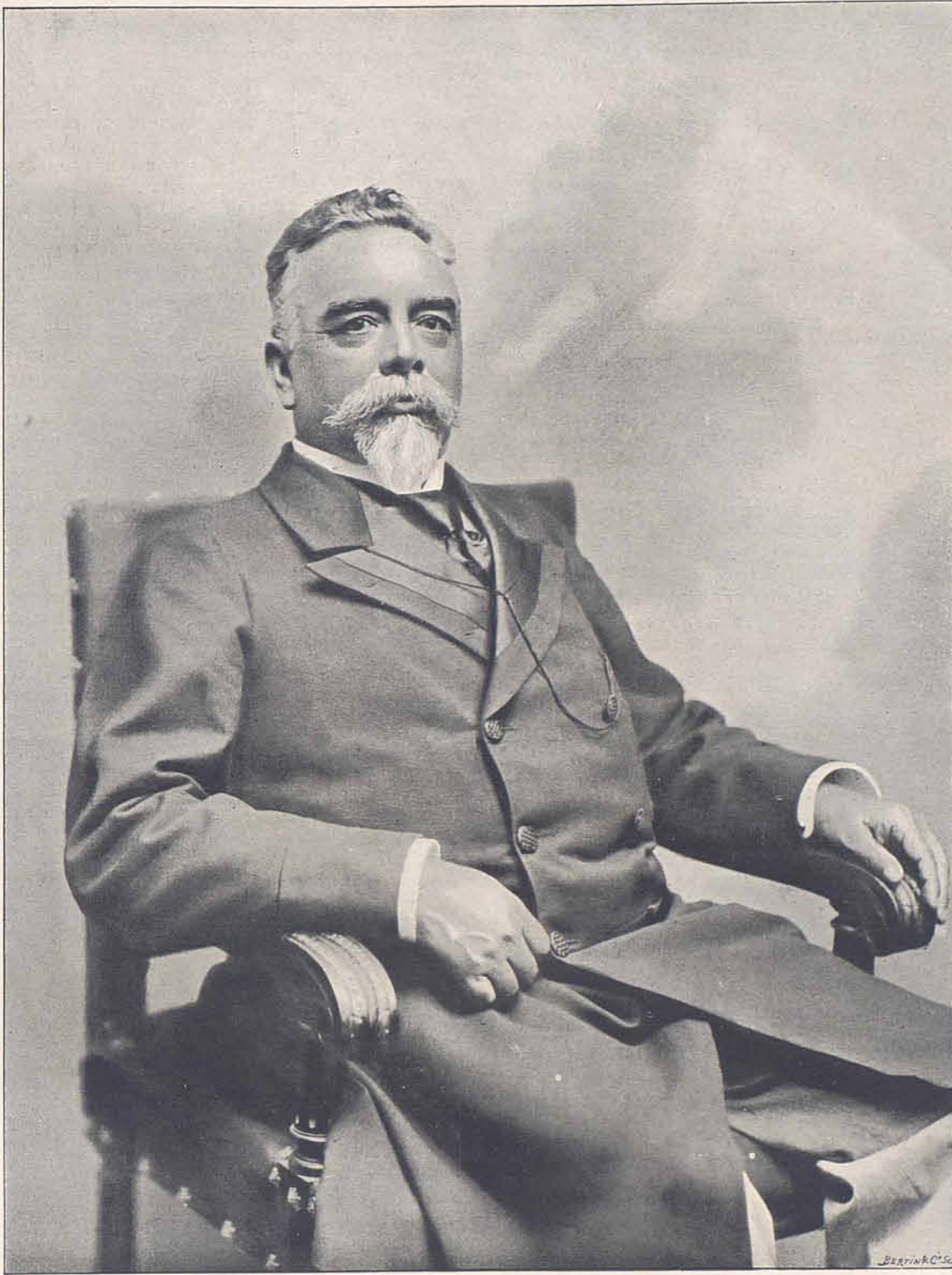
Arrancado pelo advento da republica á doce obscuridade em que vivia, assumio o governo do Estado de São Paulo no qual mereceu por sua moderação, criterio e imparcialidade, a estima e o respeito dos seus proprios adversarios.

Pertence á Historia julgar mais tarde com imparcialidade o papel politico que representou na Constituinte e no Senado, cujas sessões presidio, e o modo por que executou, em uma quadra difficil, o seu programma de governo como magistrado supremo da Republica. A Historia dirá, sem duvida, que succedendo em 1898 a duas dictaduras militares em um periodo em que a intolerancia, o exaltamento e os odios politicos tinham chegado ao seu auge, esse Presidente civil, que recebera a educação larga e liberal da velha Academia de S. Paulo, soube, pela sua firmeza temperada de prudencia, restabelecer o regimen constitucional; conter os dyscolos e desequilibrados, apologistas da *mazhorca* de Rosas; supprimir, com o apoio leal dos verdadeiros soldados e marinheiros, o militarismo politico que tem feito a desgraça e a ruina de quasi todas as republicas hispano-americanas; ganhar a confiança das classes conservadoras; pacificar o paiz; contribuir para a formação de um partido de homens moderados e de governo, acabando assim com a confusão e as desordens produzidas pela liga temporaria de tantos grupos de tendencias diferentes; dar, enfim, um grande exemplo de coragem civica, e de honestidade politica a todos aquelles que trabalham para nacionalisar no Brasil a difficil forma de governo Republicano.



D^r PRUDENTE DE MORAES

Primeiro Presidente, civil, cujo mandato expirou a 15 de Novembro de 1898.



D' CAMPOS SALLES

Actual Presidente da Republica do Brazil.

O Palacio Presidencial

PASSANDO em revista as habitações imperiaes e presidenciaes, desde o começo da nossa fundação politica como nação, principiamos pela chegada do Principe Regente D. João que no Rio de Janeiro foi aclamado Rei, com o nome de Dão João VI, enquanto esteve na capital do Brazil, que até 1821 ficou sendo a capital do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves. Esse monarcha residio habitualmente no antigo Palacio dos Vice-Reys, vulgarmente chamado, Paço da Cidade, no Largo do Paço.

empregou outros architectos e deo a essa residencia o aspecto exterior de um verdadeiro palacio.

Foi tambem durante os ultimos annos do seu reinado que o bello parque Imperial, em torno da Quinta foi inteiramente transformado por Glaziou.

No 3º volume da obra de Debret *Pittoresque et Artistique au Brésil* ha varias gravuras representando as principaes mudanças por que passou a antiga Quinta da Boa-Vista desde 1808 até 1831.



Cliché Mare Ferrez.

Palacio Presidencial no Rio de Janeiro.
(Antiga Residencia do Conde de Nova Friburgo).

Costumava passar o verão na residencia senhorial da Ilha do Governador e sua mulher a Rainha D. Carlota morou quasi sempre em Botafogo e no Paço da Cidade. Esse velho e antigo palacio foi construido pelo Governador, depois Vice-Rey, Gomes Freire de Andrade e terminado em 1743.

Os Imperadores D. Pedro I e D. Pedro II escolheram como residencia favorita a Quinta da Boa-Vista, ou Paço de S. Christovão, e só iam ao Paço da Cidade, nos dias de grande gala. D. Pedro I passava ordinariamente o verão na Fazenda Imperial

Embora pobres sob o ponto de vista da Arte representaram esses dois edificios, o Palacio de S. Christovam e o Paço da Cidade um grande papel em toda a historia politica do Brasil desde 1808 até 1887; pois foi nos seus salões que se decidiram as grandes phases da vida nacional e n'elles echoaram as aclamações que saudaram as nossas mais brilhantes victorias. O governo da Republica muita se honraria hoje em corrigir os dismantelamentos occasionados pelos vencedores de 1889 que transformaram o Palacio de S. Christovão em Museo Zoologico e o da Cidade em Repartição dos Telegraphos!...

Os dois primeiros presidentes da Republica, que foram dois dictadores militares, residiram no Palacio de Itamaraty na rua larga de S. Joaquim, perto dos quartéis.

Esse bello edificio construido, no reinado de D. Pedro II pelo grande capitalista e proprietario Francisco José da Rocha, Barão de Itamaraty, foi comprado logo depois do advento da Republica pelo Governo Provisorio.

O terceiro Presidente, Dr. Prudente de Moraes, transferio em 1896 a residencia do chefe do Estado para o chamado Palacio Friburgo, no Cattete, então comprado ao Sn^r Mayrink que poucos annos antes o adquirira dos herdeiros do Sn^r Conde de Nova Friburgo.

Esse palacio é incontestavelmente o mais bello edificio d'esse genero no Rio de Janeiro tanto pelo seu grandioso aspecto exterior como pela riqueza do seu interior.

Em qualquer das grandes capitaes europeas seria uma bellissima construcção.

Infelizmente muito perdeo com a collocação d'essas gigantescas estatuas com as quaes não contava o architecto que creou a obra.

O primeiro proprietario do actual Palacio Presidencial foi o



Cliché Mare Ferrez.

Parque do Palacio Presidencial.



Cliché Mare Ferrez.

Palacio Presidencial. — Salão de Recepção.

de Sancta Cruz, e D. Pedro II no Palacio que mandou construir em Petropolis, cidade por elle fundada.

O Palacio de S. Christovão, que de 1808 a 1822 era chamado Quinta Real da Boa-Vista, e depois Quinta Imperial da Boa-Vista, era em 1808 uma simples chacara que D. João VI fez augmentar consideravelmente, empregando n'esses trabalhos o architecto Manoel da Costa. Em 1816 já existia o torreão da esquerda. Em 1822, por occasião da Independencia, o edificio já estava muito augmentado e melhorado. Em 1826 falleceu Manoel da Costa e D. Pedro I chamou para continuar as obras o architecto francez Pezeza, que terminou o torreão da direita em 1831. D. Pedro II

Conde de Nova Friburgo, rico fazendeiro em Nova Friburgo e Cantagallo.

Foram seus filhos, Antonio Clemente Pinto, Barão e Conde de S. Clemente e o Dr. Bernardo Clemente Pinto, segundo Conde de Nova Friburgo que depois de viagens a Europa onde contractaram architecto e operarios, dirigiram ainda em vida de seu pae a construcção d'esse palacio cuja decoração interior foi confiada a artistas especiaes que tambem vieram do estrangeiro. N'elle abunda o marmore, bellas columnas e luxuosos salões. Um vasto e bem delineado parque cercando a Residencia Presidencial, prolonga-se até ao mar.

PUVIS DE CHAVANNES

A JUSTIÇA egualitaria, niveladora dos merecimentos aos ravores da céga e caprichosa Fortuna, não se applica aos artistas de genio. A gloria não é paga do esforço e sim do resultado. Para o revelador da força suberba da forma, *vis superba forma*, para o descobridor das terras novas do sonho, ella significa approvação, applauso, nada mais. Só os exaltados pela sorte, os premiados na loteria do successo se deixam illudir e edificam sobre a arca movediça, que é a admiração precaria dos contemporaneos. O fim d'esses é fazer obra que agrade e lhes traga louvor e proveito. É a modestia dos objectivos proximos e accessiveis. Os outros, os grandes, são mais ambiciosos, embora não seja o orgulho o que os anima, escravos que são do Ideal, creador da belleza. Para o que elles pretendem realizar não basta muitas vezes uma vida inteira de trabalho. Que importa? Morrem contentes, se na sua obra fica a indicação segura do pensamento de poesia que quizeram exprimir com simplicidade e sinceridade.

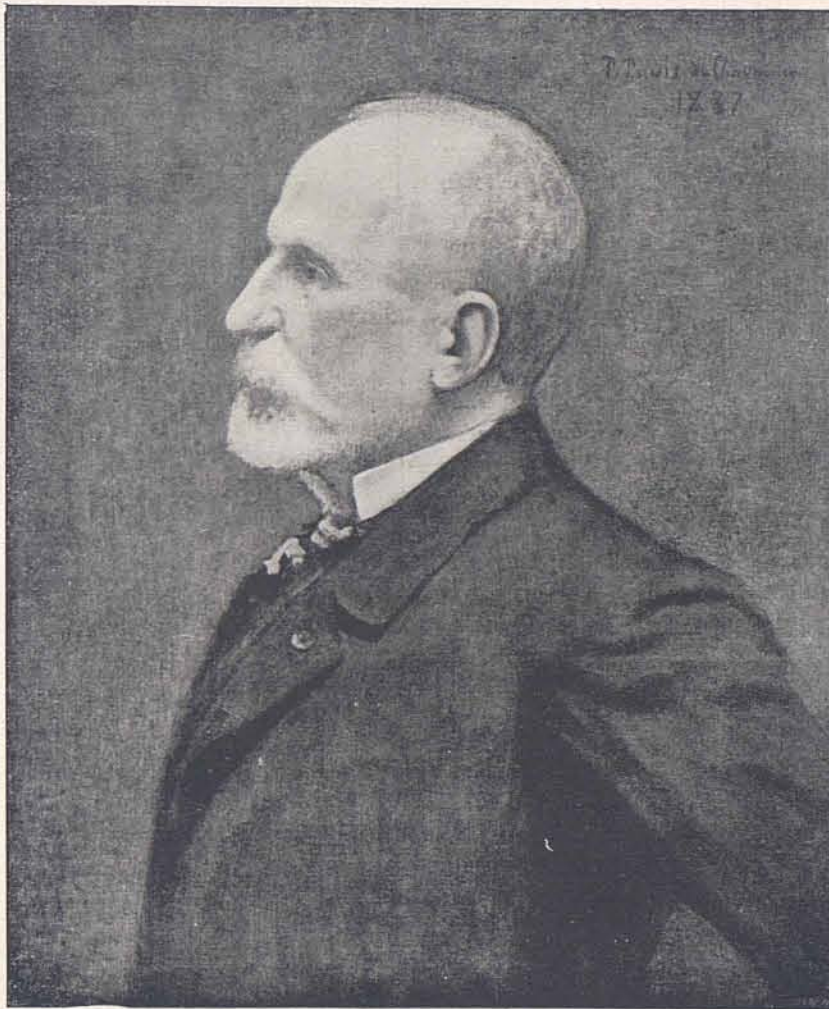
Pierre Puvis de Chavannes, que acaba de morrer cheio de annos e de gloria, foi um dos maiores pintores que tem existido. O apreço dos contemporaneos lhe veio lentamente e a custo, e, ainda mesmo deante das suas obras captaes e definitivas, não foi unanime. Mais segura será a estima da posteridade.

Nascido em Lyon em Dezembro de 1824 e tendo feito em Pariz os estudos universitarios correntes, a sua vocação artistica se decidiu durante as viagens que fez á Italia, dos vinte aos vinte e quatro annos. O pae era engenheiro em chefe de minas e rico: Pierre Puvis ponde frequentar successivamente os ateliers de Henry Scheffer, de Delacroix e de Couture. Em nenhum d'elles se demorou tempo bastante para adquirir as qualidades e os defeitos das escolas d'arte. Não ponde adquirir n'esse tempo a habilidade da mão, a practica do officio, o saber de cór, que mata em tantos aprendizes a individualidade do futuro artista. E o desenho que aprendeu, e a sua traducção dos movimentos, das formas e das côres foi adquirida penosamente, pacientemente, fóra das formulas de escola, das attitudes classicas dos modelos profissionaes, da uniformidade convencional, que mata a invenção. Durante dez annos, de 1849 a 1859, mandou ao Salon quadros que eram invariavelmente recusados, e dizia elle que com justiça. Não eram quadros de cavallette e ainda não eram télas de decoração mural essas pinturas em que o artista se ensaiava, trabalhava para si, para o futuro. Tinha adquirido por si mesmo os elementos do

officio; não sabia ainda a que os havia de applicar. Um dia empreendeu a decoração de uma casa de campo do irmão, nos arredores de Lyon, e de um dos paineis compostos sobre o thema repisado das *Estações* fez uma *Volta da caça*, que foi recebido no Salon e se acha hoje no museu de Marselha. Foi isso em 1859; o pintor tinha quarenta e cinco annos quando, segundo a sua expressão de contentamento, começou a sentir em torno de si « agua para nadar ». Tendencias espirituaes, modo de vêr individual e raro, technica

ao mesmo tempo restricta e alta na sua singeleza, independencia de vida e capacidade de trabalho o designavam para a pintura monumental. Mas os pintores pittorescos absorviam n'esse tempo a attenção dos dispensadores de encomendas: Baudry, Chasseriau, Chenavard, Élie Delaunay occupavam Pariz. A iniciativa da municipalidade de Amiens veio em auxilio de Puvis de Chavannes no momento preciso em que este carecia de trabalho. Em 1861 deu elle *Bellum* e *Concordia* para a museu da Picardia.

Dizem que até então a inspiração, a imitação de um artista genial — emquanto não vêm a segurança que dá a independencia, o artista trabalha sob a guia do mestre que lhe é affim — a influencia de Poussin prejudicava os trabalhos do pintor de Santa Genoveva. Poussin pintou quadros decorativos, mas que se bastavam a si mesmos; não decorou monumentos. Acompanhando cégamente a esthe-



PUVIS DE CHAVANNES

(Retrato feito pelo mesmo Artista).

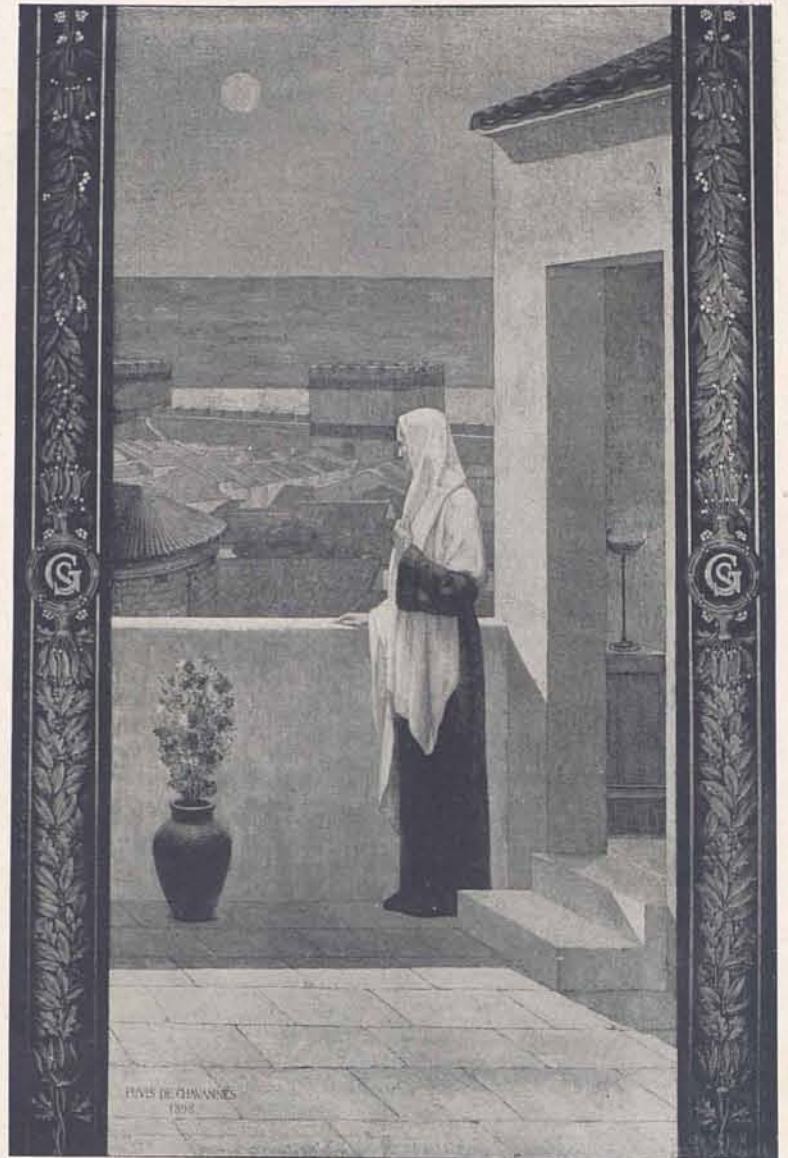
tica do grande mestre francez, Puvis de Chavannes estreitava a sua composição dentro dos limites do quadro, não podia attingir a essa arte dos agrupamentos e equilibrio das massas em que mais tarde ninguem o igualou. Mas assim que viu as suas télas collocadas, na severa moldura de pedra, sob a luz prestigiosa que nenhum atelier pôde dar, o artista percebeu que, vindo completar a architectura, a pintura tem de se accommodar ás suas linhas, de atenuar o brilho das suas côres até se harmonisar com a pedra pardacenta e fria, com a claridade reduzida, com a penumbra em que se embebem os reflexos. D'ahi a impossibilidade para o pintor decorador de dar por meio d'ella uma exacta representação da vida real.

Não quer isto dizer que a composição decorativa seja forçosamente symbolica. Sem os attributos classicos das allegorias antigas, sem as complicadas e obscuras intenções da pintura litteraria dos nossos tempos, Puvis de Chavannes conseguiu fazer nas suas obras a traducção clara das idéas que lhe inspiravam as scenas ou espe-

ctáculos da vida. Elle costumava dizer que « a todas as idéas claras corresponde um pensamento plastico que as traduz ». As suas idéas claras eram os pensamentos de belleza elevados e serenos, que requerem uma grande simplicidade de representação. Isso o levou a reduzir o desenho e a côr até á pura indicação do movimento, á silueta do gesto, dentro da cinza luminosa, da claridade elysiaca dos sonhos. Simplificar a visão das cousas, para a tornar mais solemne e impressionante pela pureza da contemplação, foi o principio da sua esthetica. Os seus detractores disseram que isso era desculpa de não saber desenho nem colorido. Mas uma exposição de estudos para diferentes grandes quadros mostrou, ha alguns annos, no palacio do Campo de Marte, que o mestre Puvis desenhava a academia como qualquer premio de Roma.

O que os premios de Roma geralmente não sabem como elle é a arte da composição; o que nenhum ainda dera antes d'elle foi essa harmonia encantadora das figuras com as paizagens, concorrendo para um effeito de conjunto, que os detalhes pittorescos de representação não vêm amesquinhar. Postas nos seus logares, as pinturas de Puvis de Chavannes produzem a impressão mais prestigiosa que pôde dar a obra de um pintor decorador. Sem *furar as paredes*, como os quadros pittorescos de grande relevo e realidade physica que lhes ficam ao pé, as scenas da vida de Santa Genoveva no Pantheon attrahem irresistivelmente os olhares. O espirito se prende áquellas figuras de humanidade humilde, simples notações de sentimentos, de movimentos d'alma, e vive com ellas na atmosphera em que o artista as collocou e que passa a ser a da nossa contemplação. Sem preocupações de mysticismo, nem de doutrina esthetica fóra do campo da sua actividade, a elevação da obra de Puvis de Chavannes resulta da sua sinceridade. Frescura perenne de sentimento, graça ingenua da expressão limitada nos *effeitos*, grandeza dos scenarios em que os personagens vivem desafogadamente da vida das sombras felizes, equilibrio, harmonia dos grupos e das massas e adaptação do desenho e do colorido ás linhas de architectura e ao ambiente em que tem de ser vistas as suas pinturas são as qualidades principaes do mestre que a arte franceza acaba de perder, e que, depois de enriquecer os museus de provincia com os seus paineis, realisou na decoração da Sorbonne e do Hôtel de Ville de Pariz e da Bibliotheca de Boston o seu sonho de artista creador e poeta.

Nicolas Poussin dizia que inventar n'uma arte era descobrir harmonias que lhe são proprias. Puvis de Chavannes foi um grande inventor. Por lhe ter vindo tarde, já na velhice, o premio do seu longo esforço, não foi elle menos feliz. A sua fortuna inveiavel e rara foi ter apprehendido uma grande obra e



Santa Genoveva abençoando a cidade de Pariz

Ultimo quadro de Puvis de Chavannes exposto no salão do Campo de Marte de 1898.

realisal-a e morrer sobre ella, sem ter conhecido as miserias do declinio, nem a saciedade da gloria, nem os tormentos dos recomços. Essa é a belleza da sua vida de cultor da Belleza.

DOMICIO DA GAMA.



O Bosque Sagrado.

Painel decorando o grande amphiteatro da Sorbonne,

THEATRO HESPAÑHOL

EMQUANTO cada nação formava o seu theatro com elementos assimilados, o theatro hespanhol nascia espontaneamente, sem dever a outros a sua origem. Exemplo de honra e de fé, o theatro se tornou na Hespanha uma força nacional, e de tal modo pujante e respeitada, que Agustin Rojas, n'um livro celebre, dizia :

« 1492 é uma data capital. N'ella Fernando e Izabel viram cahir os ultimos mouros no sitio de Granada ; Colombo descobriu a America e Juan de la Encina fundou o theatro hespanhol. »

E no imperio de Carlos V, onde, no dizer de Victor Hugo, o sol jamais se deitava, a Arte se irradiou luminosa e avassaladora. O anno de 1492 dotou tambem a Hespanha da fatal Inquisição ; mas, na península a comedia e essa instituição puderam viver em boa intelligencia, porquanto numerosos poetas dramaticos, entre os mais illustres, entraram nas ordens, taes como Montalvan, Tirso, Calderon, Moreto, Solis ; e os familiares do Santo-Officio tiveram por chefe e director o grande Lope de Vega.

A explicação é, talvez, simples, se relembrarmos que peças sacras, como os *autos*, subsistiam na Hespanha paralelamente ás produções de caracter profano, ao contrario do que se deu em França, onde os *mysterios* cederam lugar ás tragedias e ás comedias. O theatro hespanhol conservou assim um cunho original, até que no decurso do seculo XVIII as idéas francezas galgasssem os Pyrenêos e o sopro revolucionario de Voltaire transpuzesse as fronteiras. A partir d'esse instante, a arte dramatica perdeu na Hespanha, e por largo tempo, a sua feição peculiar.

Juan de la Encina, considerado como fundador do theatro nacional, não escreveu comedias nem dramas, porém pequenos poemas, a que denominou *eglogas*. Musico e poeta, nascêra em Salamanca em 1468, e na data gloriosa de 1492, segundo resam as chronicas, começaram a ser representadas publicamente em Castella as suas produções. Apareciam, então, as companhias ambulantes, e o theatro secular data da organização d'esses bandos errantes, que interpretavam comedias, emquanto, nas ceremonias do Natal, Sexta-feira Santa e Paschoa, as processões representavam os *autos* ou peças sagradas.

Cumprê, porém, observar que Rodrigo de Cota e Fernando de Rojas, auctores de *Celestina*, monumental comedia em 21 actos, precederam Juan de la Encina. Essa peça, que não foi posta em scena, apresenta um typo de mulher vendedora de philtros de amor, que ainda hoje aparece em dramas modernos. A Rodrigo de Cota attribue-se tambem uma composição bizarra, intitulada *Mingo Revuelgo*, de alcance politico, em que são verberados os escandalos do reinado de Henrique IV da Hespanha. *Mingo Revuelgo*, *Celestina* e as *Eglogas* constituem os primeiros balbuciantes do theatro hespanhol.

Ao mesmo tempo que formava a arte dramatica de seu paiz Juan de la Encina fundava igualmente o theatro portuguez, porquanto d'elle se deriva Gil Vicente, o mais celebre d'entre os successores immediatos do poeta de Salamanca.

Gil Vicente compoz 42 peças em hespanhol e portuguez, pois, vivendo na corte de D. Manoel, escreveu diferentes comedias em idioma castelhano, no intuito de ser agradavel á princeza hespanhola D. Beatriz. Foi elle, litterariamente, o creador dos *autos*, entre os quaes cumprê citar *San Martinho* e a *Sybilla Cassandra*.

Sob o impulso dos dois mestres alludidos, a producção dramatica multiplicou-se, apparecendo, então, os nomes de Lucas Fernandes, Altamira, Juan Pastor, Juan de Pedraza e outros. Entre todos, porém, salienta-se Torres Naharro, auctor da *Propaladia*, collecção de obras lyricas e dramaticas, considerado, a justo titulo, como o pae do drama hespanhol. Á simplicidade das *Eglogas* substituiu elle o interesse do dialogo, e nas suas oito comedias estabeleceu implicitamente preceitos artisticos, com a divisão systematica de *dias*, em vez de *actos*. Foi tambem elle o inventor do *gracioso*, typo inseparavel do drama hespanhol. A Inquisição prohibiu a exhibição das peças de Naharro, e é esse o motivo pelo qual elle, precursor de Lope de Vega, nenhuma influencia exerceu sobre a arte dramatica de seu paiz.

Diaz Tanco e Cristobal de Castillejo, cujas peças são hoje desconhecidas, fizeram successo entre Naharro e Lope de Rueda. Este, á frente de uma companhia de comediantes, percorria, em 1548, a Hespanha, de Cadiz a Oviedo, representando scenas curtas a que chamavam *pasos*, e que offereciam certa identidade com as primeiras farças de Molière. Actor e auctor, Lope de Rueda escreveu peças de mordente causticidade, em prosa e em verso, nas quaes, retrazendo fielmente caracteres, flagellava os vicios e os escandalos da epocha. De 1544 a 1567, em que morreu, Lope de Rueda symbolisa o theatro hespanhol, e criticos ha que o consideram como o fundador da arte dramatica nacional.

Entre os dois Lope, de Rueda e de Vega, a formação do theatro adquire notavel actividade. Desponta o nome de Juan de Pimonedá, discipulo de Rueda, Aveda^{na}, Miranda, Alonso de la Vega, limitando-nos a citar os mais conhecidos.

Por esse tempo a escola erudita tentava implantar na Hespanha o culto da antiguidade, cuja victoria só poderia preju-

dicar a originalidade hespanhola. Graças á influencia persistente de Naharro, affirmava-se, porém, o gosto pelas peças historicas. E entre os que se inspiravam nas paginas brilhantes dos feitos nacionaes e os que defendiam a superioridade da tragedia, a lucta se circumscrevia. Emquanto comediantes nomades interpretavam peças genuinamente hespanholas, iam sendo traduzidas as composições de Euripides, Plauto e Terencio, por Boscan e outros litteratos de merito. N'essa lucta a prol do elemento nacional, distinguiu-se, entre todos, Juan de la Cueva, que é o élo que intellectualmente une os nomes gloriosos de Naharro e de Lope de Vega.

A elle succederam, sem especial realce, Virués, Artieda, Juan Rodriguez, Pero Diaz, Damian de Vegas, etc., que nos conduzem directamente ao eximio escriptor Miguel Cervantes. O auctor de *Don Quichotte* não occupa na arte dramatica uma posição emminente. Entre as 30 comedias que fez representar, destacam-se a *Grande Sultana*, *Numancia*, o *Labyrintho do Amor*, que testemunham um bom discipulo de Juan de la Cueva. A acção é em geral exigua, a par de incidentes numerosos e superfluos. Mais dignos de menção parecem ser os seus *entremeses*, pequenas peças de estylo preciso e vivo. Mas o renome nascente de Lope de Vega prejudicou fundamentalmente Cervantes como dramaturgo. Desde as primeiras tentativas de Juan de la Encina até elle, Lope de Vega reúne em sua mão soberana todos os elementos, e os seu rivales lhe acclamam o nome aureolado.



A grande actriz hespanhola Maria Guerrero e seu marido o grande actor Don Diaz de Mendoza.

O poeta reinou magestosamente; e só Sophocles, na Grecia, atingiu a tão alta gloria.

Emquanto viveu, não teve eguaes, e Tirso de Molina, seu émulo, declarava humilde a sua inferioridade relativamente ao mestre. Sacerdote, director dos familiares da Inquisição, Lope de Vega teve, conferido pelo clero de Madrid, o titulo de *cappellan mayor*. Vivia em pleno esplendor. No theatro, os seus triumphos eram diarios; na vida, o seu brilho era sem par. Orgulho do povo, visitavam-no os estrangeiros como uma gloria da Hespanha; e nas ruas percorridas pelo poeta, a multidão em delirio o saudava. *Phoenix dos Espiritos*, designavam-no os seus contemporaneos, aos quaes elle inspirava a admiração, ao mesmo tempo que um vago pavor. Em vinte e quatro horas compunha um drama de 2400 versos, rico de invenções novas; e assim poude escrever 18000 dramas e comedias, e 400 autos e entremezes. Essas 2200 peças foram representadas durante a sua vida; e, levando em conta as odes, os madrigaes e os poemas épicos que compoz, calculou um de seus biographos que o numero de versos de Lope de Vega não era inferior a vinte e um milhões e trezentos mil. Com essa fecundidade sobrehumana ninguem pudéra jamais competir.

A Hespanha deve ao seu grande comediographo uma litteratura completa, porquanto as produções de Lope reúnem todos os caracteres da poesia. Verdadeiro chefe e dominador, elle lançava ao olvido todos os contemporaneos, e os talentos que ao seu brilho se eclipsavam, só luziram quando o grande astro se extinguiu. Limitemo--nos a enumerar, na longa série de suas obras, a *Niña Boba*, o *Moinho*, *Bernardo del Carpio*, a *Estrella de Sevilha*, *Castigo sem vingança*. Entre os seus discipulos, é justo lembrar os nomes de Damian del Poyo, Gaspar de Avila, Mira de Mescua. Seguiu-se a Lope de Vega uma epocha muito productiva, na qual se salienta, como mais fecundo, o poeta Luis Guevara, que compoz 400 peças. Extensa seria, porém, a lista dos dramaturgos e comediographos d'essa éra fertilissima, a que se deu a denominação de cyclo de Lope de Vega.

Os theatros das differentes nações são, em geral, synthetizados por um ou dois nomes. Na Inglaterra, Shakespeare o symbolisa; na Allemanha, Schiller e Goethe; em França, a trindade augusta formada por Corneille, Molière e Racine; na Grecia, onde o genio brilhou esplendidamente no seculo de Pericles, citam-se Eschylo, Sophocles, Euripides e Aristophanes. A Hespanha, mais rica, mais abundante, reúne n'uma só gloria seis nomes: Lope de Vega, Tirso de Molina, Alarcon, Rojas, Moreto e Calderon de la Barca.

Tirso tem a graça, a malleabilidade e o vigor comico; Alarcon é profundo e impeccavel na fôrma; Rojas, energico e brilhante; Moreto, natural e logico; Calderon, finalmente, é grandisimo.

Tirso e Alarcon foram contemporaneos de Lope; os outros podem ser considerados como seus successores; mas abraçam conjunctamente o periodo de esplendor do theatro hespanhol, conhecido sob a appellidação de Edade de ouro.

A biographia de Tirso de Molina não é tão conhecida quanto a de Lope de Vega. Mas para a gloria d'aquelle auctor, basta, como judiciosamente observou Agustin Duran, a lista de suas prodigiosas produções.

Tirso de Molina é um pseudonymo: chamava-se Gabriel Tellez, e esse escriptor, muita vez licencioso, cujas phrases ousadas têm sido transcriptas mediante metaphoras decentes, foi sacerdote.

Frei Gabriel Tellez nasceu em Madrid, em 1585, segundo uns, ou em 1570, conforme a affirmação de outros.

Sua mocidade, dizem os seus biographos, fôra tempestuosa; e após muitos annos de agitadas aventuras, Tirso foi successivamente mestre de theologia, prégador e director do convento de Soria, no qual falleceu aos 78 annos.

O appellido que o illustre escriptor adoptou, tinha por fim occultar á multidão a personalidade do prelado, que, sob o seu verdadeiro nome, não teria semelhantes audacias.

Em 1624 foram publicadas as obras principaes de Tirso, entre as quaes o *Timido na Corte*, o *Ciumento prudente*, além de poesias avulsas. N'essas composições frei Gabriel Tellez percorre a escala que vae do nobre ao picaresco e toma todos os tons: lyrico, épico, rustico, eucharistico.

Dotado de admiravel espirito inventivo, sabe Tirso de Molina excitar a curiosidade e o interesse do espectador, em scenas movimentadas e espirituosas. Manejando a sua lingua com especial malleabilidade, o immortal comediographo, posto que zombasse do *culteranismo*, ou maneira affectada de Gongora, pôde ser algumas vezes acoimado de gongorismo. Em geral, porém, o seu dialogo é prompto e vivo, e os seus personagens fallam uma linguagem facil e fluente.

Emquanto nas peças de Lope as mulheres são invariavelmente irreprehensíveis, no ponto de vista moral, nas comedias de Tirso, ellas, são apresentadas sempre sob um aspecto desagradavel. Intrigantes ou viciosas, subjugam sem piedade os homens, fracos e timidos, vencidos pela astucia feminina. Como exemplos poderiamos citar, entre outras composições, a *Republica ds avessas*.

Apenas, por uma excepção digna de nota, na peça intitulada *A sabedoria de uma mulher*, aliás um dos mais applaudidos dramas do antigo theatro, apparece uma figura feminina, a rainha Doña Maria, merecedora de respeito.

O *Burlador de Sevilha* é, porém, a obra mais afamada de Molina, comquanto não seja a primeira na perfeição. Outras comedias suas são, seguramente, mais correctas quanto á fôrma, outras muitas são mais bellas quanto á essencia. Mas na peça alludida, Tirso creou o typo immorredouro do Don Juan, que tem sido tão largamente interpretado por numerosos auctores.

Mais obscura ainda do que a de seus predecessores, é a vida de Alarcon, cujo perfil biographico foi assim synthetizado: homem de finanças, poeta e corcunda.

Juan Ruiz de Alarcon y Mendoza nasceu no Mexico, em Tasco, no seculo XVI. Até 1598, epocha em que o seu nome se tornou conhecido na Hespanha, que elle fôra habitar, nada se sabe do grande escriptor, fallecido em 1639.

E da sua biographia tão pouco se pôde formular, já pela incuria de seus contemporaneos, já pela animosidade que sempre lhe foi testemunhada.

Calumniado, ultrajosamente vilipendiado, Alarcon respondia, n'um soberbo desprezo, a todos os golpes da critica ou da maledicencia, com um sorriso altivo.

Disforme no physico, magnifico no moral, suscitou sem cessar, em torno de sua pessoa, o odio e a inveja. Lope de Vega, que prodigalisava elogios, atacou com vehemencia o poeta mexicano, e, sem nos referirmos aos insultos vibrados contra elle por Montalvan, Gongora e Quevedo, lembremos o que do vate desventurado dizia Tirso: « Seus versos são tão mal feitos quanto o auctor. »

Mas Alarcon não replicava. De sua superioridade dão, entretanto, prova as peças inspiradas nas suas. Corneille, escrevendo o *Menteur*, soffreu a suggestão immediata d'esse poeta, cujas comedias, diz Alberto Lista, um de seus biographos, são todas originaes, já quanto ás situações, já quanto ao assumpto.

Entretanto, diversas produções suas foram durante muito tempo attribuidas a outros, e só em 1634 Alarcon, abandonando a sua habitual reserva, exigiu, n'um prefacio de suas obras, que lhe fossem reconhecidos os direitos de paternidade litteraria.

Comparado com os outros poetas celebres, a que nos estamos referindo, Alarcon produziu pouco. Suas comedias não são em numero superior a 26, o que significa um algarismo restricto para aquella epocha de tão opulenta fecundidade.



Cliché A. Garcia.

MARIA GUERRERO

(No papel de Clara da Niña Boba).

Entre as suas composições, cumpre enunciar os *Muros ouvem*, a *verdade suspeita* e *Adquirir amigos*, que bastariam para o brilhantismo de sua gloria.

Alarcon singularizou-se pelo intuito constante de dar um objectivo moral ás suas peças. A magnanimidade das concepções distingue esse poeta, que em suas produções professa o amor á verdade, glorifica a amizade, pune a maledicencia, e dedica aos sentimentos de honra e de generosidade as paginas mais bellas de seus livros.

Na opinião de alguns, Alarcon, o corcunda, que tanto soffrera da ingratição e da maldade, tem o encanto de uma creação romantica, de uma d'essas figuras de antithese, como sonhára Victor Hugo: Quasimodo ou Gwynplaine.

Rojas, natural de Toledo, é considerado como o mais tragico dos poetas hespanhóes.

De sua existencia pouco se sabe, e mais de um escriptor, no intento de referir-lhe a vida, tem sido levado a confundir Francisco Rojas com outros do mesmo nome, porquanto esse appellido era vulgar.

Deve o theatro hespanhol cerca de 80 peças ao poeta de que tratamos, sem contarmos uma dezena de outras escriptas em collaboração com Mira de Mercua, Guevara, Montalvan e Calderon de la Barca.

Garcia del Castañar é a sua obra prima; mas dois de seus dramas mediocres suggerem a idéa de duas grandes obras. *Nas Facções de Verona*, posterior a *Romeo e Julieta*, vê-se que o poeta hespanhol se inspirou na mesma fonte que Shakespeare; em *Não se pôde ser pae e rei*, Rotrou tirou as linhas geraes de *Venceslas*.

Citaremos ainda, entre as obras de Rojas, *Blanca y Don Mendo*, *la Esmeralda de Amor* e *Cain de Catalona*.

Quanto a Moreto, divergem os biographos em relação ao seu berço. Nascido em Madrid ou em Valença, Agustin Moreto era filho de uma actriz, e, depois de uma existencia accidentada, veio a morrer na segunda metade do seculo XVII, inserindo no seu testamento uma clausula original, a de ser sepultado no campo dos supplicados.

Asseguram, entretanto, outros que essa anecdota não merece credito, apesar de ter sido reproduzida por quantos até recente data se tem occupado da personalidade de Moreto.

Sabe-se que elle tomou ordens em 1657, e que, mesmo depois, sem olvidar os deveres de seu ministerio, escreveu abundantemente para o theatro.

El rico hombre de Alcala foi o seu mais fulgurante triumpho; e na Allemanha, onde Dorhn verteu para o idioma germanico as peças principaes do antigo theatro hespanhol, nenhuma alcançou tanto successo quanto a que acima enunciamos.

El Desden con el Desden é ainda hoje applaudida na Hespanha; e como estudo de caracteres pôde ser citada entre as obras primas do vasto theatro antigo.

Depois d'essa comedia, as mais celebres de Moreto são, sem duvida, o *Bello Don Diogo* e a *Tia e a sobrinha*; conta, porém, o poeta nada menos de 108 composições, das quaes apenas quarenta, approximadamente, são hoje conhecidas.

A Calderon coube o sceptro de Lope de Vega. Em sua epocha a arte da scena attinge o apogeo. O systema dramatico, cujas bases tinham sido lançadas por Lope, tomou uma feição estavel e definida; e Calderon reuniu e resumiu as qualidades de seus predecesores, symbolisando verdadeiramente o exuberante theatro hespanhol. Nascido em 1600, aos 13 annos compoz o *Carro do Céu*, e, antes de deixar a Universidade de Salamanca, onde se distinguira, tinha feito representar, nos principaes theatros da Hespanha, varias peças de sua lavra.

Escudeiro do duque d'Alba, bateu-se na Italia e em Flandres, e é n'esse periodo agitado que elle produz as suas mais famosas comedias, taes como *Casa com duas portas*, *A vida é um sonho*, etc.

Em 1651 fez-se padre, o que não obstou a producção de comedias, mesmo profanas; e de sua actividade dá eloquente exemplo a *Sorte e Divisa de Leonidia e Marphisa*, escripta aos 80 annos,

Avaliam-se em 700 as suas peças, entre as quaes 320 comedias ou dramas. Mas um terço de suas produções pertence ao genero denominado de « capa e espada », no qual Calderon foi inimicavel.

Succede ao grande poeta a epocha decadente, a que já fizemos referencia, e que coincide com a subida dos Bourbons ao throno de Hespanha.

La Huerta e Moratin luctam contra a acção antinacionalisadora do theatro, mas os seus esforços são debeis. Na situação politica que vae de 1808 a 1814, a vida dramatica foi vacillante, até que sur-

diram os nomes de Gutierrez e Zorrilla. Na senda por elles aberta trilharam, então, Campoamor, poeta e dramaturgo, Camprdon, Cisneros, Diana, etc. Dois poetas, synthetizando novas tendencias litterarias, começaram a impôr-se á admiração dos seus contemporaneos: Ayala e Tamayo. Do primeiro basta recordar *Consuelo*; do segundo, o *Drama Novo*, que o artista Novelli tornou conhecido no Brasil, vertido para o italiano. E na vasta pleiade de robustos talentos que têm surgido em nossos dias, lembremos Gaspar, Echegaray, Selles, Cano, Codina (o auctor de *Dolores*), Dicenta, etc., que ainda triumpham nas scenas hespanholas.

N'esse rapido e incompleto estudo, tivemos em vista demonstrar que, fiel ás suas tradições, a Hespanha não perde, no meio das fluctuações politicas, o seu character original. Entretanto, o antigo theatro hespanhol, tão

rico, tão genuino, cahira derradeiramente no olvido. As zarzuelas e as comedias modernas attrahiam o publico, e os nomes immortedouros de Lope e de Tirso ficariam reservados ao culto exclusivo dos eruditos, se uma actriz, heroicamente luctando contra preconceitos artisticos, não acudisse em salvos do esquecimento. Essa artista é Maria Guerrero, que o publico parisiense teve ensejo de applaudir no Theatro Renaissance. Cedendo ao convite amavel de Sarah Bernhardt, que já havia offerecido a hospitalidade de seu templo olympico a Duse e a Novelli, dignos representantes da arte italiana, Maria Guerrero, fundadora do *Teatro Español* de Madrid, veio dar, na capital do mundo, uma pequena serie de representações.

Peças assignadas por Calderon, Tirso, Lope e Moreto, Echegaray e Zorrilla foram interpretadas pela eximia comediante, que revelou no drama antigo e na comedia moderna a admiravel maleabilidade de seu talento. O seu successo foi completo na *Niña Boba*, considerada um dos melhores papeis; e depois de ter, em elegante *matinée* do *Figaro*, interpretado scenas do *Don Juan* de Molière, na lingua franceza, que lhe é familiar, a grande actriz hespanhola representou o *Don Juan* de Zorrilla, em que mereceu unanimes encomios. Ao seu lado, Paris applaudiu, nos principaes papeis masculinos, o sr. Diaz de Mendonza, fidalgo de alta estirpe, herdeiro de um titulo antigo, o qual, seduzido pelo peregrino talento e pela delicada belleza de Maria Guerrero, desposára a eminente actriz. N'essa *troupe*, em que era digna de elogios a uniformidade do valor artistico, outros nomes nobres se contavam, entre os quaes o de Mario Aguado, representante de uma das mais conhecidas familias de Madrid. Isto significa que não existe na Hespanha preconceito contra a arte dramatica, como manifesta o acolhimento que a aristocracia madrilena offerece á artista Guerrero, *femme du monde* na melhor accepção, actriz gloriosa cujo nome se gravará em lettras de ouro na historia do Theatro hespanhol.



Cliché A. Garcia.

MARIA GUERRERO

(Representando uma *saynete* Valenciana.)

MARIO DE LEMOS.

GUILHERME II NA PALESTINA

(Croquis da Illustrirte Zeitung de Berlim e Leipzig)

ESTE Imperador, meio enigmático e mysterioso, quasi épico a espaços, cabotino muitas vezes, mas sempre magestoso, cheio d'alma, grande e curioso sobretudo, — acaba de visitar os Logares Santos, em grande pompa. Não entrou em Jerusalem como chefe de Templários, ou Ricardo (o Coração de Leão), Paulo Ermita ou qualquer outro famoso e santo guerreiro das Cruzadas, — d'espada n'uma das mãos, brandindo com a outra a Cruz. Não. Este Principe que tanto adora o clamoroso Krupp, ladrando em uivos de sangue e de morte, na noite ululante da Historia, este sombrio propheta das futuras matanças, figura emproada de Lohengrim descendo o Escalda, não como aquelle que conhecemos da Opera, na barquinha vaporosa, trazida á flor das agoas pelos dois cysnes brancos que a amparam na caricia branca das azitas côr de luar coado, mas no *yacht* blindado sobre o qual todos os soberanos fixam sobresaltados os olhos, — vem da romaria piedosa e theatral aos logares onde expirou ha vinte seculos o amoroso e idealista Jesus, com ares d'um triumphador. A viagem tinha sido delineada a largos traços na grande chancelaria imperial e na Agencia *Cook*; e por isso em frente dos dois concurrentes, não sabemos quem mais elogiar pela excellente execução de todo o programma, — se o M. de Bülow ou se o mui celebrado *Thos Cook and Co.*

Não vamos acompanhar as magestades allemãs desde o embarque em Potsdam, n'uma noite radiante d'acclamações, entre alas de tropa, membrudos guardas do palacio e athleticos couraceiros brancos. Não nos occuparemos tambem da entrevista rapida do Imperador Guilherme e do rei Humberto, na cidade dos Doges, na poetica Veneza das gondolas onde eternamente viceja a melancholica flor azul do romantismo. A viagem do soberano da Allemanha só nos principia a interessar em Constantinopla, a começar na visita a Abdul Hamid, — o sultão sanguinario dos cem mil Armenios estripados...

Eil-o na terra dos Osmanlis, de braço dado ao Commendador dos Crentes. Stambul está vestida de gala para receber o poderoso Monarcha Christão que é o chefe supremo de 4 milhões de soldados e o fornecedor dos arsenaes turcos. *Hoch lebe der Kaiser!* repetem em vosaria os aulicos de turbante, á mistura com a policia allemã que ha quinze dias andava vasculhando por todo os recantos das cidades por onde passavam os augustos viajantes a vêr se descobria sombras ravocholescas, com marmitas infernaes, promptas para fazer em caldeirada, com molho de dynamite, os Imperiaes unctos e todos esses inclitos Personagens. Mas nem um simples *bonbon* de nitro-glycerina, mesmo aperfeiçoado por qualquer Edison tragico, treslido em Bakouine e sabendo de cor os processos chimicos dos terroristas *dernier bateau*. Decididamente, como diria o carracundo Brunetière, a Anarchia falliu! Podem-nos fallar nas bombas d'Alexandria, encontradas n'uma tasca italiana e da prisão de varios suspeitos; mas tudo isso nos pareceu, desde o começo o trecho d'um melodrama mal ensaiado n'um theatrinho de curiosos. A hydra não abriu as garras, nem fez transluzir, nas trevas, a lima afiada de Luccheni...

Se o acolhimento que Guilherme II recebera em Veneza fora entusiastico, com o vivorio dos Italianos no Grande Canal; a festa turca ultrapassou-o em brilho e riqueza. Rodeado de todos os seus ministros, altos funcionarios, a caza militar e comitiva civil, o sultão recebeu o soberano allemão com todas as honras. Depois de terem trocado effusivos apertos de mão, o manhoso Abdul Hamid deu o braço á Imperatriz, em quanto as musicas tocavam o *Wacht am Rhein*. Um descanso de hora e meia, e em seguida a comitiva

dirigiu-se para Yldiz. A chronica das Gazetas nada nos diz sobre a entrevista de Guilherme II com as sultanas. Uma folha londrina affirmou que o Kaiser ficara muito pezaroso por não ter podido vêr o Harem. Receios do sultão que não tem inteira confiança no seu novo alliado ou prohibição da Imperatriz? Mysterio...

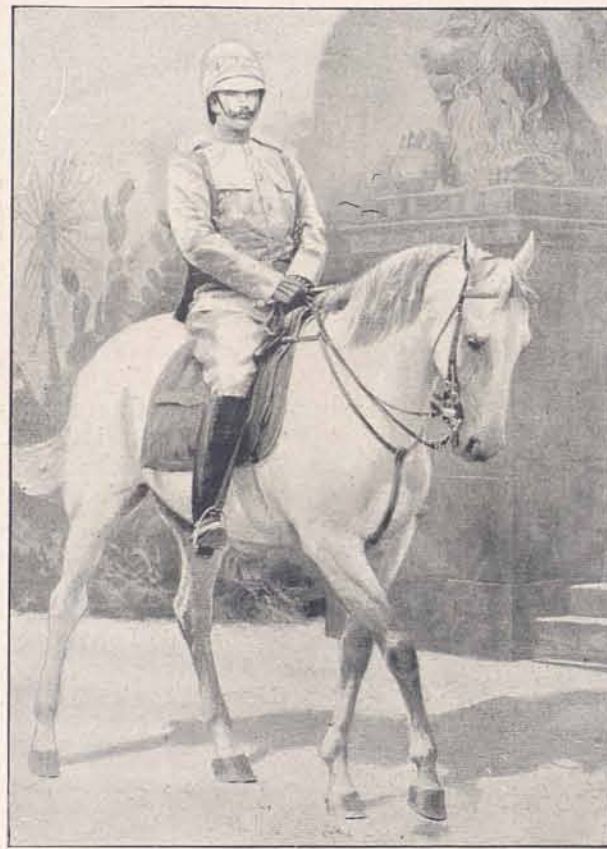
Detalhe curioso. Em quanto o Sultão enchia d'obsequio, de prendas, d'extraordinarias dádivas o Imperador da Allemanha, — as tropas da marinha allemã, conjuntamente com as da França, da Russia e da Inglaterra, expulsavam de Creta os ultimos soldados turcos e infligiam á Turquia uma humilhação que a rebaixava sobretudo aos olhos dos crentes do Crescente. Inutilidade todas essas carnavalescas festas officiaes, — haviam de pensar os altos funcionarios turcos, se por accaso no paiz dos eunucos, mesmo os grandes dignatarios da côrte tivessem licença para pensar...

Em Terapia onde se encontra a embaixada allemã e onde

existe uma grande colonia prussiana, as festas tomaram um caracter mais geral. *Hoch lebe der Kaiser!* E as marchas guerreiras entoadas pelos bebedores de cerveja, celebravam a boa-vinda do Imperador temido e respeitado. O que deviam pensar no fundo do harem, proximo do Bosphoro azul de turqueza, as odaliscas côr d'ambar pallido ou de leite nevado, estendidas, perfumadas e pintadas, nos coxins de gaze laminados de prata e ouro, *takens* finos das favoritas! Mas os canhões troam na vasta bahia, em quanto as ikbals nos jardins do Palacio guardadas por eunucos e aivassas, sonham... sonham... pobres foragidas do apodrecido Oriente!

Á despedida entre o sultão e o Imperador foi tambem a mais cordeal. Trocaram presentes d'alto valor. Guilherme II offereceu-lhe uma fonte commemorativa que vae ser levantada n'uma das praças principaes de Constantinopla.

E horas depois, o *yacht Hohenzolern*, escoltado por navios de guerra turcos, dirigia-se para Haiffa. Sabem qual foi o derradeiro serviço que o sultão prestou ao Kaiser? Offereceu-lhe como adjudante d'ordens, durante a viagem pela Palestina, o celebre Djevad Pacha — que foi o auctor da maior parte dos massacres d'Armenia. Lindo presente para um principe christão!



Guilherme II no seu uniforme de viagem a Palestina.

E eis os soberanos allemães, o Imperador e a Imperatriz na Terra Santa. Desembarcaram em Haiffa e vieram de carruagem pelo Cesarea e o valle de Sarão até Jaffa. A cidade estava engrinaldada com oriflammas turcas e allemães. Aqui e ali, arcos de triumpho formados de ramos verdes. A animação crescia de momento a momento. Nos bazares, os mercadores arabes, no entretanto continuavam impassiveis, vendendo estofos de côres vivas e medindo arroz, indifferentes á festa.

A colonia allemã tem-se desenvolvido ali enormemente. O correio é dirigido por allemães. Graças ao *Deutsch Palestine Bank*, o commercio allemão installa-se na Syria como em terra conquistada. Pobres filhas do valle do Sarão cantadas por Salomão! Oh lindas sulamenses de *Cantico dos Canticos*:

Oh que formosa, meu bem!
Não ha cidade afamada
Nem Thirsa nem Jerusalem
Mais bella que a minha amada.

E lindas, essas moças do valle cantado pela lyra mais repassada d'amor de todas as eras! Senão vejamos como Salomão

descreve a sua bem amada, — através dos versos divinos de João de Deus :

O teu seio é um cazal
De corcinhas, que o seu pasto
São açucenas do valle :
Nada mais tímido e casto.
Lembra-me o pescoço a mim,
Uma torre de marfim
E os olhos esses então
Os dois lagos de Hesebão.

E os cabellos? os das cabras de Galaad. A bocca um favo de doçura quando falla. A lingua uma sopa de leite e mel. E tão perfumadas todas ellas, porque como nos diz Salomão no *Cantico dos Canticos*, a sulamense bem amada parece um jardim todo plantado

Jaffa que o saudara n'um discurso pomposo. Sei o que fazeis n'este paiz, á força de muito trabalho e de tenacidade. Eu e a Allemanha vos restamos gratos. Não vos esquecerei nunca. Com o apoio de meu amigo, o sultão, posso assegurar-vos o futuro da Palestina! »

Novos *hochs* e o cortejo, após uma pequena demora no hotel, seguiu a caminho de Jerusalem pela estrada poeirenta onde, aqui e ali e a distancias longas, se encontram oliveiras tysicas, figueiras rachiticas. E tudo debaixo de 37 graus de calor, — á sombra!

Paragem no Ramleh onde se almoça, na torre dos Quarenta Martyrs. E então ahi o Imperador deixa a carruagem e monta a cavallo para ir dormir no Bab-el-Ouad, junto dos muros de Jerusalem.

Manhã clara, — e o cortejo imperial continua a sua marcha para a Cidade Santa. Montes de Judea! todoscheios de recordações! aqui se passou toda a historia do povo d'Israel, desde o começo das



Guilherme II sahindo do palacio de Toffanié em Constantinopla, para dar um passeio no Bosphoro.

de romeiras, macieira, camphora, açafão, nardo, aloes, myrrha, cinnamomo, o que ha no Libano de mais cheiroso.

Pela corça e o veado.
Moças de Jerusalem!
Não a acordeis, cuidado,
Deixae dormir o meu bem
Um somno bem socegado.

Como tudo isso vae mudar em breve, meu pobre Salomão! Na planice arida galopam hoje os cavalleiros turcos com o *talpack* negro poeirento. Na avenida ornada de bandeirolas passeiam os subditos fieis de Guilherme II e debaixo das oliveiras de sarão bebem-se bocks de Munich. Tudo se despoetisa, mesmo as regiões onde soluçou a humanidade, ha seculos, o mais divino dospoemas!

O cortejo imperial entrou em Jaffa um pouco em desordem. O Imperador e a Imperatriz n'uma carroagem, escoltados por lanceiros turcos e officiaes d'ordenança allemães, que trazem um kepi que se parece um pouco com o capacete branco des coloniaes. Os allemães soltam os *hoch* officiaes ao monarcha que sauda militarmente.

— « Sinto-me feliz e satisfeito por me encontrar aqui no meio dos meus subditos fieis, — respondeu o *kaiser* ao consul allemão de

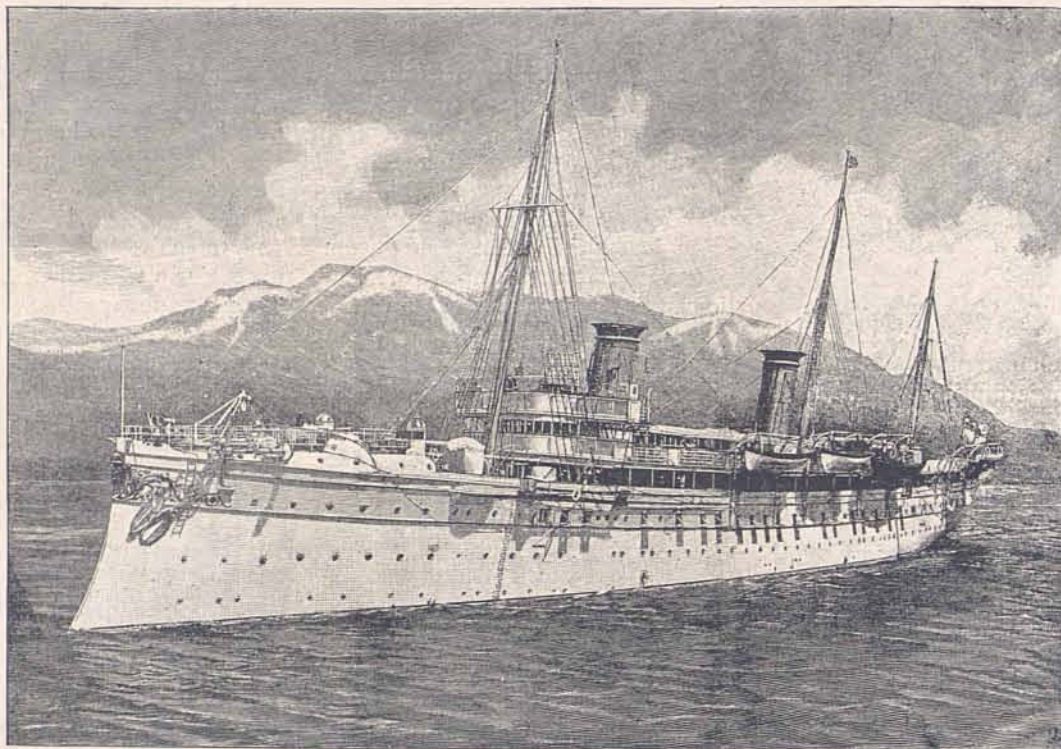
tradições sacerdotaes, a vinda dos hebreus para a Terra Prometida, as tribus de Judá fugindo aos Egypcios e contornando o mar Morto para se fixarem no valle do Jordão, depois o reino judeo, Saul, David e Salomão, a derrota dos Philistinos, o reino judaico victorioso, a supremacia religiosa e politica d'Israel, e mais moderno, todos os episodios do *novo testamento* que todos os crentes sabem de cór.

Por volta das tres horas da tarde, os soberanos allemães entram em Jerusalem pela porta de Jaffa. O Imperador vem a cavallo e atraz d'elle segue o porta-bandeira com o pavilhão desfraldado. Em volta, — a grande escolta.

A colonia allemã solta de novo as aclamações. E o cortejo dirige-se ao Santo Sepulchro, onde o recebe o Patriarcha Latino, o Monseñor italiano Piavi, escoltado por quarenta franciscanos.

O Imperador põe o pé em terra e caminha para o logar santo, dando a direita á Imperatriz e a esquerda ao M. de Bülow, o ministro das relações exteriores.

O patriarcha Latino sauda em italiano e o Patriarcha Armenio em turco e por ultimo o Patriarcha grego na sua lingua natal. Mas Guilherme II estava impaciente de tanta rhetorica, — e queria antes de tudo contemplar o tumulo de Christo. Depois foi ao templo



O Yacht Imperial « Hohenzollern ».

grego para ir ver na sacristia a espada de Godefredo de Bolhão, rei de Jerusalem, por ocasião das Cruzadas. Os sinos badalam festivos na torre do mosteiro orthodoxo e a tarde cae no horizonte franjado pelo ouro do occaso, sobre as montanhas biblicas.

E em seguida os soberanos foram cumprir os seus deveres religiosos de bons lutherianos.

Temos a gora a visita a Bethlem. Todos aquelles que acompanham ou como simples curiosos e simples *touristes* os imperiaes viajantes, com as *tickets Cook* na carteira, ou por dever d'officio, como os *reporters* de todos os grandes jornaes do mundo, — levantaram-se de manhã cedo para seguir a cavallo a estrada poeirenta que conduz á villa celebre onde segundo a piedosa tradicção nasceu n'uma noite do fim de dezembro, entre uma vaquinha mansa e um burrico branco Aquelle que devia mais tarde revolucionar o mundo pela moral altruista da sua doutrina néo-judea. O percurso é longo. A estrada sobe até ao convento grego de Marco Elias, onde se vê agora armado um pobre arco do triumpho, junto da fonte onde os cavalleiros arabes dão de beber aos seus corseis irrequietos. Mais alem fica o hospicio austriaco.

Mas os nossos olhos já alcançam a risonha collina de Bethlem ou Belem, que começa no valle cultivado de vinha, e, subindo, as oliveiras da cor d'áço esverdeado. A' direita vê-se o tumulo de Rachel, um dos mais authenticos dos *logares santos*.

Ás oito horas, — manhã radiosa, sol nado e um perfume do campo fresco que nos delicia, — os *touristes* e *reporters* chegam enfim a Bethlem. Para ir á Natividade é preciso seguir a rua estreita que sobe a collina, com a frontaria dos predios, — tristes cazinholas rudimentares do Oriente! — voltadas para o valle. Ao fundo, a campina doce do Bom-Pastor. Toda a gente das aldeolas proximas e a gente do povoado, tudo invade a estrada, — oh, as doces filhas da terra onde nasceu Jesus! Figuras de madonas italianas com a expressão preraphaelista da *Beatrice* de Botticelli. Quasi todas trazem véos brancos que caem dos penteados conicos.

Antes de visitar a Natividade, o Imperador foi inaugurar o novo orphelinato allemão de Bethlem, — um novo centro d'influencia allemã na Palestina. Este recolhimento de caridade é destinado aos orphãos dos massacrados da Armenia. Que carranca não deveria fazer o illustre Djevad Pachá, ajudante d'ordens do Imperador e delegado do sultão, elle que foi um dos grandes carrascos dos pobres armenios!

Depois, a visita dos soberanos á igreja da

bellos compridos e sedosas que caem sobre as capas refulgentes d'ornatos d'ouro velho.

Um dos actos mais solemnes da visita imperial aos *Logares Sanctos* foi a inauguração da igreja alteirã lutheriana do Salvador. Este templo é um vasto monumento d'estylo severo mas de bellas proporções. Podemos já consideral-o como um dos mais bellos templos religiosos de Jerusalem. Foi construido por subscrições dos allemães ricos da Palestina e com o apoio do governo allemão que vê sempre com bons olhos tudo quanto se faz no estrangeiro, com o fim de levantar o nome allemão.

Seria bom que o Governo Portuguez pozesse os olhos no exemplo que lhe vem hoje da Palestina. Ha dois para tres annos foi sancionada, em Paris, uma das mais lindas capellas modernas que os Franciscanos possuem no mundo. O superior da Ordem offereceu essa igreja a Portugal, — sem obrigações d'especie alguma. A dádiva generosa d'uma poderosissima congregação religiosa aos Monarchas Fidelissimos da igreja. Pois bem : o Governo Portuguez fez ouvidos de mercador e nem resposta deu ao largo e generoso offerecimento dos Franciscanos francezes! E isto, n'um paiz que consagra n'um artigo especial do seu codigo fundamental, como religião do estado, o catholicismo. E isto, n'um paiz, onde por juramento official, é preciso acreditar nos dogmas e respeitar as leis de Igreja!

O Imperador da Allemanha fez em Jerusalem o que o snr. D. Carlos devia ter feito em Paris quando aqui esteve ha cerca de



Vista de Nazareth.

dois annos. Guilherme II inaugurou com a sua presença um templo que será uma das bases da influencia allemã no Oriente, como o rei de Portugal poderia aqui, muito bem, ter assistido á consagração do magnifico e deslumbrante templo da rua de Puteaux, a Batignolles, que passaria a ser a Igreja official de colonia portugueza e uma base da nossa influencia no meio devoto da alta sociedade franceza, — rica e preponderante.

Esta opinião é tanto mais sincera e insuspeita que parte de quem tão alheio é a todas as crenças e que raras vezes frequentaria o templo de Santo Antonio dos Franciscanos, apenas por simples curiosidade esthetica, — que é como sabem, a mais inoffensiva das curiosidades...

Mas voltemos á Palestina.

A nova igreja allemã fica situada na *rua do Kronprinz Frederico Guilherme*. Sempre praticos estes teutões. E praticos e patriotas. E' que elles veem mais longe do que os nossos legisladores de Terreiro do Paço...

O Imperador da Allemanha entrou na Igreja com o seu manto de seda branca, couraça scintillante, o capacete com a aguia de prata e ouro enfiado no braço, marchando com ar solemne, ao lado dos Cavalleiros de São João, com grandes mantos de setim negro, com a cruz branca, entreabertos, por cima das tunicas d'um escarlate vivo e os calções de seda branca. Verdaderamente decorativos estes Cavalleiros de São João, sobretudo quando os vemos a cavallo, com os largos chapéus de feltro negro e grandes plumas brancas, no fundo poeirento de prata moida, das estradas dos Logares Santos.

Mas o *grand coup de tam-tam*, como disseram as gazetas, foi a dadiva aos catholicos allemães pelo que o Imperador recebeu as felicitações da Papa e firmou em bases solidas as sympathias da direita catholica no Reichstag. Esta dadiva consiste no largo espaço de terreno — junto do Cenaculo, a dormitação da Virgem, para ali se levantar em breve um templo catholico onde devem officiar os padres catholicos allemães. E eis a Allemanha installada de vez e officialmente, pelos seus dois cultos na Terra Santa. Entre a Russia com a sua orthodoxia estreita, subdividida em tantas communi-dades e chinezices de ritual e a França incoherente que não sabe proteger o que officialmente e o que pelo direito historico está sobre a sua protecção, como são os interesses catholicos no Oriente, surgiu um novo protectorado, o allemão, que sabe apoiar as suas reclamações com a força dos seus Krupps, como ainda ha pouco o fez na China, em Kiau-Tcheu, quando os missionarios catholicos allemães ali foram massacrados pelos fanaticos chins.

Vejam agora a situação dos differentes cultos na Palestina, — n'este momento.

Jerusalem é a Cidade Santa para os povos de todas as crenças e de todas as confissões. Ali se encontram catholicos, protestantes, judeus, musulmanos e gregos orthodoxos. Os catholicos estavam outr'ora todos reunidos sob a protecção da França; os orthodoxos são os gregos, os russos, os armenios, os coptas, os abyssinios; os mahometanos são os subditos de sultão e os israelitas são o resto da velha raça errante que hoje ainda pensa em reconstituir o reino de Sião, segundo as profecias.



A Fonte de Marja em Nazareth.

Vejam agora a situação especial de cada grupo de crentes em Jerusalem. Começaremos pelos catholicos que estão, como já dissemos, sob o secular protectorado da França. Fora o clero hierarchicamente constituido, os latinos que seguem a liturgia romana, ha diversas frações orientaes unidas a Roma, com ceremonias especiaes nos officios religiosos. Durante muito tempo, o clero catholico esteve representado apenas na Palestina pelos Franciscanos, os Frades Menores que tinham sido investidos pelo Papa Gregorio IX no anno de 1238 da guarda dos Logares Santos. O que não soffreram dos turcos durante seis largos seculos estes frades da corda, como ainda hoje lhes chamam os turcos! O Superior dos franciscanos que era quem nomeava os cavalleiros do Sancto Sepulchro, tem o titulo de Custodia da Terra Santa e Guarda de Monte Sião. Gozava varios privilegios antigamente e a sua jurisdição estendia-se a todos os catholicos, padres e leigos da Palestina, da Syria, do Baixo Egypto, da ilha de Chypre e d'uma parte da Armenia inferior. Mas hoje não lhe resta senão um unico privilegio, o de poder officiar de pontifical no Sancto Sepulchro, revestido das insignias de bispo embora seja um simples padre.

En 1847, o papa Pio Nono restabelleceu o patriarchado latino de Jerusalem, nomeando para essa alta funcção religiosa um prelado italiano. O actual é o Mgr. Piavi que tem ao seu lado um bispo italiano e varios padres do clero regular. Mas dos santuarios estão encarregados, como sempre, os franciscanos.

Durante as missas solemnes, o consul da França está sentado n'um *fautueil*, junto do Altar-mor. Encensam-n'o durante a festa e os officiantes saudam-n'o respeitosamente no começo e no fim da cerimonia religiosa. Rendem-lhe as honras que o ritual romano prescreve aos soberanos e principes de sangue.

A França acha-se tambem representada em Jerusalem pelos Padres Brancos que dirigem um seminario para os catholicos melchitas; pelos Padres d'Assumpção que possuem a Igreja de Nossa Senhora da França, com o noviciado e uma hospedaria para os peregrinos; os Frades Dominicanos que dirigem a escola superior dos Altos Estudos Religiosos, construida no mesmo sitio onde teve logar o martyrio de Santo Estevão; os Padres de Sião que possuem uma escola Profissional; os frades da Doutrina Christã que têm um externato; as Religiosas de São José, encarregadas das escolas parochiaes, d'um orphalinato e do hospital francez; as damas de Sião, com dois collegios; as Benedictinas do Calvario com o hospicio-escholar de orphãos greco-catholica, as irmãs de Caridade que se occupam em especial dos filhos dos Beduinos e as Carmelitas que possuem um convento no Monte das Oliveiras. E' como veem uma força enorme.

Vejam agora a situação dos musulmanos que são os unicos senhores da Palestina. Antigamente os crentes do Alkorão eram muito intolerantes e muito hostis aos catholicos que guardavam o santo sepulchro. Por diversas vezes, os religiosos franciscanos foram massacrados, perseguidos e ultrajados pelos fanaticos do Crescente que só admit



Vista de Jerichó.

tem o Credo de Mahomet e pregam a guerra santa contra *esses cães d'infieis*. Mas os tempos mudaram e, os que assassinaram ainda hontem cem mil armenios christãos, são pelo contrario bastante tolerantes na Palestina. Deixaram aos catholicos os Logares Santos de que os musulmanos continuam no entretanto a ser os proprietarios e só se apoderaram da *Ascensão*, onde construíram uma mesquita em que permitem a entrada aos christãos mediante certa retribuição e do *Cenaculo*, onde segundo a tradição tivera logar a Ceia de Christo e a Paschoa. As procissões catholicas atravessam as ruas e praças de Jerusalem, os padres de cruz alçada e cantando alto as orações do ritual romano, diante dos soldados turcos que apresentam armas e diante dos judeus que passam respeitosos. Estamos longe das matanças dos velhos sultões ou mesmo da epocha em que os judeus reclamavam a destruição da basilica de Santo Sepulchro.

Jerusalem conta hoje 75 mil habitantes dos quaes 60 mil são

a *Palestina, da Arabia, d'aem e aqem Jordão, da Syria, do Candé, do Galliléa e da sancta Sião*. Este prelado está sob a auctoridade musulmana a quem paga annualmente uma somma exorbitante. O clero grego inferior comprehende muitos sacerdotes cazados. Desde as epochas mais remotas, os gregos disputam com os latinos e frades menores a posse do logares santos. Ha dois seculos a esta parte os orthodoxos teem sempre ganho terreno. Hoje estão senhores da basilica de Santa Helena, do poço da Samaritana e dividem com os latinos a posse da gruta do Natal e do Santo Sepulchro onde no silencio da noite veem os cophtas, os armenios e os syriacos entoar ao som de cymbales e de campainhas, os cantos liturgicos gregos. Que de luctas mesquinhas entre os orthodoxos e os catholicos! Mas os gregos encontram uma protecção importante nas suas disputas da parte da Russia em quanto os catholicos são insufficientemente sustentados pela França.

Vamos terminar este capitulo sobre a influencia particular de



Acampamento Imperial nas portas de Jerusalem.

israelitas que vivem de industrias varias, sendo uma das principaes a uzura. Ha na Palestina, tres grupos de judeus: os *Sephardim* descendentes dos isrealitas portuguezes e hespanhoes, expulsos da península iberica no fim do seculo xv; os *Achkénazim*, judeus d'origem allemã, polaca ou russa, sempre muito mal vestidos e os *Karaitas* que não admittem a auctoridade do *Talmud*. São geralmente muito mal-vistos pelos catholicos e musulmanos.

Restam-nos os orthodoxos e os protestantes. Estes estão agora muito contentes com a visita do Imperador Guilherme que acaba de se proclamar tambem o protector do catholicos allemães na Palestina. As sociedades biblicas que dispoem de recursos enormes teem construido ultimamente muitos templos e escolas onde se ensina o inglez e o allemão. O templo lutheriano edificado sobre as ruinas de velha igreja de Santa Maria Latina e a casa da comunidade protestante são os dois centros d'esta confissão que cresce a olhos vistos.

A mais importante das igrejas orthodoxas é a grega. Como sabem, os Gregos orthodoxos de Jerusalem separaram-se dos catholicos por occasião do Concilio de Trento, isto é, seculos depois dos Gregos de Constantinopla, independentes do Papado Romano desde 857. Em Jerusalem segundo uma estatistica que temos presente ha 7000 orthodoxos, que são quasi todos originarios da Syria. Governam-os o Patriarcha que tem uma serie de subtitulos, uma inflada como a dos monarchas portuguezes: *Patriarcha de Jerusalem, de toda*

cada culto na Terra Santa, completando-o com uns dados curiosos com respeito ao commercio allemão no Oriente, de mãos dadas ás missões protestantes. A visita do soberano prussiano foi a apothese e a consagração d'esse trabalho paciente, mas rapido e seguro. Graças á *Deutsche Bank* que tem sido desde 1888 um concorrente dos, mais serios do Banco Ottomano (capital franco-inglez), o allemão tem aberto as linhas ferreas d'Anatolia, de Salonica e de Meca; tem explorado as minas de carvão de Heracleia; tem construido bondes electricos e illuminado muitas cidades do Oriente. Vinte por cento do commercio total em estofos, seda e fazendas no Levante é allemão. Mesmo as bicyclettas e as faianças vem tudo importado da Allemanha. Jaffa que ainda ha trinta annos estava na mão do commercio inglez e francez, é hoje o principal porto de commercio allemão n'esta parte do Oriente.

O Imperador, tendo abandonado a ideia de percorrer Jerichó, o Jordão e o Mar Morto, — seguiu para Damasco onde visitou a celebre mesquita dos Omniadas que após o terrivel incendio de ha annos, foi agora de novo reconstruida, — cheia de sua riqueza oriental. Em seguida visitou igualmente o tumulo do sultão Saladino, o bairro tão caracteristico dos arabes, passou uma revista á guarnição e assistiu aos exercicios da cavallaria dos beduinos. A' tarde, o banquete de gala e a illuminação de toda a cidade que, segundo as folhas noti-

ciosas, pelos telegrammas das agencias, foi um deslumbramento.

Em seguida, — a marcha para Beyrouth onde o Imperador e a Imperatriz, com todo a comitiva, embarcaram a bordo de *Yacht Hohenzollern*, em direcção á Europa, pelo caminho mais longo, bordejando varios portos de Mediterraneo, Malta, Cadix, etc. Não sabemos ainda á hora em que terminamos este artigo de simples reportagem, se o yacht imperial atravessará as aguas francezas, o que obrigará o governo da Republica a enviar uma esquadra que irá saudar o neto do vencedor de Sedan, — como o reclama as praxes diplomaticas.

E assim terminou a peregrinação do mais phantasia dos soberanos europeos, *snob* por temperamento, mas estadista atilado, vendo tudo, prevendo tudo, sabendo governar com força e sabendo impôr-se por vezes á admiração de mundo civilisado

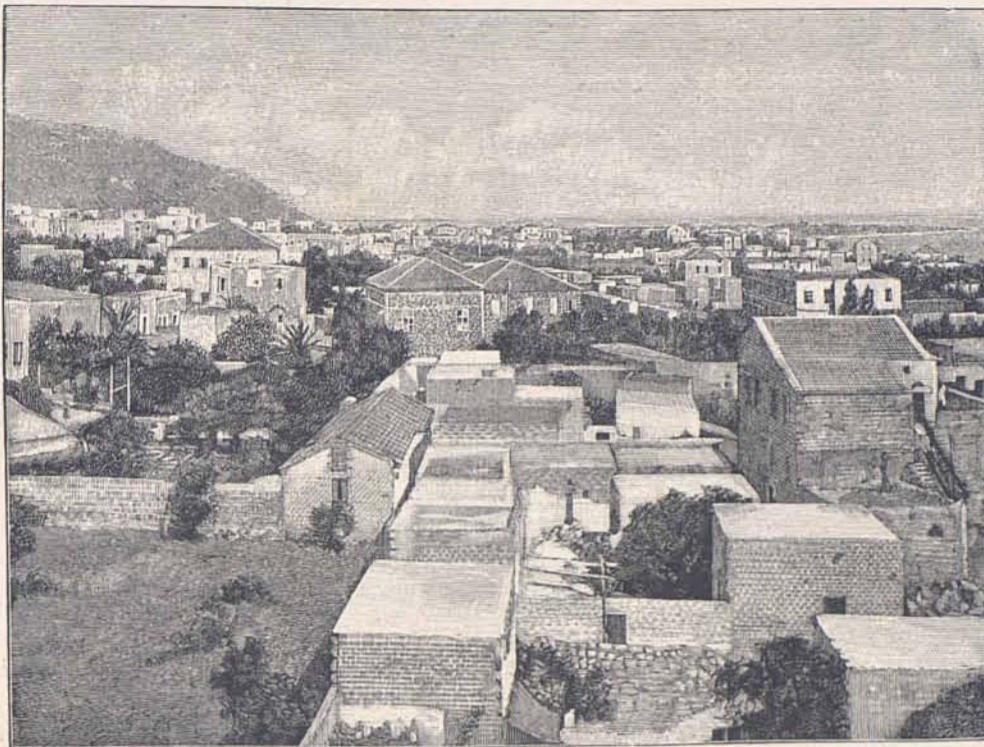
pelas suas palavras bem medidas e d'um largo vôo. O que é que o levou á Judeia, á terra dos prophetas e dos theologos? O

acesso de fé protestante, o exaggero affectivo do epileptoide, em plena crise de mysticismo religioso? Não crêmos. Foi a ambição politica que lhe guiou os passos, mesmo na sua entrada triumphal no templo lutheriano do Salvador ou presentando com a *Dormitação* os catholicos do seu imperio. O que elle quiz foi implantar com raizes profundas na terra mystica da Palestina a bandeira da Prussia victoriosa. E obteve o que desejava, ao som dos repiques festivos dos carrilhões orthodoxos, com os *hochs* dos subditos feisdetodasas

confissões e como, — apothose final, — o proprio applauso do Papa. Em toda a linha: — um triumpho!

Paris, 1898.

XAVIER DE CARVALHO.



VISTA DE KAIFA.

Suprema Tristitia

A JULIO BRANDÃO, o poeta das Saudades.

*Negras tristezas de cegos,
Fundas maguas de mendigos,
Sois doirados, doces prégos,
Suaves, meigos castigos.
— Quem me dêra, tristes cegos,
Vossas maguas de mendigos!...*

*Vossos olhos são profundos
Valles sombrios em flôr,
Cheios d'ardentes, jucundos,
Viçosos prantos d'amor.
— Quem me dêra esses profundos
Cheirosos valles em flôr!...*

*Pedem, frias, vossas mãos,
Vossos labios doloridos...
Ai! nem são de todo vão
Esses rogos nem gemidos!
— Quem me dêra as vossas mãos,
Vossos labios doloridos!...*

*Cegos, mendigos, amantes,
Qual mais cegos e mais mendigo,
De mãos frias, tacteantes,
Pela terra, trêmulo, sigo...
— Ah! mendigos e amantes,
Qual de nós é mais mendigo?*

Rio de Janeiro, 1898.

*Sois tritonhos quaes sombrios
Cárceres mudos do crime,
Vossos soluços são frios,
Vossa dôr ninguem a exprime
— Corações tristes, sombrios,
Quem me dêra o vosso crime!...*

*Soffreis d'amor... Oh tristezas
De cegos e desgraçados!...
No mundo ha meigas princezas,
Ceus risonhos, constellados...
— Quem consola essas tristezas
Dos corações desgraçados?...*

*Pobres cegos, vosso pranto
E' mais ardente que a luz
E o vosso penar mais santo
Que o martyrio de Jesus.
— Quem me dêra o vosso pranto,
Cheio d'ardor e de luz!...*

*Meus andrajos são mais tristes
Que as vossas vestes surradas;
Vós decerto nunca vistes
Por esse pó das estradas
Sombras humildes tão tristes,
Tristes vestes mais surradas!...*

LUIS DE ARAGAM.

*Ceus felizes, ceus benignos,
Ceus de gozo, ceus d'amor,
Ah! decerto não sois dignos
D'essa bondade e esplendor!
— Quem me dêra, ceus benignos,
Essa alegria, esse amor!...*

*Ah! minh'alma, irmã do Riso,
Cravo rubro abrindo ao sôl,
Busco o ceu e não diviso
Mais que um pallido arreból:
— Ha prantos, irmã do Riso,
Nos cravos, orphãos de sôl!*

*Meus labios não têm doçuras,
Meus olhos são duas côvas,
Duas frias sepulturas
Em que mirram flôres novas.
— Ai! quem dêra outras doçuras
Outra seiva ás duas côvas!...*



Industria Brasileira

ACOLHENDO com o maximo interesse os mais variados assumptos que possam agradar aos seus leitores, inicia a *Revista Moderna*, nas columnas do presente numero uma nova secção, toda ella destinada aos grandes industriaes brasileiros que, organisando e dirigindo importantes empresas fabris, honram o trabalho nacional enriquecendo o credito do paiz.

E' ainda a mais bella homenagem que podemos prestar á iniciativa particular desenvolvida n'uma escala grandiosa e patriótica como esta a que adeante nos referimos. O objecto principal d'este nosso artigo, fazendo conhecer ao publico brasileiro uma das tentativas mais dignas n'este genero, justifica amplamente os conceitos e encomios que de direito vão ao intelligente proprietario e director do notavel estabelecimento manufactureiro por nós assignalado.

N'um paiz vasto como o Brazil, e no qual o serio problema da riqueza industrial esboça-se vagamente na amplidão dos seus territorios sem fim, não possuindo a base necessaria da protecção official e o auxilio valioso das grandes fortunas, que não existem, tomam certamente uma extraordinaria importancia todas as manifestações de espiritos emprehedores que sobrepujando o indifferentismo geral formam verdadeiros monumentos de trabalho e de riqueza nacional.

N'esse numero comprehendemos, e com muita justiça, o nosso distincto compatriota A. Alvares. Penteado, industrial paulista de grande merecimento, e um dos que com mais intelligencia e arrojo resolveu este mesmo problema, tão difficil e custoso.

O viajante que partindo do porto commercial de Santos faz a ascensão da admiravel serra do Cubatão chega, apoz uma hora de viagem ao pittoresco planalto que dá começo aos industriosos suburbios da capital paulista. O aspecto da paisagem varia completamente e a animação fabril que ahí reina faz-nos lembrar, relativamente comparando, esses centros movimentados da Escossia e do Lancashire onde innumeraveis machinas e colossaes fundições vivem n'um eterno e constante trabalhar.

Situada entre as estações do Braz e da Luz na continuação da chamada varzea do Carmo, que atravessando os banhados do rio Tieté vae morrer nas verdes colinas do alto de Sant'Anna, destaca-se d'entre as suas similares, pelas linhas grandiosas das suas chaminés e pelo enorme desenvolvimento das suas construcções a importante manufactura cuja vista panoramica a nossa gravura fielmente representa.

O seu director e proprietario, pertencente a uma distincta familia de agricultores, foi tambem até 1888 um infatigavel lavrador.

Apoz a promulgação do decreto de 13 de Maio, cuja execução precipitada, incoherente e illegal, revolucionou todo o systema de trabalho, empobrecendo a maioria da classe conservadora do paiz pela perda bruta que soffreu, começou a desenhar-se nas grandes cidades brasileiras e especialmente na de São Paulo, um pronunciado movimento industrial que correspondia á emigração de capitaes, abandonando em parte a exploração da lavoura, difficil e trabalhosa pela completa escassez de braços e elevação de salarios.

N'este periodo de transição foi fundada a fabrica de juta « Sant'Anna » que com o limitado numero de cincoenta teares começou a funcionar, produzindo a modesta quantidade de cinco mil metros de anagem por dia. Hoje esse mesmo estabelecimento realisando em oito annos uma extraordinaria e pasmosa progressão trepida pela oscillação constante de seiscentos teares, lançando no mercado do Estado e de todo o paiz a elevadissima media de sessenta mil metros de panno por dez horas de trabalho!

Essa intensa e descommunal actividade é entretida pelo vaevem continuo e incessante de trez mil operarios, homens e mulheres, creanças e adultos.

Ao lado d'essa poderosa organização fabril foi annexada ha um anno, em um edificio junto, a fabrica « Penteado » exclusivamente destinada aos tecidos de lã superior.

A sua producção, sahida dos mais aperfeiçoados machinismos tecedores, rivaliza com as mais bellas remessas do ca-

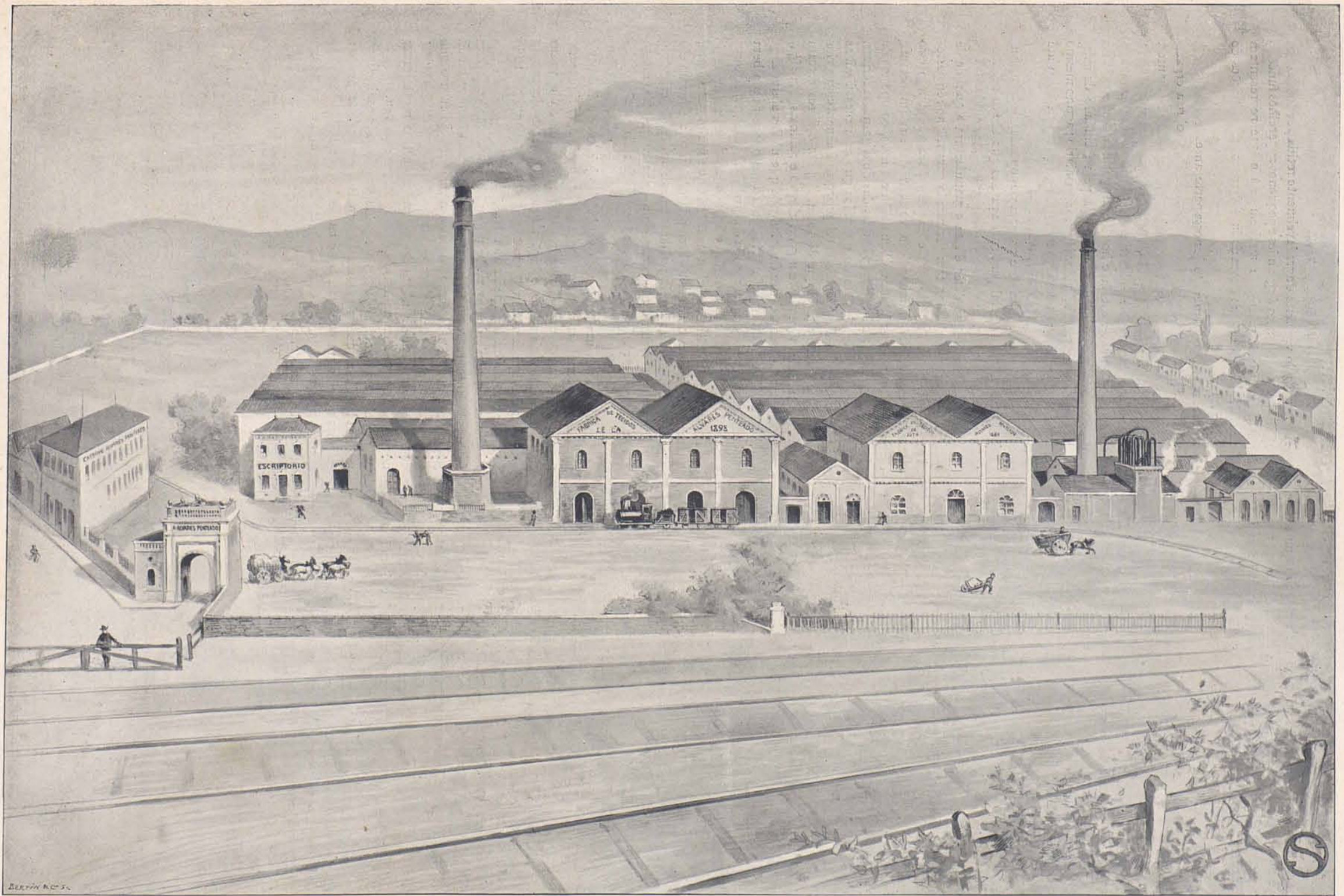


A. ALVARES PENTEADO
Grande Industrial Paulista).

chemire e do cheviote, enviados pelos melhores armazens de Manchester e Liverpool. A nitidez dos coloridos, applicados pelos mais completos processos da tinturaria scientifica, apresentam resultados maravilhosos e garantem esses productos do lastimavel insuccesso que o publico universal é o primeiro a notar n'esses bellos padrões vindos de Hamburgo, e que expostos ao sól e ás imtemperies, degeneram n'um medonho e pavoroso furta-côr.

O pessoal superior que preside e organisa as numerosas officinas da fabrica de tecidos de lã, é composto de especialistas, escolhidos d'entre os mais competentes na mechanica e chimica industrial. É esta uma das primeiras condições de existencia e prosperidade dos estabelecimentos fabris e uma das maiores difficuldades que encontram os manufactureiros do Brasil.

A fabrica de tecidos de lã « Penteado » sob o ponto de vista de



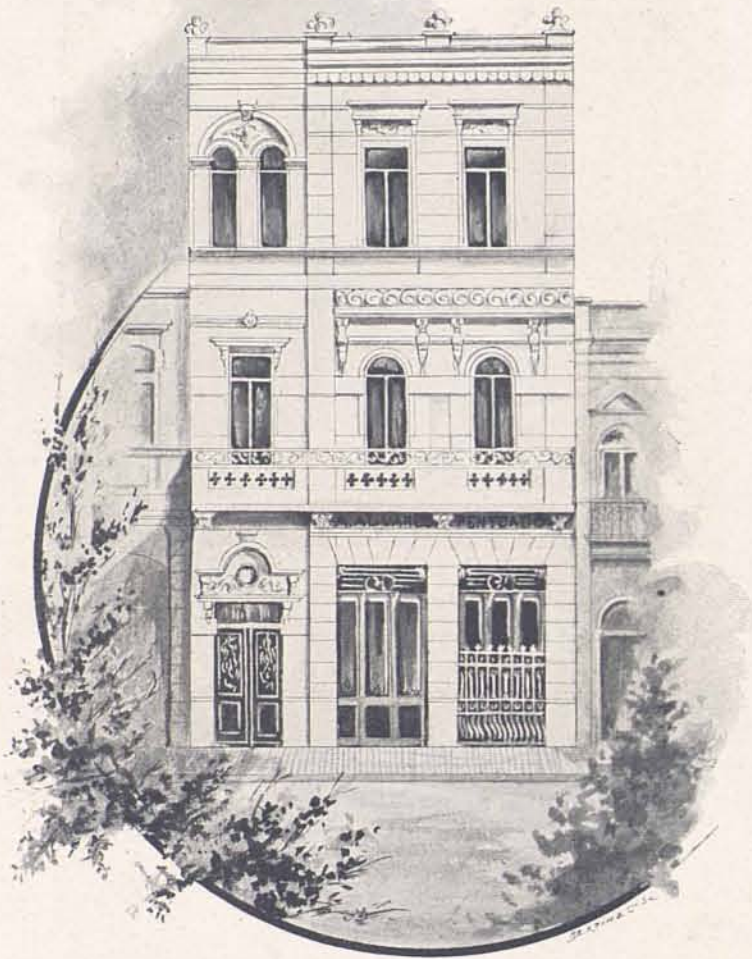
Fabrica de Tecidos de Lã.

Fabrica de Tecidos de Anigem.

VISTA PANORAMICA DAS GRANDES FABRICAS DE TECIDO DE A. ALVARES PENTEADO
São Paulo. — Brazil.

progresso e modernismo, realisa o typo mais perfeito que existe d'entre as suas similares europêas, e nada impedirá que este estabelecimento modelo, seja n'um futuro bem proximo, um factor poderoso da emancipação do mercado nacional, até hoje tributario dos centros exportadores da França, Inglaterra e Allemanha.

Com a fabrica de juta « Sant'Anna », forma a fabrica « Pen-



Escritorio Central das Fabricas de A. Alvares Penteado.
(São Paulo. — Brazil).

teado », uma imponente manufactura que podemos affirmar ser a mais completa de todo o Brazil. A força motora que põe em movimento essa serie interminavel de machinismos é fornecida por trez collossaes *Compounds* desenvolvendo um poder de mil e quinhentos cavallos.

Verdadeiramente curioso e interessante è o espectáculo que se observa n'essas vastas officinas onde a materia prima, transformada em delgado fio, estende-se com uma rapidez vertiginosa pelas teares em movimento que a transformam sem demora n'um bem acabado e resistente tecido.

A attenção do visitante é agradavelmente retida por todos esses complicados movimentos de grandes e pequenos apparatus funcionando com uma regularidade mathematica e que representam pelo resultado obtido uma das mais intelligentes combinações do engenho humano.

Merece uma especial menção de nossa parte, antes de concluirmos este artigo a justa consagração de algumas linhas sobre a organização do trabalho e a vida operaria d'esses dois estabelecimentos. A questão social do proletariado, perturbadora e revolucionaria nas grandes aglomerações industriaes da Europa, transformando sempre o patrão n'uma entidade hostile e antipathica, é encarada no Brazil com verdadeiro indifferentismo, já pela facilidade da existencia que encontra o trabalhador já pelo alto salario pago ao mesmo e á sua familia. Mas se as condições de vida do paiz justificam até ao presente esse agradável *modus-vivendum* nem sempre existe por parte dos directores de fabricas e corporações operarias a preocupação do bem-estar material para com aquelles que são os colaboradores da sua fortuna.

Não se pode o mesmo dizer d'esta « manufactura » que, desde o começo dos seus trabalhos, tem procurado garantir ao seu pessoal certas condições de bem-estar e de prazer, transformando esse elemento assalariado n'um valioso auxiliar da sua importante empreza. As ruas Cruz Branca, Parnahyba e outras, compostas de alegres e pequenos chalets, dependencias das duas grandes fabricas, são habitadas por centenas de operarios que com suas familias ali vivem gozando d'um confortavel proporcionalmente superior aos meios de existencia de que dispoem. Ar, luz e flores cercam essas bem cuidadas vivendas, em geral alegres e ruidosas pela algazarra constante e inconsciente da criança que n'ellas abunda.

Ao lado direito da entrada principal da manufactura um bem acabado edificio, sobre a platabanda do qual lê-se « Cassino Alvares Penteado », destina-se ás reuniões e festas operarias.

É essa uma intelligente e louvavel ideia que muito concorrerá, estamos certos, para entreter as boas relações entre a direcção e o pessoal trabalhador, e a applicação da mesma n'um estabelecimento brasileiro cuja caracter é tão contrario a essas concessões, muito honra a organização do mesmo e a perspicacia do seu proprietario.

Seria para nós um motivo de verdadeiro jubilo se a industria nacional, inspirando-se n'esse estabelecimento modelo, enriquecesse o paiz com centros manufactureiros d'essa importancia e valor. Seria uma das mais felizes soluções que podia ter o decantado problema da riqueza nacional, que consiste simplesmente em tudo produzir e pouco ou nada pedir ao estrangeiro.

Quanto ao resultado provavel e que muitos duvidarão, essas duas fabricas gigantes representando um capital de dez mil contos, ainda podem affirmar com bastante successo o maravilhoso futuro que está reservado a emprezas dessa ordem.

A *Revista Moderna*, n'este despretençioso artigo repete antes de finalizar estas linhas a phrase que em começo escreveu.

« O objecto principal da nossa reportagem fazendo conhecer ao publico brasileiro uma das tentativas mais dignas n'este genero, justifica amplamente os conceitos e encomios que de direito vão ao intelligente proprietario e director da tão importante manufactura por nós assignalada. »

G. GUIMARÃES.



Uma Homenagem ao Barão do Rio-Branco

19

Foi em S. Paulo, n'um sarau em casa da Sra. D. Veridiana Prado, que surgiu a idéa de fazer ao Barão do Rio-Branco um brinde commemorativo da victoria que esse illustre diplomata acabara de ganhar contra os Argentinos na questão do Territorio de Palmas. A lista de subscrição, correndo entre os con-

« ...Ao mesmo tempo que partilhavam da alegria nacional, os Paulistas tinham mais um motivo para serem particularmente reconhecidos ao defensor de Palmas : aquelle territorio fôra primeiramente explorado e occupado no seculo XVII pelos bandeirantes de S. Paulo ; a sentença arbitral vinha, após seculos, legitimar a



O Busto em Bronze

Na placa em frente está gravada a seguinte dedicatória « Ao Barão de Rio-Branco em memoria da sua defeza dos direitos do Brazil no arbitramento do Territorio de Palmas, — Homenagem dos Paulistas, 5 de Fevereiro de 1898.



O Busto em Gesso

(Trabalho do laureado escultor Felix Charpentier).

vidados da veneranda brasileira em cujo coração o patriotismo disputa a primazia á caridade, cobriu-se rapidamente de nomes de parentes e amigos da casa, Paulistas na sua quasi totalidade, Paulistas todos de adopção e sentimentos.

Ao Sr. Dr. Elias Chaves, amigo querido e collega de Academia do Barão, foi confiada a missão de escolher a melhor maneira de se manifestar ao conquistador pacifico de Palmas a admiração e o reconhecimento dos netos dos Bandeirantes. Elle escolheu o monumento bibliographico, o livro colligindo os principaes artigos publicados na imprensa por occasião do grande acontecimento, e a obra d'arte, sob a forma do busto em bronze do segundo Rio-Branco, digno continuador da obra gloriosa do pae e de uma medalha commemorativa do seu primeiro feito estrondoso. A esses monumentos pessoaes entendeu o Dr. Elias Chaves dever ajuntar um busto do Visconde do Rio-Branco, certo de que ainda mais doce seria ao piedoso coração do filho essa prova de que d'ora em diante andarão ligados os dous nomes no pensamento e na affeição dos Brasileiros.

N'um trecho da sua carta offertiva d'esses magnificos presentes disse o representante dos subscriptores :

conquista sobre os Hespanhoes, de que dão conta fiel os proprios estudos de V. Ex. sobre as expedições d'esses aventureiros, que assim foram dilatando para o Sul e Sudoeste as fronteiras do futuro grande Imperio. Mais vivamente se impunha aos netos dos Bandeirantes o dever de commemorar n'uma homenagem collectiva o serviço prestado á Patria commum pelo brasileiro illustre que garantiu á União a posse definitiva e incontestavel da terra primeiro pisada pelos conquistadores do sertão e desde então ininterruptamente occupada por Brasileiros. »

No momento em que elle vae tomar conta do seu posto de chefe da Missão Especial em Berne para defender os direitos do-Brazil na questão do Oyapoc, a *Revista Moderna* se desvanecce de poder

assignalar aos seus leitores a patriótica homenagem dos Paulistas, dando a reprodução do busto do Barão, obra do laureado escultor Felix Charpentier e da primorosa medalha de Bouval, cuja posse os numismatas disputarão com ardor. E do feliz successo da sua nova empreza espera confiadamente que ao prestigioso reivindicador donossos direitos territoriaes ameaçados sobejarão em breve as entusiasmaticas manifestações de apreço e estima, não já de um grupo de brasileiros, mas da Nação inteira agradecida.



Medalha Commemorativa.

(Trabalho do celebre gravador Bouval).

MEU MANÉ

(dos CONTOS DA BARRA DO TEJO)

Ao poente, o sol levantou a fimbria do nevoeiro e antes de mergulhar no oceano veio brincar, por instantes, sobre a crista das vagas em scintillações de oiro e fogo. O vento amainou e a chuva que, ha dias já, caia pesada e grossa cessou, suspensa como uma cortina para os lados do sul, emquanto a poeira de luz alegrava a natureza triste.

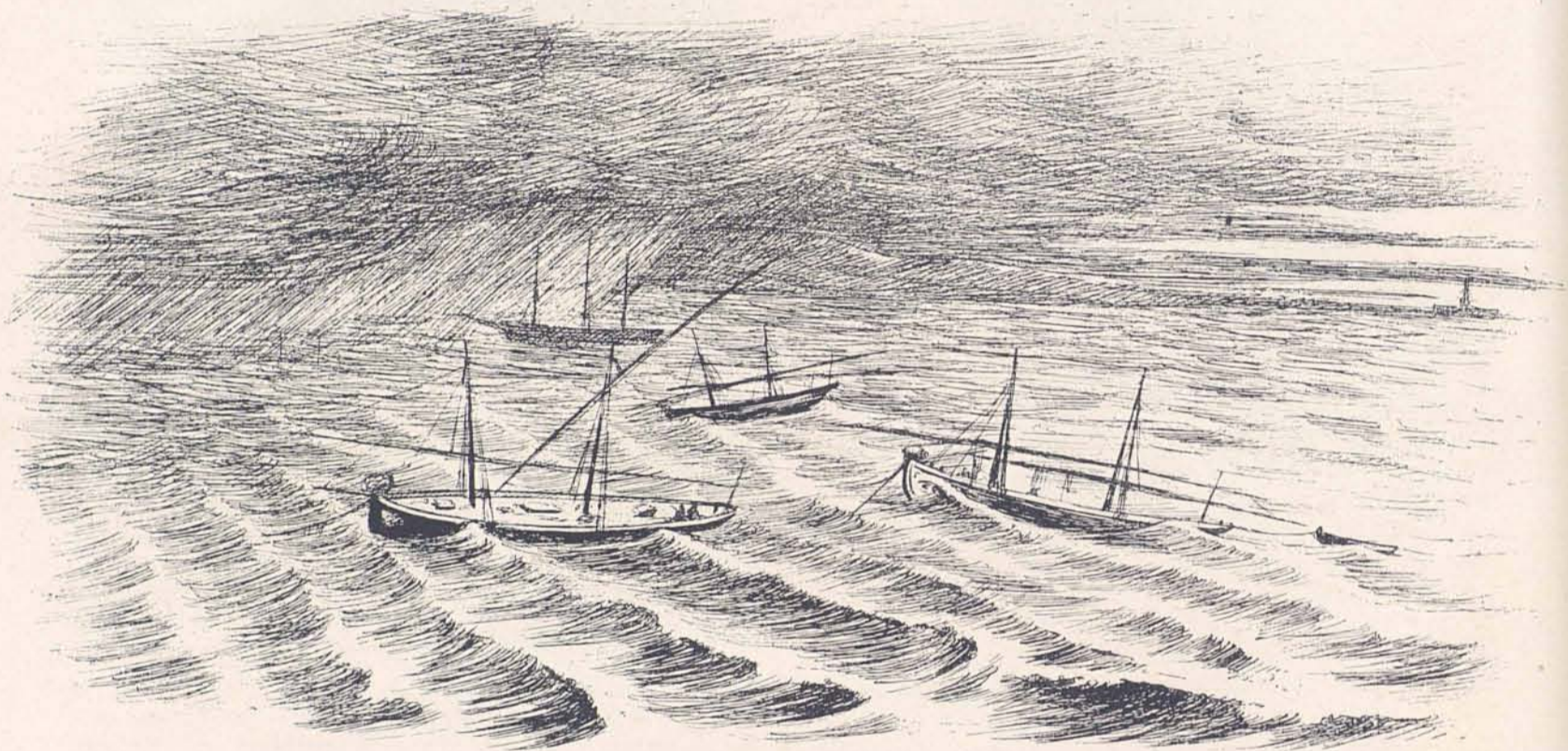
Com o temporal, os barcos de pesca tinham entrado a barra um a um, empurrados pelo sudueste e agora á fileira, ancorados na enseada de Belem, com as vergas arreadas e os mastros nus, balançavam voltados á corrente, os mais velhos escabeceando de fadiga,

— Pouco, como vê, — respondi mostrando o balde, no fundo do qual apenas alguns camarões saltavam...

— D'aqui a mais meia hora de maré — retorquiu elle — tem *vomecê* o balde cheio, porque são aguas-vivas...

Interrompeu-se, deitou uma fumarada alta e olhando para o ceu a sudueste praguejou.

Observei-o. Era um velhinho magro e secco, de olhar vivo e queixo proeminente, curtido pela agua salgada e tismado pelo ar do mar, um d'estes velhos pescadores da nossa costa que andam sempre ás voltas com a tormenta e com a morte.



...ancorados na enseada de Belem com as velas arreadas e os mastros nus...

os novos erguendo a prôa e tirando a amarra como impacientes de tomar o largo.

Em torno as gaivotas espiralavam o seu eterno vôo, por vezes poisavam em bando sobre as ondas e deixavam-se emballar voluptuosamente.

O Tejo, cansado de lutar contra a tempestade, espreguiçava-se pela praia até ao caes e como a maré enchia e o vento não mudara de direcção, mais logo, quando passasse a acalmia do sol posto, voltaria á lucta, mais terrivel na escuridão da noite.

Na ponte, aonde eu fora lançar os camaroeiros, um bando de pescadores appareceu.

Eram seis ou sete que tendo desembarcado para fazer compras, voltavam agora ao seu caique.

Tinham todos os largos casacos encerrados, as botas até aos joelhos e os chapéus de oleado atados sob o queixo. Poseram sobre a ponte as provisões: um sacco de pão, a almotolia do azeite, duas borrachas de vinho, alguns legumes e emquanto n'uma grande algazarra o grupo discutia, um d'elles veio á extremidade do caes e levando as mãos á bocca, em porta-voz gritou fortemente, longamente, em direcção aos barcos:

— Eh... Mané!... Eh... Mané!...

Os outros, indifferentes, continuavam a conversa animada e rapida na sua linguagem pitoresca de algarvios.

O patrão da companhia que ficara para traz aproximou-se de mim e sem tirar da bocca o cachimbo de barro queimado e partido perguntou a sorrir:

— En tão *vomecê* já pescou muito?

— Eh Mané... Eh Mané...

Agora eram dois pescadores que, ao mesmo tempo, lançavam o grito, para os caiques, chamando o moço que devia vir buscal-os a terra

Instantes depois, uma canôa largou de um dos barcos e, pulando sobre as vagas, aproou em direcção á terra impellida pelo esforço habil de um rapazito. Ao vê-lo, pensei mais uma vez na audacia d'esses filhos des pescadores que em tão pequeninos barcos, nas suas *ayolas* como elles lhes chamam, brincam sobre as aguas encapeladas, e manejam o remo com a habilidade de um velho marinho.

O *Mané* era um dos mais pequenos que eu tinha visto, a julgar pela sua silueta esbatida na tinta escura do rio, contorno engraçado de polichinello, pelas linhas rigidas do seu fato encerado, pelo fez vermelho que lhe ornava a cabeça e pelo movimento rapido de vai-vem que ao seu corpo elle imprimia gingando.

O sol desaparecera de todo, o vento pouco a pouco redobrou, a chuva recommençara a cair e apressava o crepusculo. A Outra-Banda já não se via e a Torre de Belem, onde a restea de sol, ha pouco, illuminara o rendilhado das varandas e recorte das ameias, embuçava-se agora no nevoeiro para passar a noite.

Um grito, um clamor desesperado rebentou, subito, do grupo dos pescadores... Voltando-me vi-os fazer gestos rapidos e correr como loucos pela ponte em direcção ao caes.

Perto de mim só ficara o velho patrão immovel, com os olhos fitos na direcção da canôa.

Olhei e, no dorso das ondas, avistei boiando o, casco da pequena embarcação virada.

Corri também a chamar, a gritar, a procurar socorros, mas já das fragatas atracadas ás pontes e do estaleiro proximo, por onde o grito de alarme se espalhara como rastilho de polvora, partiam embarcações movidas por braços vigorosos.

Voltei á ponte e mais para me tranquilisar do que para consolar o arraes cuja attitude impassivel me parecia inexplicavel, affirmei, apontando para as conôas que se aproximavam do local onde a outra virara.

— O rapaz está salvo.

— Ora se está... nada como um peixe... não tenha medo...

E o patrão sorria; mas na sua voz tremida e nos olhos qualquer coisa dizia que a sua confiança occultava uma grande angustia...

— Mas como foi que a *ayola* se voltou? perguntei.

— Não sei... não sei... apanhou a onda pl'o costado, talvez... E agara o velho arraes agitava os braços, passava a mão pela testa sem tirar os olhos da pequena barca voltada que se affastava impellido pela corrente.

De repente, agarrou-me o braço e com animação exclamou:

— Qu'ê que eu dizia, hein! vomecê não o vê? Olhe á pópa lá está elle agarrado á canôa...

— Ah! sim vejo... é isso, é... — ulas eu nada via, atravez do nevoeiro cada vez mais denso e do crepusculo cada vez mais negro senão as outras barcas que se aproximavam do logar do sinistro e os homens remando de pé a investigarem a superficie das aguas...

Longos e dolorosos instantes passaram.

O patrão, cujas pernas vergavam, sentara-se n'uma das estacas que servem para amarrar os botes. A sua confiança na agilidade do moço parecia desvanecer-se porque o ouvi murmurar:

— Valha-me Deus, valha-me Deus...

Agora, na ponte, havia já bastante gente que accorrera ao alarido e de longe seguia o movimento das barcas.

Estas tinham augmentado de numero com as ayolas dos outros caiques e batidas pelo temporal, cuja violencia crescia, andavam perto da canôa virada, como grandes aves tontas em torno de uma ave ferida.

Um grupo cercara o arraes, que explicava: que o pequeno tinha má sorte, a sorte do pae talvez, que naufragara e morrera na costa de Sines que era já a segunda vez que caia ao mar, que Nosso Senhor permittisse que se salvasse...

— La vêm uma canôa — gritou um rapazito.

— Traz o môço, aposto — accrescentou outro.

— Que Deus vos oiça exclamou o velho erguendo-se de um salto...

A conôa aproximava-se. O arraes gritou:

— Eh! Eh... e o *Mané*?

Alguem, fortemente lançou a resposta que o vento não deixou perceber.

— Está salvo de certo...

— Pois para que é que voltaria a canôa se assim não fosse?...

— Olhe... lá vêm outras...

— Ainda bem, ainda bem...

E todos se aproximavam da beira da ponte, em grande alarido.

Quando a canôa atracou, não sem dificuldade, revolvida pela violencia do mar batido, toda alagada, com agua para cima dos paneiros enquanto os homens lançavam a amarra e procuravam saltar sobre a ponte o arraes perguntou de novo:

— E o *Mané*?

Os homens não responderam.

O velho insistiu com lagrimas na voz:

— E o *Mané*?

Um dos homens que conseguira subir pelas estacas respondeu, impaciente, de mau humor pelo esforço grande e inutil da pesquisa:

— Como quer *vomecê* que a gente o traga se elle está no fundo do mar...

O velho apumou-se n'um gesto violento; despiu o casaco,

arrancou o chapéu e no meio do silencio dos assistentes vociferou:

— No fundo do mar?! No fundo do mar?! O *Mané*... o Meu *Mané* no fundo do mar! E porque é que eu não hei-de ir lá buscal-o?...

Todos se acercaram e o contiveram no movimento que fizera de se deitar ao rio...

O velho olhou em torno desvairado...

— O que vocês são todos... sei eu... Pois então deixa-se assim ir ao fundo uma pessoa!... covardes... uma criança!...

A sua voz rebentou em injurias violentas, pragas medonhas que depois lentamente degeneraram em soluços...

— Ai o meu *Mané*!... O meu rico netinho!...

Seu neto!... Pela primeira vez, o marinheiro deixava transparecer a razão da sua dor. O *Mané* era o seu neto, o filho do seu filho que também morrera afogado na Costa de Sines e então todos as assistentes recuaram movidos por um grande respeito e compaixão...

Alguem disse alto, n'um bom intento de alimentar esperanças:

— Mas porque uma canôa não o trouxe, não se segue que as outras não consigam salvar-o...

— É verdade... é verdade... exclamaram todos...

— Quem sabe?

Então por entre o assobiar do vento, na escuridão quasi cerrada da noite ouviu-se a voz chorosa do arraes:

— Minha rica Nossa Senhora do Monte... se o *Mané* se salvar eu prometto, minha Nossa Senhora, tantos arrateis de cêra quantos pesa a minha fateixa... e eu irei de joelhos desde em baixo ao pé da fonte até ao altar... e toda a companhia vae tambem, de pé descalço, com o grande latino carregado de flores... minha rica Senhora do Monte...

No grupo que agora se perdia nas trevas ouvia-se mulheres que choravam e vozes amigas que diziam:

— Não se rale... espere... tenha paciencia...

E logo a voz do velhinho cada vez mais estrangulada pelos soluços interrompia.

— Que não me rale! mas eu não tenho mais ninguem no mundo... que desgraça! Que desgraça!... Foi praga que me rogaram... foi! Mas elle não está morto o meu *Mané*, elle que nadava como um peixe!... Está decerto ainda em demanda da praia... chamem por elle...

E como para dar o exemplo, fez um esforço supremo e lugubremente gritou:

— Eh *Mané*!... Eh *Mané*!...

Os fragateiros tinham ido buscar uma lanterna para servir de pharol e na sua luz baça que traçava sobre as aguas como que um rasto de sangue permaneciamos sob a chuva á espera dos barcos

Outra canôa voltou por fim. As pesquisas tinham ficado sem resultado mas iam ser continuadas durante a noite com lanternas e archotes. Todas as companhias dos caiques nas suas canôas cruzariam o rio em todas as direcções, os catraeiros do Bom-Successo ajudariam tambem e as authoridades estavam prevenidas...

O velho murmurou apenas... Nossa Senhora! Nossa Senhora!... Depois deixou-se cair sobre a ponte e desatou a chorar.

Os seus homens disseram-lhe que era melhor voltar a bordo e desceram-no á canôa, sem um revolta, n'uma inconsciencia que fazia dó...

O Tejo rugia de furor e, de encontro á muralha, desfazia-se em lagrimas.

Eu voltei á casa commovido, inquieto; e durante a minha noite de insomnia, nas breves acalmias do temporal desfeito, parecia-me ouvir, entre os gemidos do vento e o barulhar das vagas, a voz do velho arraes, chorosa e inconsolavel, atirar ao espaço o seu grito de desespero ou de suprema esperanza: Eh!... *Mané*!... Eh! meu *Mané*...

LUIS SERRA.



REMINISCÊNCIAS DA HISTÓRIA BRAZILEIRA

TENENTE MARIZ E BARROS¹

(Do livro inedito *Fragments Historicos.*)

EXPLENDIDA a manhã de fevereiro de 1859. Garbosa corveta, prôa ao Norte, veleja mar em fóra sin-grando rapidan as alturas da Ilha Grande.

— Gaveas e papafigos, enfunados pela fresca brisa de N.-N.-E., imprimem oito nós ao formoso barco, cujo talhamar córta altaneiro aquelles mares de esmeralda com a poetica magestade do branco e saudoso alcyom.

No horisonte nenhuma vela sus-suspeita; nenhum navio negreiro cruza n'essas paragens vigiadas pela veleira *Campista*, mandada pelo jovem Mariz e Barros — o terror d'esses piratas de carne humana, miseraveis algozes de uma raça infeliz².

O vigia das gaveas assignala uma vela a E.

Immediatamente Mariz e Barros occupa a ponte; cada qual guarda o seu posto e a corveta — ligeira gai-vota deslisando a flôr das ondas — manobra no sentido de reconhecer o navio que apparece ao longe.

Eram oito horas da manhã.

As 10 estava a vista um lúgar desconhecido, navegando a todo o panno.

Conformação e pintura do casco, disposição do apparelho, rapidez de manobras, denunciando essa precisão technica peculiar aos corsarios, tudo induz a crer estar ao alcance dos telescopios um navio negreiro desconhecido nos mares do Brazil.

Mariz e Barros manda içar a flam-mula e bandeira; um tiro de canhão firma a intimação de *chegar á falla...*

O navio suspeito, porem, continua impassivel a sua derrota...

Segundo e terceiro tiro da *Cambista*.

Nada!

O pirata faz-se ao largo, augmentando o panno.

Impaciente, tremendo de raiva ante a expectativa de perder a presa, Mariz e Barros grita á equipagem:

Larga tudo. Fóra cutellos e varredoras.

E a corveta, obedecendo aos intuitos do fogoso commandante e da ardida guarnição, atira-se veloz sobre a crista espumante das vagas, encurtando precipite o espaço que a separa do mysterioso barco que velejava no bordo do mar.

No convéz brasileiro prepara-se tudo para o combate; guarnições a postos só esperam o signal do chefe pelo apito do Guardião para fulminar o barco negreiro que parecia zombar da pequena corveta — mostrando seis largas portinholas e a bocca escura de outras tantas caronadas...

Duas milhas apenas separam os contendores.

1. Parte deste artigo já foi publicado sob a epigraphie: *Audacia e Valor.*

2. A maior parte dos nossos vasos de guerra e todos os navios da estação naval da Inglaterra, no Atlantico Meridional, cruzavam nas costas brasileiras, perseguindo os navios que se empregavam no trafego de Africanos — esse commercio odioso que a Lei de 7 de novembro de 1831 aboliu sob penas rigorosas,

Então, do passadiço da *Campista*, vê-se a olho nu o alteroso navio armado em guerra, guarnecido de numeroso pessoal... mas a *Campista* avança sempre!

Subito amaina o vento!

— O panno, momentos antes entesado pelo fresco terral, bate agora ao compasso do balanço, ao som plangente dos gemidos das retrancas em sua eterna lueta com as escotas.

A raiva apodera-se de todos. Do commandante ao ultimo grumete apodera-se o furor do despeito, a ira da impotencia, o desejo agora de lueta a todo o transe...

Escaleres ao mar e á abordagem ordena o moço commandante. Sôa o apito, gemem as talhas nos cadernaes, e n'um abrir e fechar de olhos dois terços dos homens da *Campista*, vinte e oito bravos guarnecem dois escaleres.

Vinte e dois remos fendem as aguas e á voga larga, quaes velozes cetaceos, voam os barcos ao encontro do navio pirata, que nesse momento, percebendo a manobra dos brasileiros, parou atravessando...

A meia amarra do navio suspeito Mariz e Barros manda levantar remos.

— De pé, no castello do primeiro escaler, espada em punho, prestes a ensinar a os seus homens o caminho da luta, grita

— *A' abordagem!*

Então vio-se uma scena indiscrep-tivel, digna dos heroes de Plutarco.

— O commandante contrario, rodeado de seus officiaes, no passadiço da *Beacon*, levanta a sua voz firme e sonora:

Hurrah!...

Hurrah!... responde a maruja tre-pando ás vergas, ao mesmo tempo que

ao penól da fragata era levantado o pavilhão de guerra da orgulhosa Albion...

Ao som do pifaro e tambor, em marcha batida, ergue-se tambem ao tope grande do vaso britanico o pendão auri-verde do Brazil; vinte e um tiros de canhão saudam aquelle rasgo de heroismo de um punhado de valentes.

O barco suspeito era a fragata inglesa *Beacon*, chegada ha pouco da Europa, e que nessas alturas crusava tambem, perseguindo os navios negreiros.

— Seu commandante, tenente E. Parsons, vira a galhardia do jovem chefe brasileiro e, admirado da sua resolução de tomar de abordagem, com duas duzias de homens, um barco artilhado, deixára que elle se approximasse para recebê-lo com essa triplice saudação que os marinheiros sabem tributar aos feitos de audacia e valor.

Sete annos depois Antonio Carlos Mariz e Barros, honrando o nome glorioso que usava, recebia a sagração de heroe na lueta travada entre o Brazil e o Paraguay.

Commandando o couraçado *Tamandaré*, assignalou-se entre os mais ousados, desde que a esquadra brasileira enfrentou as fortificações paraguayas — que seu pai, o heroico Almirante Visconde de



O TENENTE MARIZ E BARROS
† a 28 de Março de 1886.

Inháuma, teve a gloria de destruir em tres annos de combates diarios.

Nos vapores argentinos *Cachabuco* e *Buenos Aires*, comboiados pela canhoneira *Henrique Martins*, seguiram em exploração — Paraná acima — os generaes Osorio, Mitre e Flores, para escolher o ponto onde devia desembarcar o exercito alliado na costa paraguayana.

O forte de Itapirú, auxiliado por uma chata, rompeu vivo fogo contra o couraçado *Tamandaré* que, avançando das Tres Bocas, collocára-se a meia milha da fortaleza para proteger a passagem da esquadilha exploradora.

Ás tres horas da tarde, o navio-almirante fez signal de retirada, e, no momento em que o couraçado tocava atraz, por não poder dar volta no estreito canal, uma bala de 68 acertando na *cortina ae correntes* que protegia a portinhola, penetrou na casamata fazendo horrivel destroço :

— Trinta e quatro pessoas, entre officiaes e praças, são victimados pelo projectil e pelos élos da corrente que voaram em todas as direcções.

Mortos, horrivelmente mutilados, ficaram logo o immediato de navio 1º tenente Wassimon, o Commissario Accioly, o Escrivão Alpoim e 10 imperiaes marinheiros.

Mortalmente feridos cahiram o commandante Mariz e Barros, o 1º tenente Silveira e quatro navaes.

Feridos entre outros os 2ºs tenentes Victor de Lamare, Dyonísio Manhães Barreto.

Este ultimo, assumindo o commando do couraçado, levou-o ao ancoradouro da esquadra nas Tres Bocas.

... « Si algum Miguel Angelo do nosso seculo quizer pintar o quadro mais sangrento e heroico de uma scena de guerra, converta a sua tela na casamata de prôa do *Tamandaré*, e atire aqui e alli, em diversos planos, braços, pernas, cabeças esmigalhadas, corpos fracturados e vermelhos do sangue que lhes jorra das feridas e alaga o soalho e salpique as paredes de destroços sangrentos de carne e miolos.

« No segundo plano estenda o corpo do bravo Vassimon, o do commissario Accioly, o do escrivão Alpoim, completamente desfigurados. E com as tintas mais vivas de Raphael ou Rubens, colloque no primeiro plano, de um lado o 1º tenente José Ignacio da Silveira sem um braço e sem uma perna arrancada pelo quadril, com a physionomia calma e serena parecendo nada soffrer, apertando a mão do Visconde de Tamandaré e a narrar-lhe todo o tragico acontecimento, e logo após, morrendo, abraçado com a imagem do Senhor Crucificado, expirando-lhe nos labios um — *adeus*. —

« Do outro lado o 1º tenente Mariz e Barros, com uma perna partida e apenas pendurada pelos tendões e que elle arranca como se descalçasse uma bota, rindo com esse rir do Athleta que tem em menospreço a vida, e a olhar para o Conselheiro Octaviano e para o Almirante, que, compungidos pela vista deste quadro tão afflicto, estão ao mesmo tempo assombrados do estoico heroismo desses bravos que não se deixam supplantar nem pela dor, nem pela ideia da morte. »

No dia seguinte, 28 de março de 1866, expirava no hospital de sangue de Corrientes o jovem e heroico marinheiro.

Tiveram de amputar-lhe a perna dilacerada; offereceram-lhe chloroformio; recusou :

Prefiro um charuto : deem-m'o acceso e cortem...

E fumou tranquillamente durante a dolorosa operação.

Á meia noite sentio approximar-se o momento supremo : — beijou o retrato da esposa, recordou os filhinhos e por ultimo disse ao D^r Carlos Frederico :

— *Mande dizer a meu pae que eu soube sempre honrar o seu nome.*

E finou-se o heroe !

J.-ARTHUR MONTENEGRO.

Rio-Grande do Sul, 1898.



O BANCO DE CORAL

(J. MARIA HEREDIA)

Ao immortal psychologista Eça de Queiróz.

*Sob as vagas o sól — mysteriosa aurora —
Illumina a montanha immensa de coraes,
A floresta sem fim de estranhos vegetaes,
Os monstros do Oceano, e a resplendente flora ;*

*E tudo aquillo quanto o iodo e o sal colora
— Algas, anemonaes, musguêdos radiosos —
E, rendilhados faz, em traços sumptuosos,
No fundo a porejar da branca madrepora.*

*— Brilhando á morna luz o esmalte das escamas,
Dos antros vegetaes, por entre as verdes ramas,
Em curvas, indolente, um peixe enorme passa ;*

*E, electrico, riçando, a luminosa espalda,
Subito, no crystal, com a barbatana traça
Um relampago de oiro, e nacar e esmeralda !*

ALVARO MARTINS.

Ceará 98.

MEDÉA

À série longa de seus triumphos a actriz Sarah Bernhardt juntou mais uma victoria na interpretação de *Medéa*, tragedia em tres actos, de Catulle Mendès.

Vinte ou mais dramas, datados de todas as epochas, escriptos em todas as linguas, têm tido por heroína o personagem orphico

de *Medéa*, cuja lenda obscura não foi, entretanto, ainda esclarecida. A sua historia, composta de varios elementos, basea-se na incursão de piratas hellenos na Colchida, paiz situado entre a Armenia e o mar Negro, e famoso pela prodigiosa abundancia de metaes preciosos.

Esse facto, que é veridico, adulterado pela imaginação popular, tem sido formulado de uma maneira symbolica pelos auctores das diversas tragedias em que *Medéa* é a fascinadora protagonista. Entre Euripides, o immortal poeta grego, e o Sr. Catulle Mendès, o parnasiano correcto e subtil, a quem a litteratura franceza deve tão bellos poemas, todos os dramaturgos salientam o episodio relativo aos filhos que *Medéa* trucidou, ao vêr-se abandonada por Jasão, que, esposo infiel,

acceita a mão de Creusa, filha do tyranno de Corintho.

Ernesto Legouvé, o velho Academico, n'uma peça sua, intitulada igualmente *Medéa*, representada com extraordinario successo pela tragica italiana Adelaide Ristori, dá especial relevo a esse incidente, que é, aliás, contestado pela Historia. Esta, em sua impassivel e fria imparcialidade, afirma que a populaça corinthia massacrara os filhos de Jasão; sendo, porém, *Medéa* grande sacerdotisa, personagem sagrado e temido, começou o monstruoso crime a pesar na consciencia dos Corinthios como um sacrilegio hediondo. E, apavorados, obtiveram da condescendencia de Euripides que o facto tremendo fosse imputado á esposa de Jasão.

É, em todo o caso, evidente que Jasão, natural da Thessalia, e de real estirpe, partira n'uma expedição em companhia de cincoenta audazes companheiros, a fim de invadirem a Colchida.

Ahi seduziu elle *Medéa*, que o auxiliou na pratica de varios crimes, entre os quaes o assassinio do pae e dos irmãos da sacerdotisa; ahi subjugou elle o dragão e os touros de pés de bronze, que guardavam o Tosão de ouro, sendo, com toda probabilidade, dragão e touros os cavalleiros de fortissimas couraças que traziam nos pesados capacetes duas pontas simulando chifres, e que desde Sesostris permaneciam na Colchida.

Quanto ao Tosão, symbolisa as minas de ouro e principalmente o ouro fluvial recolhido, á maneira dessas remotas éras, em pelles de carneiro. Depois de ter devastado a região, regressou Jasão a Iolchos, de onde partira, e offereceu a Creon, tyranno de Corintho, os seus serviços, da utilidade e efficacia dos quaes acabava de dar brilhante prova. *Medéa* é, então, abandonada em favor de Creusa. E' n'este ponto que começa o drama de Catulle Mendès.

Em versos rosos e fluentes, o illustre poeta retraça o caracter desleal e sanguinario de *Medéa*, os seus crimes, os seus desesperos, a sua vingança, não se afastando o escriptor, nas grandes linhas e nas scenas culminantes, do drama de Euripides.

A *Medéa* que os actores do Theatro Renaissance interpretam n'este momento, foi entusiasticamente aclamada na primeira representação por uma platéa de homens de letras. Nas noites subsequentes, posto que os applausos não fossem tão delirantes, certamente inspiraram os maviosos versos de Mendès a impressão de uma arte sublime.

Na triplíce feição de mãe, amante e sacerdotisa, Sarah Bernhardt revelou-se a tragica admiravel, a actriz de impeccavel dicção que Paris se habituou a applaudir. Os versos tomam nos seus labios um colorido novo e estranho; e o poeta, saudado por um turbilhão de palmas, repartiu com ella os louros que obteve no primeiro espectáculo.

Darmont foi um Jasão amoroso e eloquente; e ao lado da eximia artista soube conquistar mercedos bravos.

E o primor d'arte, a que Catulle Mendès imprimiu o cunho



CATULLE MENDÈS
Auctor da *Medéa*.



SARAH BERNHARDT
No papel de *Medéa* de C. Mendès.

pessoal de sua fôrma suavemente correcta, será citado entre todas as *Medéas* como a mais profundamente poetica e a mais commovedora.



"Revista Moderna"

SICILIANA

(Pastel de Papperitz "Black and White")

BERLIM

Não se pode dizer que Berlim seja uma cidade alegre, mas deve-se afirmar que é uma capital magestosa e agradável. A sua architectura é pesada, as ruas geometricas e uniformes, a arborisação insignificante, mas os seus edificios têm o aspecto rico e confortavel, todos os estabelecimentos revelam um certo luxo e abundancia e a população que circula sem animação, mas com dignidade é cortez e limpa.

O estrangeiro que passar oito dias na primeira cidade allemã e superficialmente percorrer as avenidas, visitar os museus e assistir aos espectaculos trará certamente uma impressão agradável. Aquelle porem que, em mais longa estada, tiver occasião de assistir de perto à vida ordinaria da metropole, ressentirá o tedio que provem do tranquillo vae-vem da existencia allemã, subordinada como se obedecesse a uma disciplina.

Alguem disse que a Allemanha não era um paiz que possuia um exercito, mas um exercito que possuia um paiz. Esta phrase peca hoje por exagerada. O militarismo, que apoz as successivas victorias prussianas dominou naturalmente e pesou, não sem demasia, sobre a vida do nascente imperio, está hoje sensivelmente diminuido e se o elemento civil, ainda por patriotismo respeita e eleva a classe militar, esta por seu lado despiu-se da arrogancia e orgulho dos primeiros tempos.

Comtudo o caracter allemão e com especialidade o prussiano pende para as coisas da guerra e d'esta tendencia resulta evidentemente uma certa rigidez de habitos a que nós meridionaes não estamos habituados.

Accrescente-se a isto a materialidade germanica, a sua propensão para o lado comodo e practico da existencia, o seu indifferentismo affectado pelas coisas de sentimento e de arte e ter-se-ha a razão do pequeno numero de estrangeiros que fixam a sua residencia na boa cidade de Guilherme II.

O que a principio maravilha o estrangeiro chegado a Berlim é o appetite e sede insaciaveis do teutão.

Nos passeios, nos espectaculos, ao longo das ruas, em toda a parte emfim se acotovelam sujeitos comendo sandwicks de varias qualidades e formas mas sempre substanciaes e engorduradas. E nas fontes de Cerveja — Bier-Quelle — nos cafés e nos botequins, só se descobrem copos enormes, canecas monumentaes cheias de cerveja que impavidos bebedores continuamente despejam e renovam.

Na opera, durante os intervallos, não é raro ver senhoras ricamente vestidas, e decotadas, arregaçarem as luvas, trinçarem um pedaço de presunto, de pé, junto ao balcão do botequim e beberem o seu copo de cerveja.

Que mal ha n'esta franca demonstração do appetite? Nenhum decerto, mas a forma porque se satisfaz destoa da fina elegancia do meio em que se produz.

Em todos os cafés-concertos e estabelecimentos d'este genero, onde nos outros paizes se bebe, na Allemanha bebe-se e come-se, apresentando as salas, sempre, o aspecto de um banquete.

Explicaram-me que este habito allemão de devorar continuamente, provem de que só uma vez por dia se toma uma refeição completa e succulenta e não duas ou trez como é costume entre nós. Não sei se o habito é mais hygienico, mas o que é certo é que elle mostra sob um aspecto singular um povo que por tradição estamos costumados a considerar como ordenado e sobrio. Outra coisa



A Kaiser-Wilhelm-Strasse, em Berlim.

que não menos espanta o viajante é a quantidade de espectaculos e divertimentos que possui a terceira cidade da Europa e o movimento que até altas horas da noite se observa nas suas ruas. Costumados como estamos a ouvir gabar a regularidade da vida allemã este espanto é explicavel perante o numero consideravel de habitantes de Berlim que passado meia noite enchem as cervejarias onde entre a funiarada espessa dos charutos e cachimbos, discutem e jogam. As duas horas da madrugada quando já Londres e Paris dormem, Berlim é atravessado pelos tramwaes que se cruzam em todas as direcções regurgitando de passageiros.

Logo que a impressão d'estes primeiros momentos que revelam o allemão sob o seu aspecto verdadeiro mas inesperado — cessou; depois de se ter observado de perto o que é o cidadão de Berlim na sua vida exterior, de o ter surpreendido na sua tarefa quotidiana ou nos seus prazeres favoritos; depois de ter notado que as senhoras vestem á franceza, que os *restaurants* servem á franceza e que Berlim na sua imitação da capital inimiga possui até um *Moulin Rouge*: o touriste tendo observado



A avenida das Tílias (Unter den Linden).

o povo começa a observar a cidade que a principio não impressiona, de tal modo é geométrica e fria.

Berlim, como qualquer outra capital moderna, possui uma grande avenida e um vasto e pitoresco bosque.

A avenida que é magestosa e larga chama-se *Unter den Linden* — Passeio das tilias — O bosque ajardinado e aprazível é o *Thiergarten*.

Unter den Linden é realmente uma esplendida avenida que começa na praça da Opera e termina na porta de Brandebourg : monumental arco de triumpho de architectura grega muito elegante e decorativa.

Sobre este arco está a famosa quadriga representando o carro da victoria, feita em cobre martellado, por um caldeireiro de Berlim sem o menor valor artistico mas cujo valor historico é consideravel para os vassallos de Guilherme II.

Quando os Francezes tomaram Berlim em 1806, Napoleão fez descer o famoso carro de bronze e trouxe-o para Paris como trophéu de suas victorias.

Durante annos os berlinenses choraram a perda da sua quadriga e ao passarem sob a porta de Brandebourg tremiam de colera e juravam vingança.

A este proposito corre em Berlim uma velha anedocta :

Um professor, patriota exaltado, cada vez que levava os seus alumnos a passeio e avistava o arco de triumpho de Brandebourg não deixava de perguntar ao discipulo que lhe ficava á mão :

— Em que pensa o menino?

— Em nada — respondia naturalmente o estudante admirado de uma tão singular pergunta.

— Em nada? — exclamava o mestre furioso dando-lhe um vigoroso sopapo — pois tome lá que é para a outra vez pensar, quando avistar aquelle arco, que emquanto o carro de triumpho que d'antes o encimava estiver em Pariz a unica ambição de todo o bom Prusiano deve ser ir lá buscal-o.

Não tardou que o desejo do professor se realisasse e o carro da Victoria depois de ter rolado impellido pela mão gigante de Bonaparte logo que voltou ao seu antigo pedestal não mais se moveu e a sua immobilidade de symbolo tem alegrado e envaidecido um povo inteiro.

Muito mais artistico, sem duvida é o colossal monumento de Frederico o Grande que se levanta magestoso entre a verdura das tilias á entrada do *Unter den Linden*.

O grande rei está a cavallo em uniforme, a mão direita sobre o quadrilho olhar fino investigando o horizonte.

O pedestal, que é talvez a parte mais importante do monumento, é ornado de figuras em alto relevo, representado os personagens celebres do reinado de Frederico.

Unter den Linden, passeio favorito dos berlinenses, é muito animado á tarde e principalmente aos domingos a concorrencia que ali afflue é consideravel. Os edificios que ladeiam esta avenida são sumptuosos, e as lojas e estabelecimentos que de um lado e outro se succedem, podem rivalisar com as melhores de Pariz e Londres.

Na praça que precede esta avenida está a Opera e não longe o palacio imperial. Estes edificios são de construcção antiga e não offercem nenhum interesse.

Berlim tem poucos edificios publicos dignos de serem notados. Se tirarmos o novo Reichstag — camara dos deputados, — o Theatro Real, o Museu, a Bolsa, a galeria Nacional, o resto são grandes construcções pesadas de aspecto frio e deselegante. Nos edificios particulares encontra-se em compensação muitos cuja architectura e riqueza dos materiaes se alliam, produzindo um effeito realmente admiravel.

Na *Kaiser-Wilhelm Strasse* — rua do Imperador Guilherme; na *Friedrichstrasse* — rua de Frederico, e naturalmente no *Unter den Linden* abundam os palacios de um estylo talvez demasiado nacional mas certamente impressionante pela magestade das linhas.

O allemão tem um gosto muito particular pela escultura decorativa, arte que com mais frequencia cultiva e nas varandas das janellas, nos frontões da fachada, nas portas largas e aparatosas das suas casas, o marmore trabalhado abunda e forma por vezes aqui e alem pedaços artisticos de grande valor. Berlim possui dois museus de arte : a galeria Nacional e o Velho Museu.

A primeira, vasto edificio construido expressamente para o fim a que é destinado, encerra os melhores trabalhos da arte moderna allemã. Ainda que este museu seja o mais frequentado é mister confessar que os quadros que ali representam a arte nacional, são na maior parte insignificantes e não indicam de modo algum os progressos que n'estes ultimos annos tem feito a escola germanica.

O Velho Museu porem merece minuciosa visita.

Os amadores de obras primas podem contemplar com admiração e alegria quatro das mais extraordinarias telas que a magia dos mestres de outr'ora produziu. Essas obras são : *O Mercador Gioze* par H. Holbein um dos mais bellos retratos que temos visto



A porta de Brandebourg.



A Praça Bella-Alliança.

e onde tudo é sublime : composição desenho e colorido ; *O General Borro* por Velasquez um dos melhores trabalhos do mestre hespanhol, pintado com aquella expressão tão nitida da vida que é dir-se-hia a propria vida ; *A ama* por Frans Hals quadro demasiado celebre e reproduzido para que insistamos sobre as suas qualidades raras ; e finalmente *A Mulher e o berço* por Pieter de Hoogh esplendido estudo de interior, de uma arte suave e commovente, banhado de uma luz doce prodigiosamente natural e bella.

A par d'estas joias de inestimavel valor guarda o *Velho Museu* uma collecção relativamente rica dos mestres celebres de todos os paizes e particularmente da escola flamenga, a sala do andar terreo chão contem uma curiosa serie de esculpturas, fragmentos na maior parte — provenientes das escavações de Pergame.

Este museu ornado de elegantes columnatas eleva-se no meio de um fresco e florido jardim e assim é um dos mais preciosos retiros onde possam descançar os ciosos de arte depois de ter passeiado atravez de uma cidade tão pouco artistica.

Vir a Berlim e não ver o Imperador equivale a ter ido a Roma e não ter visto o Santo Padre. E' natural pois que todo o forasteiro indague onde se pode enxergar tão alto personagem. Devo dizer que tal desejo é facilmente realisavel visto que o Imperador sahe com frequencia ora de carruagem ora a cavallo. Nas poucas semanas que passamos em Berlim tivemos occasião de ver Guilherme II por varias vezes e tivemos mesmo a felicidade de observal-o de muito perto, um dia que elle passava a revista dos batalhões da guarda imperial em frente ao palacio.

O imperador tem verdadeiramente um grande ar marcial e ao vel-o pensa-se involuntariamente n'aquella phrase celebre com que o Grande-Marechal Wrangel annunciou o seu nascimento : « Meus senhores — disse elle aos grandes dignatarios prussianos — o *recruta* que impacientemente esperavamos acaba de chegar. —

Trajando admiravelmente o uniforme de commandante da guarda, Guilherme II impõe pela sua estatura direita e firme e pela voluntaria energia que revella todo o seu porte.

A enfermidade que desde o nascimento lhe immobilisa o braço esquerdo não é apparente e de modo algum influe nos movimentos do soberano que é habil na arte da equitação seu, exercicio favorito ao que parece.

Durante os exercicios e paradas o imperador parece taciturno e soberbo ; o seu rosto toma a expressão dura e antipa-

thica da sua raça, expressão fria da força inconsciente e esmagadora. Fóra das occupações militares o imperador é lhano e agradável e o seu rosto toma uma feição intelligente e bondosa que não pouco concorre para a sua popularidade.

Não conseguimos porem ver a imperatriz nem os principes. Disseram-me que S. M. Augusta Victoria pouco sae e que pelos seus gostos caseiros justifica a phrase com que Guilherme II fez cessar as criticas que, nos primeiros tempos se elevavam a respeito dos habitos da imperatriz :

« Mais vale que uma mulher saiba fazer bôlos, do

que ser capaz de discutir uma Constituição ».

Quanto aos principes que, como se sabe, o rei da Prussia educa militarmente e que apesar da sua pouca idade occupam todos postos superiores no regimento da Guarda Imperial, é facil vel-os, ao que parece, no *Thiergarten* onde por vezes passeiam de carruagem.

Os theatros de Berlim são como dissemos numerosos.

A opera (*Opernhaus*) que é celebre em todo o mundo, talvez pela execução cuidada, quasi religiosa, das operas do grande Wagner e pela superioridade da orchestra verdadeiramente admiravel é um



A Friedrichstrasse a entrada da Passagem.

velho edificio cuja sala longa é de um effeito detestavel e de um gosto decorativo insignificante.

Em compensação a musica que ahi se executa, com maestria e fidelidade e com aquella sciencia proverbial dos artistas allemães, é um verdadeiro regalo e por si só basta para fazer esquecer a rudeza da lingua, o aspecto sombrio e modesto da plateia, onde as toilette de gala não abundam e a frieza que reina em toda a salla devido talvez á pouca luz que é, parece, propositalmente ordenada pela esthetica scenographica allemã.



O Theatro Real.

O segundo theatro da capital da Prussia é *Schauspielhaus* onde se representa a tragedia e a comedia.

Alem d'estes theatros officiaes muitos outros ha, para todos os generos comedia, vaudeville, opereta, etc., alguns de construcção recente e magnifica realisando tudo o que o conforto moderno exige.

Os espectaculos em Berlim começam muito cedo ás sete horas e terminam por volta das dez.

A trinta kilometros de Berlim está Potsdam, o *Versailles* da Allemanha, celebre pelos seus parques e jardins e pelo castello de Sans-Souci ao qual anda ligada a velha historia do Moleiro teimoso e irreverente.

Potsdam é com effeito uma bella cidade, mais alegre e pitoresca que Berlim. Nas suas ruas alinhadas e espaçosas o arvoredo põe uma nota alegre que falta á capital e ás outras cidades da Allemanha.

E' interessante visitar o castello real não pelo que em si vale o monumento mas pelas lembranças que nos seus aposentos deixou o Grande Frederico.

Estas lembranças historicas, que os Allemães têm com razão em grande preço, consistem : no gabinete de trabalho de Frederico, a sua escrevaninha coberta por um panno de velludo a que falta um pedaço que Napoleão cortou e trouxe para Paris, — o guia não deixará de vos fazer notar a borrão de tinta que o Grande Rei deixou 'cahir sobre a mesa; — a sua estante de musica; os quadros que estão no gabinete de trabalho e são pintados pelo punho do proprio imperador; a balastrada em prata massiça que separa a bibliotheca do gabinete de trabalho; seu grande retrato equestre por Camphausen, etc. etc.

De Potsdam vae-se a pé ao formosissimo parque de Sans-Souci, que é realmente um dos melhores e mais bem concebidos jardins que existem no mundo.

Como o castello é edificado sobre uma colina, dominando um esplendido panorama, o jardim é construido em successivos terrassos de um effeito surprehendente.

Em baixo, ao fim da bella alameda da entrada está uma fonte monumental cujo repuxo sobe a mais de trinta e cinco

metros, n'um jorro d'agua monumental, espadanando-se a essa altura e cahindo n'uma abundante chuva no lago de marmore que o cêrca.

Em torno varios outros repuxos e jogos d'agoa completam o conjunto d'este gigantesco monumento hydraulico.

Os terrassos, no inverno, transformam-se em magnificas estufas onde são guardadas, as laranjeiras, as bananeiras, as palmeiras e toda a sorte de flores raras.

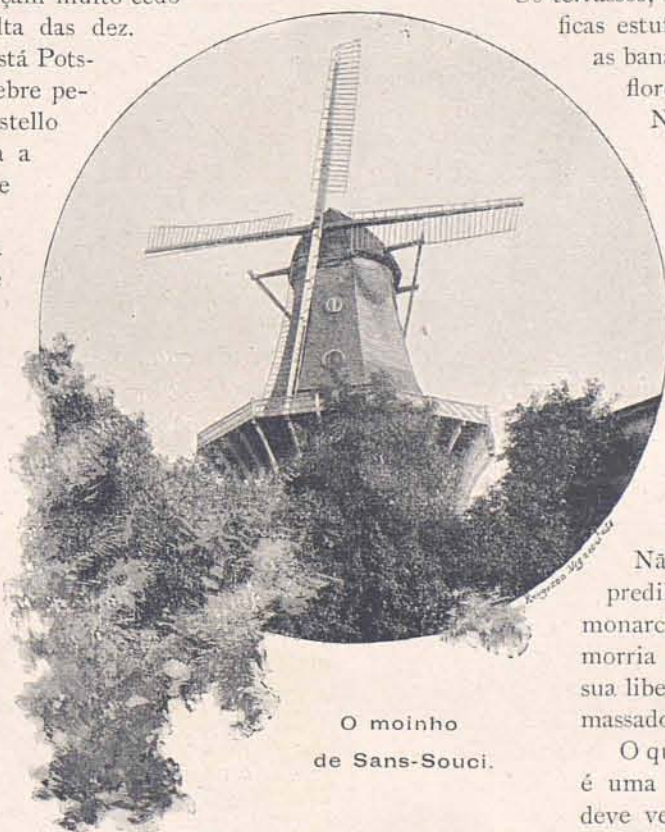
No verão, ao ar livre essas platibandas são vistosamente guarnecidas d'essas mesmas arvores e flores que formam um fundo maravilhoso a quem entra no jardim e a mais imponente escadaria a quem desce do castello.

Este é tambem muito bello e impressionante; a sua architectura ligeira, o fino e esvelto conjunto das suas columnas, os baixos relevos, as cariatides, as balastradas, tudo é de um alto estylo architectonico e de grande gosto ornamental.

Não admira que esta fosse a habitação predilecta de Frederico e que n'ella o grande monarcha tivesse querido fixar Voltaire que morria como se sabe do desejo de recuperar a sua liberdade e despedir-se de tão illustre quão massador amphitryão.

O quarto que Voltaire habitava no castello é uma das raridades que o visitante pode e deve ver.

O guia lhe mostrará com complacencia e ironia o alto relevo que orna uma das paredes do quarto e que representa um papagaio, uma raposa, um macaco, um pavão e não sei que mais e lhe dirá que esta decoraçáo bizarra foi uma das espirituosas graças de Frederico, que quiz que Voltaire tivesse sempre á vista os animaes dos quaes segundo o imperador possuia as qualidades.



O moinho de Sans-Souci.



O Castello Real em Potsdam.

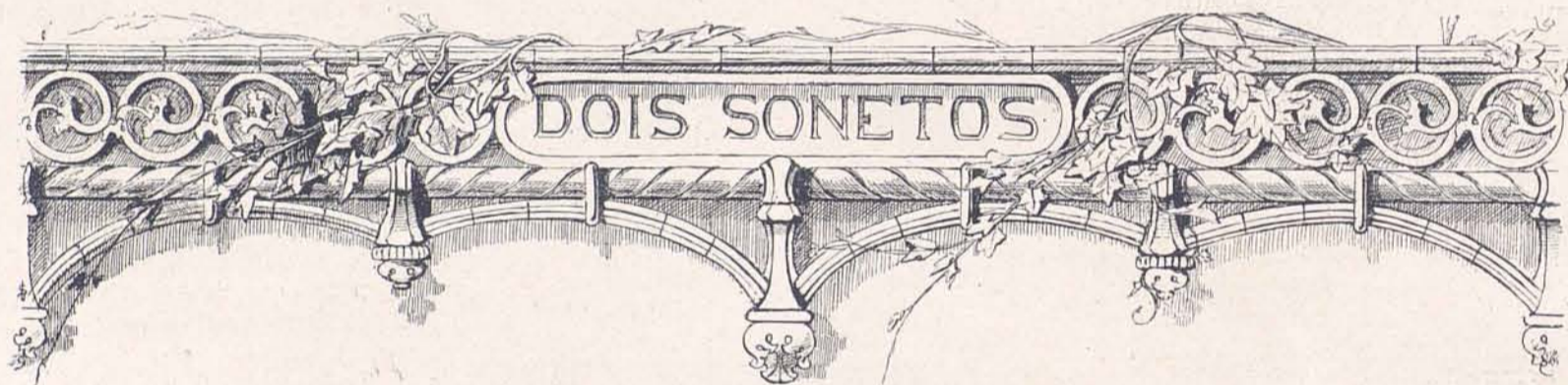
Compreende-se a colera do grande homem perante a insolência benévola do grande senhor.

Nos jardins de Sans-Souci, afora o pittoresco da sua disposição que tentamos descrever, é costume visitar : as ruínas artificiaes e de mau gosto que dissimulam os reservatorios de agua, o palacio japonês que Frederico, com justiça, chamava a casa dos macacos, por causa da sua decoração interior e o moinho de *Sans-Souci*, está

claro, um moinho como os demais, mas a que a historia e a anedocta deram particular interesse.

De volta de Potsdam, Berlim apparece mais triste e mais monotono e os dias tristes parecem mais longos. As curiosidades estão vistas e o viajante parte sem tristeza e sem um olhar de saudade...

THEODORO DE WILLY.



XVII

*Assim queiram em época futura
Crer nos versos que faço às minhas penas,
E aonde como n'um sepulchro apenas
Guardo parte de tua formosura.*

*Pois se eu dissesse de tu' alma pura
E de teu corpo como os tenho em mente
Diriam : « Qual, este poeta mente,
Nunca existiu tão bella creatura! »*

*E os meus sonetos amarellecidos
Dormiriam nas éras esquecidos
Até que a critica os tomasse amiga,*

*Não para gloria tua ou do poeta,
Mas como norma rara e obsoleta
Dos exageros de uma eschola antiga.*

(Paraphrases.)

FONTOURA XAVIER.

LIX

*Se tudo quanto existe antes tinha existido
E nada ha mais de novo, é triste a desventura
Do pensador que traz o espirito em tortura
Para ao fim dar á luz um feto já nascido.*

*Mas quem me dera ter quanto in-folio ou brochura
Ha seculos e seculos tem-se produzido;
Assim talvez achasse em alguma escriptura
Noticia do teu corpo antes preconcebido.*

*Então, talvez copiando espiritos preteritos
Eu chegasse a saber como cantar-te os meritos,
Ou o segredo porquê de uma hegira afastada*

*Vens tu, de metamorphose em metamorphose,
Em eterno louvor e eterna apothose,
Eternamente bella e eternamente amada!*

(Paraphrases.)

FONTOURA XAVIER.

NICOLAU FACCHINETTI

As bellezas naturaes da Rio de Janeiro são de tal ordem que longos annos se passarão antes que os seus habitantes encontrem o estylo de architectura e as linhas dos trabalhos de arte que não destõem do quadro da sua paizagem incomparavel. Emquanto se espera que a cidade do futuro se levante e avulte, branca ou polychroma, entre a verdura variada das mattas, o violeta escuro dos penhascos, o azul esmagador do céu e as cambiantes inefaveis do mar, vão trabalhando os pintores na amorosa representação dos seus arredores. E quando o Brazil estiver em moda nas terras civilisadas do hemispherio norte — tudo acontece! — não será a menor surpresa para os visitantes dos dioramas e outras exposições da arte brazileira essa revelação dos esplendores da natureza em que assenta a capital sul-americana. Entre os patrioticos contribuintes para essa propaganda pittoresca, o Sr. Nicolau Facchinetti occupará logar conspicuo, senão o primeiro logar (pois que muitos terão seguido o seu exemplo e não se pôde prejulgar sem conhecer os concurrentes do futuro).

O Sr. Nicolau Facchinetti é italiano nascido em Treviso e emigrado para o Brazil ha cerca de meio seculo, quando ainda a Venecia era austriaca. Como tinha frequentado durante tres annos a Escola de Bellas-Artes de Veneza, apresentou-se no Rio de Janeiro na qualidade de pintor decorador e de retratos. A decoraçao era escassa n'esses tempos e o retrato ainda hoje é ingrato. O joven veneziano atirou-se ao retrato da paizagem brazileira que mais o seduzia e envelheceu sobre a caixa de tintas e o cavallette volante perpetuamente armado deante do seu modelo complacente, infatigavel como elle.

Foram duros os seus começos. O pintor tinha pouco *métier* e muita consciencia. A sinceridade lhe tolheu as phantasias pittorescas da mão, os artificios e recursos technicos que tanto ajudam os artistas ensinados. O receio de não ser verdadeiro dessecou e endureceu o seu pincel. Sem falar nas exigencias dos donos da obra encommendada, que n'uma pequena tela devia representar o campo e a serra e o mar, a casa da fazenda, as rocas da lombada, o gado na pastagem e as flores do jardim, minuciosamente tratados es

suas linhas n'uma harmoniosa impressao de conjuncto, seria preciso preparar a palheta de accordo com a opala ou o crystal fosco matinal, ou o lapis-lazuli meridiano ou as purpuras crepuxulares do ceu que seria um sacrilegio retocar.

Esse é o segredo do successo da sua pintura. O veneziano sensual e ardente se desforra na fulguração das madrugadas e dos occasos no esplendor dos meiodias, do captiveiro da representação minuciosa das linhas e accidentes da paizagem. E os Brazileiros acham que esse é o pintor da sua natureza, atormentada e caprichosa de linhas, lavada por claridades offuscantes, da terra immensa, fatigante, a trilhar, da taça infinita « sobre nós voltada » em que o olhar bebe a embriaguez contemplativa, destruidora da energia.

Por longos annos, no emtanto, deante do seu cavallette e do seu incomparavel modelo, sempre o mesmo e sempre diferente, sem escutar os conselhos d'esse ceu dissipador, penou doze horas por dia o laborioso Facchinetti. A sua obra numerosa anda dispersa e comprehende o sertão e o mar, a serra vestida de florestas e a praia brancacenta em que se espreguiça a onda azul. Mas a paizagem dos arredores do Rio de Janeiro é a sua predilecta. Pela Gavea, ou pela Tijuca, nas barcas de Nictheroy ou nos bonds á roda d'essa pittoresca praia de Icarahy, de que aqui damos uma vista na reproducção de um dos seus quadros, elle é frequentemente encontrado. Veste sempre de preto e usa um grande chapéu de feltro, um chapéu romantico para cobrir a mais formosa cabeça que pôde imaginar quem quizer representar de cor um typo de velho artista da Renascença.

Entre a alvura da barba e dos cabellos e o rosado da pelle sempre nova, os olhos azues, claros e alegres, tem a mocidade perenne do espirito sempre alerta ás novas idéas da humanidade em progresso, do coração generoso que os annos e os trabalhos não fecharam ás illusões. Por isso, quando fala, o velho Facchinetti tem a exuberancia e a emphase expressiva dos perpetuamente enthusiasmos, dos artistas legendarios que, quasi centenarios, a morte vinha colher em plena gloria e em plena actividade, e de que ainda hoje Verdi é um prodigioso exemplo.



O PINTOR FACCHINETTI



A Praia de Icaray no Rio de Janeiro.

Croquis de Facchinetti.

postos em relevo. Sahindo da encommenda para o trabalho livre, foi a representação dos largos espaços que elle escolheu, a vista panoramica em que o olhar se perde e o espirito se afoga na contemplação da grandeza da terra.

E do céu tambem. Se o seu desenho cerrado e minucioso estreita a contemplação até á realidade photographica, o seu colorido tem a verdade estrondosa, o prestigio evocativo das horas, sob o sol dos tropicos. Desce por elle a deslumbrante e serena claridade do céu sobre terras e mares. E em tal paizagem do Sr. Facchinetti que elle consentiria em modificar no desenho dos accidentes de terreno e a representação dos valores dos seus planos, para melhor fundir as

O velho Facchinetti, o honesto e puro artista, viverá como elles tantos annos que ninguem mais se lembrará de o ter conhecido moço, e a alegria da minha velhice resumida e falha será encontral-o ainda n'algum recanto da nossa maravilhosa bahia, sentado deante do seu cavallette, e ouvil-o, como nos meus tempos de menino, recitar uma canção de Metastasio ou uma ode do ardente Leopardi. Por cima dos annos differentemente vividos, as nossas edades se approximarão, e não será certamente a minha face que mostrará a resistencia ás fadigas e desencantos da vida.

DOMICIO.

INDIOS AMERICANOS

MUITOS artistas americanos se têm inspirado no aspecto pittoresco e original que apresentam os índios da America, primeiros habitantes e primitivos possuidores dos interminos campos, das espessas florestas e dos caudalosos rios que ornaram a maravilhosa paisagem da grande republica.



Hong-EE.
Dançarino da tribo Moqui.

Os índios, outrora senhores absolutos da região vastíssima, acham-se hoje confinados no oeste; e essas paragens limitadas, onde as tribus se acumulam, são avidamente cubizadas pelos homens brancos, implacáveis adversários da raça vermelha.

Jorge Brush foi o primeiro pintor que tornou conhecidos esses selvagens; mais tarde, em telas primorosas, H. Parny, de Cincinnati, expoz com admirável nitidez alguns typos característicos; mas nenhum artista traduziu com mais intensidade e mais vigor as suas impressões

do que E. Burbank, proclamado hoje sem rival na sua especialidade.

As gravuras que a *Revista Moderna* offerece hoje aos seus leitores e que acompanham estas linhas, são reproduções dos quadros famosos do alludido pintor, actualmente admirados em Philadelphia.

Refere Burbank que venceu sem ingente esforço os receios de Jeronymo, chefe dos Apaches, desde que, em troca do seu retrato, lhe foi proposta a somma de dois dollars e meio. A transacção agradou de tal modo ao temido chefe, que, amavelmente, convidou o artista a jantar.

A refeição, a que assistia a numerosa familia de Jeronymo, consistia em carne cozida, pão e café, sem leite nem assucar.

Tendo sabido conciliar as boas graças do indio, obteve Burbank que elle se submettesse a longas sessões de *pose* e que, terminado o retrato, assignasse o seu nome como garantia de authenticidade.

Mezes após, visitou o pintor o respeitado chefe indigena. E d'essa segunda visita trouxe Burbank uma impressão nova e maguada. Jeronymo, triste, cabisbaixo, lamentava a morte de seus filhos; em vez de dez, restava-lhe apenas Ewa, sua filha, em quem elle concentrava todo o seu affecto. D'ella fez o artista um excellentre retrato, um dos mais apreciados de sua collecção.

Notou Burbank que o chefe progredira consideravelmente no tocante á civilisação. Mesas e cadeiras ornavam-lhe a choupana, e o *menu* do jantar constava de carne, batatas cozidas, bom pão, assucar, café e maçãs. Os pratos, — accrescenta o informante — eram de boa qualidade, e com espanto observou o americano que o indio e a sua familia, agora tão dizimada, usavam faca, colher e garfo.

Para esse progresso, que, no emtanto, prejudica um pouco o lado pittoresco dos indigenas, têm concorrido os srs. Beach e Wrattem, os quaes se têm humanitariamente dedicado a ensinar aos Apaches a agricultura e a imbuir-lhes principios de moral e de educação. Essa tribo, que é, sem duvida, a mais industriosa de quantas povôam os Estados-Unidos, tem emprehendido melhoramentos agricolas em Fort Sill, que á intelligencia e ao trabalho dos Apaches deve a sua prosperidade.

Burbank, consultado como auctoridade na questão dos índios, affirma a bondade instinctiva e a natural lealdade dos indigenas.

Na grande collecção de retratos do illustre pintor figuram os chefes das principaes tribus, que elle corajosamente visitou.

Sobre o afamado artista, cujo renome tem transposto as fronteiras do seu paiz, digamos duas palavras á guisa de rapida biographia.

Nascido em Harvard, estudou na velha Escola de dezenho de Chicago. Depois de alcançar ahi merecidas recompensas, partiu para Munich, onde o seu nome se tornou popular pela collaboração que assiduamente prestou aos jornaes illustrados. Entre outros trabalhos de maior monta, cita-se uma série de dezenhos humoristicos relativos aos negros dos Estados-Unidos, que grandemente concorreu para a sua fortuna artistica. Alguns numeros d'essa longa série, entre os quaes o que se intitula « Belleza americana », são vistos commumente na America, já em supplementos de periodicos caricatos, já sob a fórma grosseira de chromos. Com esse genero de pintura, obteve Burbank um premio importante na Exposição artistica inaugurada em Chicago no anno de 1893. Encarregado, depois d'esse triumpho, pelo Muséo Colombiano, de pintar os índios da America, o artista percorreu conscienciosamente Fort Sill e o territorio de Oklama, onde permaneceu alguns mezes; em seguida, penetrou nas regioes dos Sioux, Cheyennas, coroados e Narizes furados, situadas no noroeste da republica. Em 1897 visitou os Apaches, Moquis, Zunis, Utes e Navajos, e, não satisfeito ainda, projecta para muito em breve novas explorações.

Uma folha americana, logo após o regresso do viajante, colheu d'elle preciosas informações a respeito das tribus a que Burbank consagrara os seus estudos.

Diz o pintor que essas grandes familias selvagens têm rapidamente perdido a sua originalidade primitiva e que as roupas europeas, os fornos de cozinha e a charrua estão operando uma radical transformação nos usos e costumes do homem vermelho.

Jeronymo é um exemplo typico d'essa mudança, lastimavel no ponto de vista artistico.

Além d'esse chefe, cuja confiança o pintor plenamente adquiriu, Burbank imprimiu na tela alguns kiowas, e entre elles Hangerose, que a *Revista* reproduz.

Ko-pe-li, cuja effigie offerecemos igualmente aos nossos leitores, é da tribo dos Moquis, e chefe da seita das Serpentes. Este grupo, que tem um cunho de originalidade perfeita, não alterada ainda pela invasora civilisação, effectua duas vezes por anno uma dança curiosa, a dança

das serpentes, para a descripção minuciosa da qual nos falta, infelizmente, espaço. Ko-pe-li, sacerdote d'esse culto, é no retrato representado com a vestimenta ceremonial, o que Burbank conseguiu com esforço e graças aos mais persuasivos argumentos.

Os Zunis vivem no noroeste do Novo-Mexico. Constituem uma raça mais conhecida do que a dos Moquis, com os quaes apresentam, aliás, varios pontos de analogia.

São os zunisque que maior extensão territorial occupam nos Estados-Unidos, e, segundo a supposição mais corrente, formam a mais antiga das tribus americanas. É um povo de facil accesso, laborioso e pacato, cujas habitacões se salientam, entre todas, pelo aspecto peculiar e interessante.

He-see-O, de que identicamente damos o retrato, é o tylo com-



Tli-Ich-Na-Pa.
Matrona Navajo.



Jerónimo-Chefe Apache.

mum da mulher zun. A região habitada pela tribo é banhada por um rio de águas claras e transparentes que circunda a collina em que os zunis têm, na generalidade, construído as suas casas. Ao despontar do dia e á hora em que o sol descamba no horizonte rubido, descem as mulheres a limpida corrente, a fim de encherem os jarros de argilla, E, com um movimento cadenciado dos quadris, com o pucaro á cabeça, sóbem á eminencia, em que cultivam diminutos jardins, onde vicejam os legumes de uso ordinario. O retrato de He-see-O é considerado pelo artista que o pintou, como um dos melhores especimenes de sua collecção.

Relata Burbank que, por occasião de achar-se em zuni, foi por alguns indigenas murmurada a seu respeito uma assustadora suspeita. Disseram que o pintor, que tanta animação sabia dar aos seus retratos, era feiticeiro. Dias antes, tinha a tribo, na qual lastra ameaçadora superstição, torturado uma mulher velha, accusada de lançar « mão olhado » ás creanças. Graças á intervenção das tropas americanas, escapára Ma-u-rita — assim se chamava ella — da morte atroz á que fóra summariamente condemnada. Assim, explicavel era o receio do artista, cujo nome proferiam os indios com a temerosa qualificação. Tendo, porém, conversado largamente com See-nah-heh, o chefe, conseguiu Burbank eliminar do espirito d'esse indio desconfiado e prudente a suspeita ridicula.

A região dos Navajos fica situada entre os Zunis e os Moquis. Assemelhando-se nos traços geraes aos Arabes do Oriente, esses indigenas são, na maioria, nomadas. As mulheres criam cabras e veados, cuja lã e cujos pellos fornecem amplo material aos tecidos,



Hawgone (Artista da tribo Kiowa).

em que ellas sobremaneira se distinguem.

Tli-ich-na-pa é uma mulher da tribo navajo. Nota-se, na simples inspecção do seu retrato, que os seus traços são angulares e rudes, mais accentuadamente do que nas tribus domesticadas. Usam, as mulheres navajos, como ornamentação, collares de prata, aneis, braceletes, observando-se n'esses adornos a bandeira dos Estados-Unidos nitidamente gravada. São, em rapida synthese, as informações que o pintor Burbank transmittiu, ao regressar de sua interessante excursão atravez das regiões ainda não conquistadas pela civilização americana.

O assumpto em questão apresenta interessante actualidade pela revolta recente dos Apaches, contra os quaes diversos batalhões, de volta da mortifera campanha de Cuba, pelejaram renhidamente. O motivo invocado por essa tribo para a rebellião alludida, foi

haver o governo americano imposto pesadamente o whisky, cujo commercio se tornára penoso para os indios. Após varios combates, sahiram triumphantes da luca as tropas americanas, que ainda uma vez subjugaram o elemento indigena em latente animosidade contra o elemento civilisado.

Essa revolta tomou uma grande extensão, especialmente na tribo dos Apaches, indios guerreiros por excellencia e que sempre desenvolviam uma grande coragem nas diversas sublevações dos indigenas norte-americanos.

Desde os tempos remotos da dominação hespanhola os Apaches foram, os mais temiveis inimigos dos conquistadores; armados de flechas que lançavam com uma rara destreza a centenas de metros de distancia, elles eram os Parthas intrataveis, defendendo palmo a palmo a invasão d'esses novos Romanos. Hoje, sempre a cavallo e sempre em movimento, são os cosacos do Novo-Mundo, percorrendo dia e noute os prados e as savanas, e trazendo sempre a tiracollo em vez do arco e das flechas primitivas do seculo passado, aperfeçoadas e modernissimas carabinas a repetição.

A civilização americana não conseguiu dominal-os completamente pela força, tendo entretanto empregado para conseguir esse resultado os meios mais crueis. O indio era caçado, perseguido e morto como o animal da peor especie; em compensação os pelles-vermelha vingavam-se ferozmente desde que a occasião se lhes apresentava, e os massacres de familias inteiras de colonos succediam-se nos confins do far-west.

O que o governo e as populações brancas não puderam obter por meio de balas, conseguiram pela introducção do alcool: crendo no meio d'essa tribus de homens sobrios e possantes, habitos de intemperança que deviam cedo ou tarde enfraquecel-os, abatendo-lhes o prestigio altaneiro que com orgulho conservavam de pai a filho.

O aniquilamento dos indios, nos Estados-Unidos, por meio de bebidas falsificadas de toda a especie, foi um dos gran-



He-SEE-O. Carregadora d'agua-Tribo Zuni.



Aguiá-Bonita (Chefe da Nação Coroadá).

des crimes d'essa brutal civilização americana que hoje confirma para comos povos civilizados as suas bellas tradições de paiz conquistador e sem escrupulos.

Os Apaches eram outróra uma forte nação composta de muitas tribus, taes como os Coyoteros, Chiricahuis, Tontos, Mogollones e algumas mais; viviam elles na parte do Mexico hoje annexada pelos Estados-Unidos, entre a California e o Texas. A estatura e còr d'esses indigenas variam segundo as tribus, mas elles são geralmente grandes e bem feitos, cabellos compridos e pouca ou nenhuma barba, o rosto pintado, especialmente as mulheres, com vermelhão e os chefes usam como um dos distinctivos do seu posto, um bonet de pelles ornado de grandes pennas de aguiá.

Os Apaches de natureza vagabunda e beduina, armam as suas barracas em pleno campo e n'ellas passam alguns dias, no maximo algumas semanas; mas quando, pela inforçados clemencia da estação fria ou chuvosa, organisam aldeias, são ellas geralmente compostas de pequenas cabanas cobertas de barro e ramos seccos, tendo uma só porta pela qual, com difficuldade uma pessoa entrará.

São extremamente gulosos quando encontram viveres em abundancia e tem-se muitas vezes visto um Apache, naturalmente esfomeado, devorar todo um carneiro ou cabrito, sem que essa extraordinaria refeição cause-lhe o menor embaraço gastrico. Em compensação soffrem resignados a fome e a sede e passam com facilidade quatro e mesmo oito dias sem beber nem comer, contentando-se com algumas raizes e certas hervas trepadeiras, especie de cipó, que mastigam e engolem o succo para mitigar a sede.

O pai de uma familia quasi sempre numerosa é considerado o unico e legitimo chefe, mesmo para com os netos; as suas prerogativas vão até, ao direito de vida e de morte sobre os seus.



Guang.
(Rapariga da tribu Moqui).



Chefe José.
(Da tribu do nariz furado).

A polygamia constitue o estado natural entre elles e as mulheres são destinadas aos trabalhos caseiros ou manuaes. Quanto mais rico e poderoso é o chefe, mais mulheres tem; pois ellas são commumente vendidas ou dadas como presente, para lisongear o prestígio do autocrata da tribu.

A concepção religiosa é resumida entre elles na crença e temor de um Ser supremo, indefinivel, chamado *Vastaritaune* « governador dos céos », mas não possuem o menor sentimento sobre os attributos divinos e muito menos a idéa de uma vida futura.

O indio Apache seria na America do Norte, se os meios de catechese fossem outros, um valiosissimo auxiliar para o governo da União na primeira organização a dar aos territorios incultos, mas que em todos os tempos foram por elles percorridos e habitados.

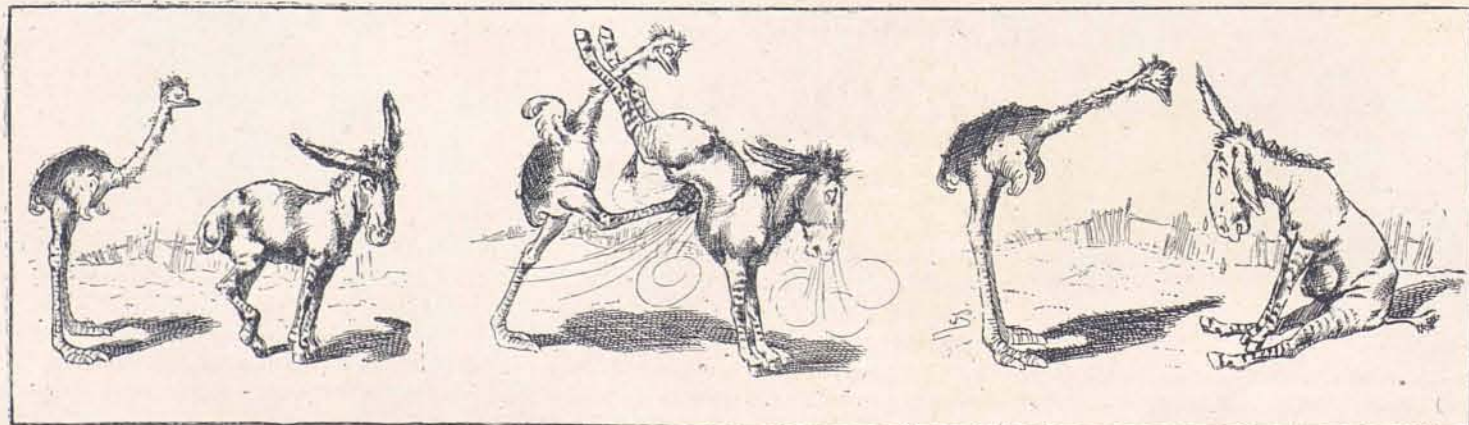
Mas os aventureiros da peor especie que constituem a guarda avançada dos fundadores de novos estados, adquirindo os terrenos pelo simples pagamento de uma infima quantia correspondente aos sellos do registro, trataram esses indigenas

como verdadeiros animaes, e d'esse modo se explica que, depois de cento e cincenta annos de perseguições, resistindo ás balas das carabinas Martini, aos revolvers dos *cow-boys* e ao whisky envenenado, elles ainda revoltam-se, fazendo frente a um exercito regular composto de muitos mil homens, sobre o qual conseguem a victoria em muitos combates.

Differentes pequenas tribus taes como os *Nabajoa Panis* e outras percorrem as planicies americanas, mas ellas não têm a menor ligação com os Apaches, possuindo uma lingua e usos completamente differentes. São estes ultimos, indigenas de um caracter selvagem e cruel, vivendo em constantes guerras entre elles.

THOMAS SWEET.

HISTORIA DE UM BURRICO E DE UM AVESTRUZ



O BURRO. — Não ha animal mais estúpido do que o avestruz. Vejam lá se este não está mesmo a pedir um par de coices...

O BURRO. — Toma!...
O AVESTRUZ. — Leva!...

O AVESTRUZ. — Então?... Você bem vê que não ha animal mais estúpido do que o burro...

BARRA DO RIO GRANDE



DR. COSTA COUTO.

Accedendo com muito prazer ao amavel convite do nosso distincto e incansavel compatriota D^r M. Botelho, que poz graciosamente á minha disposçao as columnas da sua conceituada Revista para fazer um artigo sobre a Barra do Rio Grande do Sul, julguei conveniente traduzir o discurso que proferi na Sociedade dos Engenheiros Civis de França em 7 do mez passado, sob a Presidencia de, M. A. de Loreau, que brindo a Sessão ás 8 1/2

horas da noite, pronunciouas seguintes palavras :

« Modificamos o programma habitual das nossas reuniões para « dar a palavra ao nosso collega M. da Costa Couto, chefe de secção do Ministerio das Obras Publicas no Rio de Janeiro, que « acha-se momentaneamente em Paris. Somos muito felizes em dar « esta prova de sympathia a um dos nossos Collegas e ao Governo « do Brazil, onde encontramos um grande numero de membros « da nossa Sociedade. Temos o prazer de annunciar-vos que, em « vista do interesse suscitado pela questao de que vae tratar M. da « Costa Couto, nosso Collega M. le baron Quinette de Rochemont, « Director Geral do Ministerio das Obras Publicas, deu-nos a honra « de assistir a esta Sessão ; o que agradecemos mui sinceramente.

« A palavra está dada a M. da Costa Couto para fazer a sua « communicação sobre « *Melhoramentos das Embocaduras de Rios « de fraca maré e fundo movel, com applicação á Barra do Rio « Grande do Sul* ».

Meus Senhores,

Devo agradecer ao Snr Presidente d'esta Sociedade que concedeu-me esta Sessão para apresentar minha communicação a todos os Collegas aqui presentes, e para não abusar da preciosa attenção do illustre auditorio que dignou-se comparecer, accedendo ao nosso convite, procurei ser o mais breve possivel.

Tive a honra de representar esta Sociedade, sendo seu delegado no VII Congresso Internacional de Navegação, que acaba de ter logar em Bruxellas, onde apresentei e expuz a communicação de que passo a tratar :

A Barra do Rio Grande do Sul é por assim dizer um verdadeiro phenomeno maritimo : vê-se de um lado duas lagoas (Patos e Mirim) com uma bacia hydrographica de 162000 kilóm²., do outro o Oceano Atlantico tendo como emissario um unico canal, chamado *do Norte*, e não obstante um volume d'agua consideravel que varia de 5000 a 7000 metros³ por segundo, este canal forma na sua embocadura, um banco extenso, com passes muito moveis e variaveis, difficultando a entrada e sahida dos navios. Entretanto, desde 1885, devido a uma tempestade, o canal fixou-se n'uma unica posição S.-S.-O. que conservou até hoje, e, por factos puramente accidentaes, ficou demonstrado que os principios que são applicaveis á regularisação dos rios a grande maré, são tambem para os de fraca maré.

Vendo que os resultados obtidos pelas experiencias permittiam-me tirar conclusões praticas, que a meu ver são leis geraes, applicaveis a outros casos semelhantes, é sob esse ponto de vista que acho interessante esta conferencia.

REGIMEN DA BARRA. — FORMAÇÃO DOS PASSES.

Como quasi toda a parte Sul do Brazil, o Rio Grande é constituído de uma immensa praia de areias e dunas que caminham do norte para o sul, em consequencia da predominancia dos ventos N.-E.; foi assim formada a península que separa a lagoa dos Patos do Oceano Atlantico.

Todos os grandes rios como : Guahyba, Camaquão, Piratinim e outros que desembocam n'esta immensa lagoa, fazem ahi deposito de sedimentos que trazem em suspensão. A lagoa dos Patos communica tambem com a de Mirim e todas as aguas são levadas ao mar por uma unica via que é o canal do Norte. Estas lagoas são perfeitamente apropriadas para serem o reservatorio de decantação, não só das aguas dos rios que ahi desembocam, mas tambem dos sedimentos maritimos trazidos pelo canal do Norte, em razão do fluxo. Ellas representam, portanto, um papel muito importante para o melhoramento da Barra porquanto servem, não só de bacia, de decantação, mas ainda de bacias de « chasse » para augmentar as correntes de jusante, isto é, de vasante. São estas correntes que estão destinadas a varrer as areias do banco, fóra da embocadura, afim de entreter um « passe » ou canal unico e profundo, accessivel aos navios.

Na 2^a e 3^a estampas que mostramo estado da Barra em diferentes épocas, nota-se no banco trez « passes » abertos ; N.-E. S.-O. e Sul Passo a explicar, as causas da formação d'estes « passes ».

A estampa constante do Atlas da nossa communicação, indica o diagramma comparativo dos ventos, desde 1877 a 1883 e mostra que os de N.-E. e S.-O. são os ventos reinantes.

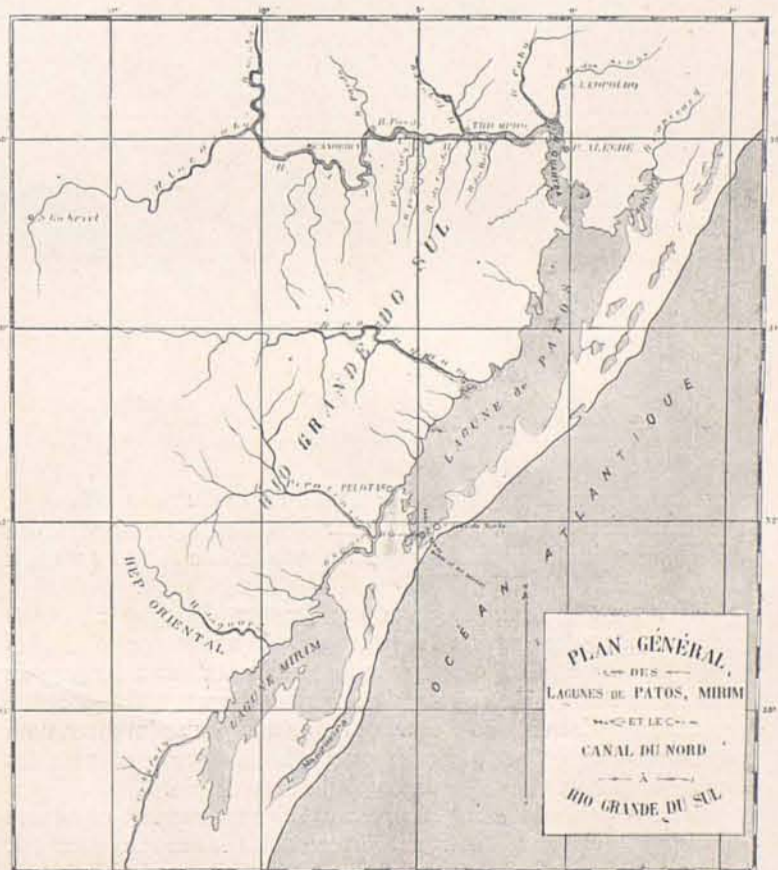
Os ventos N.-E. têm por effeito jogar as aguas para o S.-O. augmentando as correntes de vasante, de sorte que as aguas sahindo do canal do Norte são forçosamente dirigidas nessa direcção para formar o 1^o « passe » S.-O.

O « passe » E. é formado pelos ventos S.-O. que diminuem as correntes de vasante do canal do Norte augmentando assim as de fluxo, dividindo-as em duas ; uma, penetrando na embocadura do canal, e outra seguindo o direcção N.-E. para abrir o 2^o « passe » E.

O 3^o « passe » é formado, quando a Barra não está sujeita a acção de nenhum dos ventos reinantes, as aguas do canal do Norte seguem então a direcção geral do eixo onde estão concentradas as mais fortes correntes para abrir o « passe » ou canal Sul.

Destes trez passes, este ultimo é o que se conserva o mais pros fundo, sendo o mais procurado pela navegação, conforme os dados praticos e navegantes, assim como de numerosos engenheiros que estudaram esse porto.

Essas variações de « passes » ou canaes que faziam outr' ora o terror dos marinheiros que deram o nome de « Barra movediça » são sem importancia, porquanto são puramente occasionaes, sendo



as consequencias da acção dos ventos, e correntes e tambem do desabrigo da Barra.

Ora, se a Barra fixou-se desde 1885 na posição S.-S.-O., isto é se o canal por si mesmo, approximou-se da posição Sul, que mostrou ser a mais conveniente, é evidente que, qualquer que seja o projecto para o melhoramento da Barra, é preciso abrigal-a contra os ventos reinantes (N.-E. e S.-O.), afim que as aguas do canal do Norte possam se fixar n'esta mesma direcção Sul, que é o passe natural da Barra, e onde a força das correntes concentradas permite de varrer as areias fóra da embocadura; esta direcção é ainda pela sua posição topographica de um acesso mais abordable aos navios. « Barra Sul, Barra por muito tempo, » dizem os navegantes.

Ha pouco, disse, que as duas lagoas eram verdadeiras bacias de decantação, logo os sedimentos que constituem o banco, fóra da embocadura, são em grande parte de origem maritima, porém, tendo-se em vista a constituição arenosa das margens e do fundo do canal do Porto, os sedimentos fluviaes que vão ter ao banco, são devidos principalmente, aos desmoronamentos das margens d'este canal e as excavações do fundo produzidas pelas correntes; o que é tudo resultado das mudanças bruscas das secções que dão como resultado as variações de velocidades.

E' para este ponto que deve concentrar-se toda nossa attenção, isto é sobre a regularisação do canal do Norte, porém, tratemos antes das inconveniencias das irregularidades d'este canal que são numerosas.

INCONVENIENCIAS DO ESTRANGULAMENTO NA EMOCADURA DO CANAL DO NORTE.

Ordinariamente, todos os rios têm a embocadura mais larga do que qualquer secção á montante; no Rio Grande ao contrario, as

Para mostrar de modo claro e preciso, os effeitos nocivos d'esse estrangulamento, basta consultar as estampas dando o estado da Barra em diferentes épocas. Vê-se que o canal ou « passe » sul é sempre estabelecido na Barra logo que a embocadura alarga-se de 550 a 1100^m como mostram as plantas de 1849, 1866 e 1875.

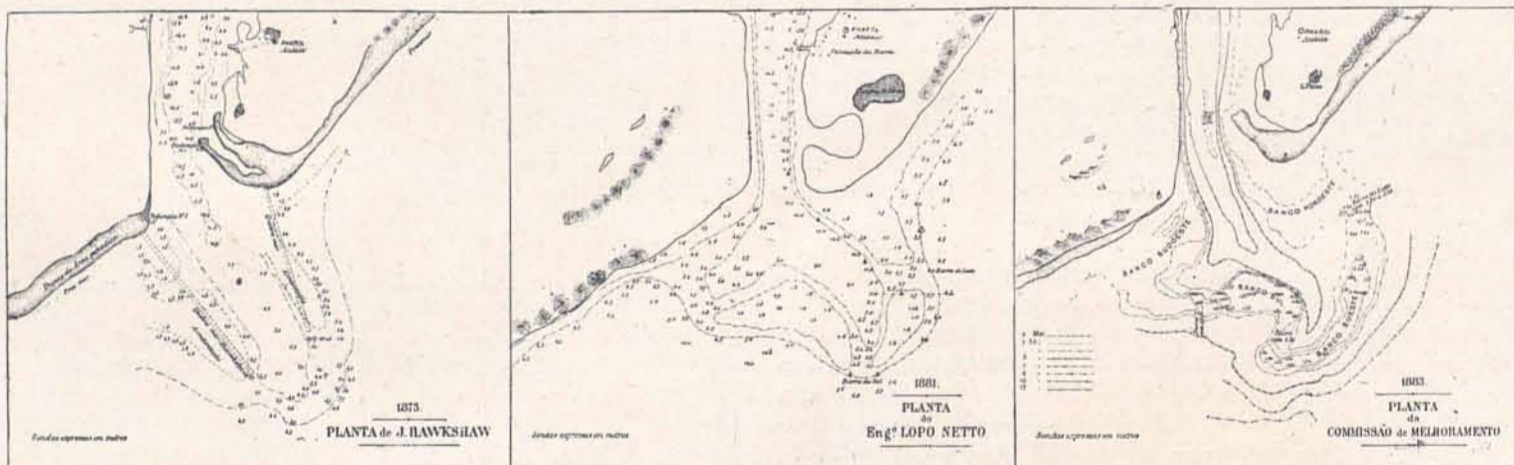
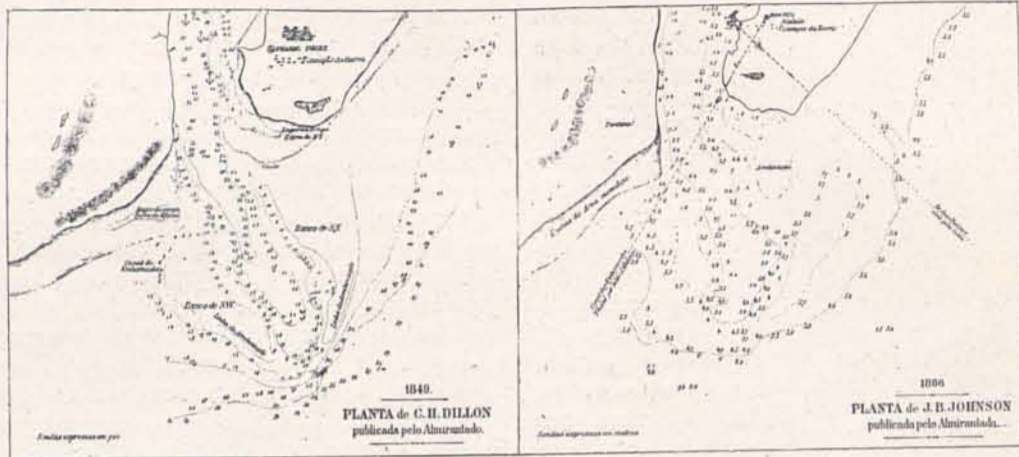
De 1875 a 1883, a medida que a embocadura vae diminuindo tornando o estrangulamento mais pronunciado, a Barra fica impraticavel, e em lugar de um « passe » na direcção sul, temos sempre trez « passes » S., S.-O., e E. (vide plantas).

A tempestade de 1885 alargou a embocadura de 1000 a 1100^m, o que deu em resultado o « passe » fixar-se na direcção S.-S.-O., que conserva até hoje, em lugar da direcção S. por causa do desabrigo da Barra e dos effeitos dos ventos N.-E. que impellem as aguas sempre n'esta mesma direcção S.-S.-O.

Pelos perfis longitudinaes do canal do Norte e do banco, indicados na estampa da nossa communicação, nota-se que as linhas que dão maior profundidade no banco fóra da embocadura são as que correspondem ás plantas de 1849, 1866, 1875, 1885 a 1894 que têm maior largura na embocadura.

Em 1883, o estrangulamento tornou-se mais pronunciado, cavando ahi, o leito de 20^m; a crista do banco elevou-se então, dando uma profundidade na Barra de 1^m,70 apenas.

Para mostrar a acção retardatriz produzida por este estrangulamento, indicamos os perfis transversaes da parte mais estreita da embocadura, e ao lado as secções correspondentes da parte mais larga a montante: — á medida que as secções da embocadura, vão estreitando, as correspondentes á montante alargam-se nas mesmas proporções e vice-versa; o que prova que os volumes das aguas represadas são proporcionaes ao estrangulamento da embocadura.

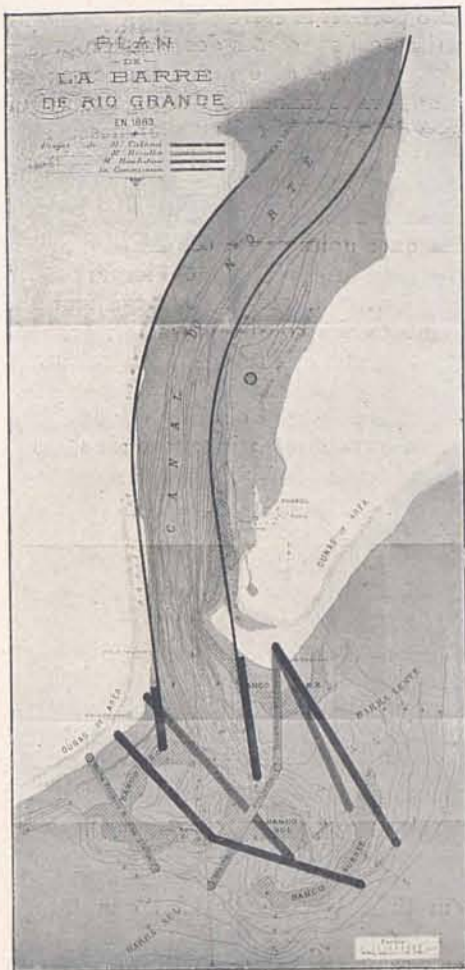


secções em lugar de augmentar de montante para jusante, offerecem irregularidades taes que existe um estrangulamento na embocadura devido ao pontal que tem sempre a tendencia de fechar a mesma embocadura.

Este estrangulamento varia em largura de 550^m a 1100^m conforme a predominancia dos ventos N.-E. que fazem caminhar as areias para o sul. Este estrangulamento, diminuindo a largura da embocadura difficulta a entrada e sahida das aguas enfraquecendo a potencia hydraulica do estuario, produzindo por assim dizer, uma acção retardatriz sobre o consideravel volume d'agua que vem das lagoas e que desce, naturalmente, pelo canal do Norte. Estas aguas, não podendo sahir facilmente, são represadas á montante dando como resultado as larguras exaggeradas das secções do canal, assim como os atterros e bancos existentes na Corôa da Marianna.

REGULARISAÇÃO DO CANAL DO NORTE.

As marés no Rio Grande variam de 0^m,60 a 1^m,70. Ainda que não se possa dar ás marés senão uma importancia secundaria, não se deve por modo algum, desprezar esses elementos, tanto mais quanto os effeitos do fluxo das marés fazem-se sentir a 180 kilom. a montante da embocadura do canal do Norte, isto é além das lagoas. Mas, no caso em que esses elementos nos faltassem, podiamos contar com o consideravel volume d'agua e poderosas correntes de vasante que vêm das lagoas interiores; são estas correntes que se deve regularisar, dando a velocidade mais uniforme possivel, harmonisando as secções do canal, proporcionalmente ao volume d'agua que passa, com o fim de estabelecer um regimen estavel no estuario.



Esta estampa mostra o nosso projecto em comparação com os de diversos outros engenheiros.

Na época em que esses notáveis engenheiros estudaram os seus projectos, o canal não tinha fixado o « passe » na direcção S.-S.-O. como está desde 1885, de sorte que esses engenheiros redigiram os seus projectos com « jetées » convergentes muito extensas, com o fim principalmente, de abrigar a Barra contra todos os ventos que ali poderiam produzir seus efeitos.

Deram além d'isso ás suas « jetées », direcções inteiramente diferentes, conforme os « passes » que acharam abertos na época em que fizeram os seus estudos; assim o engenheiro Ficalho achou o « passe » aberto pelo lado S.-S.-O. e dirigiu as « jetées » n'esta direcção; dous annos depois M. Calant voltou as suas « jetées » para o lado S.-S.-O., e assim M. Hawshshaw. Agora,

que o canal por si mesmo fixou-se, as diversas direcções dadas ás « jetées » não têm mais razão de ser.

A convergencia das jetées produz verdadeiros estrangulamentos devido á pequena largura entre as testas dos molhes (musoirs) destinados a entrada e sahida dos navios.

Este estrangulamento situa-do a 5 kilom. da embocadura é mais nocivo ao regimen geral do estuario, do que o existente já formado pelo pontal. Ainda essa convergencia não produz senão effeitos puramente locais, porquanto as arêas removidas pelas velocidades exaggeradas por causa do estrangulamento, são depositadas ora á jusante ora á montante, quando a velocidade diminue e a secção alarga-se. Esses depositos se repetirão não só no fluxo como no refluxo. Cada um d'estes estrangulamentos é um verdadeiro obstaculo ao desenvolvimento das correntes e nenhum d'elles poderá ser vencido sem uma certa perda de força viva, esgotando assim, pouco a pouco e inutilmente, a energia das correntes.

Cada estrangulamento, cada alargamento brusco das secções modifica o regimen do canal dando logar ora a velocidades enormes, ora a retardamentos correspondentes; aqui excavação, e lá vão depositar arêas, prejudicando assim o regimen estavel do estuario. De resto, as arêas não acham

logar mais conveniente para depositar-se senão na grande extensão do anteporto abrigado pelas jetées convergentes.

No nosso projecto, longe de concentrar os trabalhos fóra da embocadura, pelo contrario, tivemos em vista o interior do canal, regularizando methodicamente as secções, proporcionalmente ao volume d'agua, e com as « jetées » proximamente paralelas, para facilitar o mais possivel a entrada das aguas afim de ter-se na vasante um volume maior para formar e entreter um canal com maior força viva.

Não sómente a enchente mas tambem a vasante se farão tanto mais prompta e mais facilmente quanto as secções serão mais regulares e a sahida mais larga d'onde resultará um maior volume d'agua em movimento no canal.

Nosso projecto, bem que não esteja traçado senão em suas linhas principaes, já mereceu a approvação de numerosos engenheiros especialistas da Europa, contando grande numero entre os nossos Collegas da França assim como da America do Norte e do Brazil onde fiz duas conferencias no Club de Engenharia do Rio de Janeiro. Recentemente recebi ainda uma apreciação muito lisongeira do Instituto Polytechnico Brasileiro.

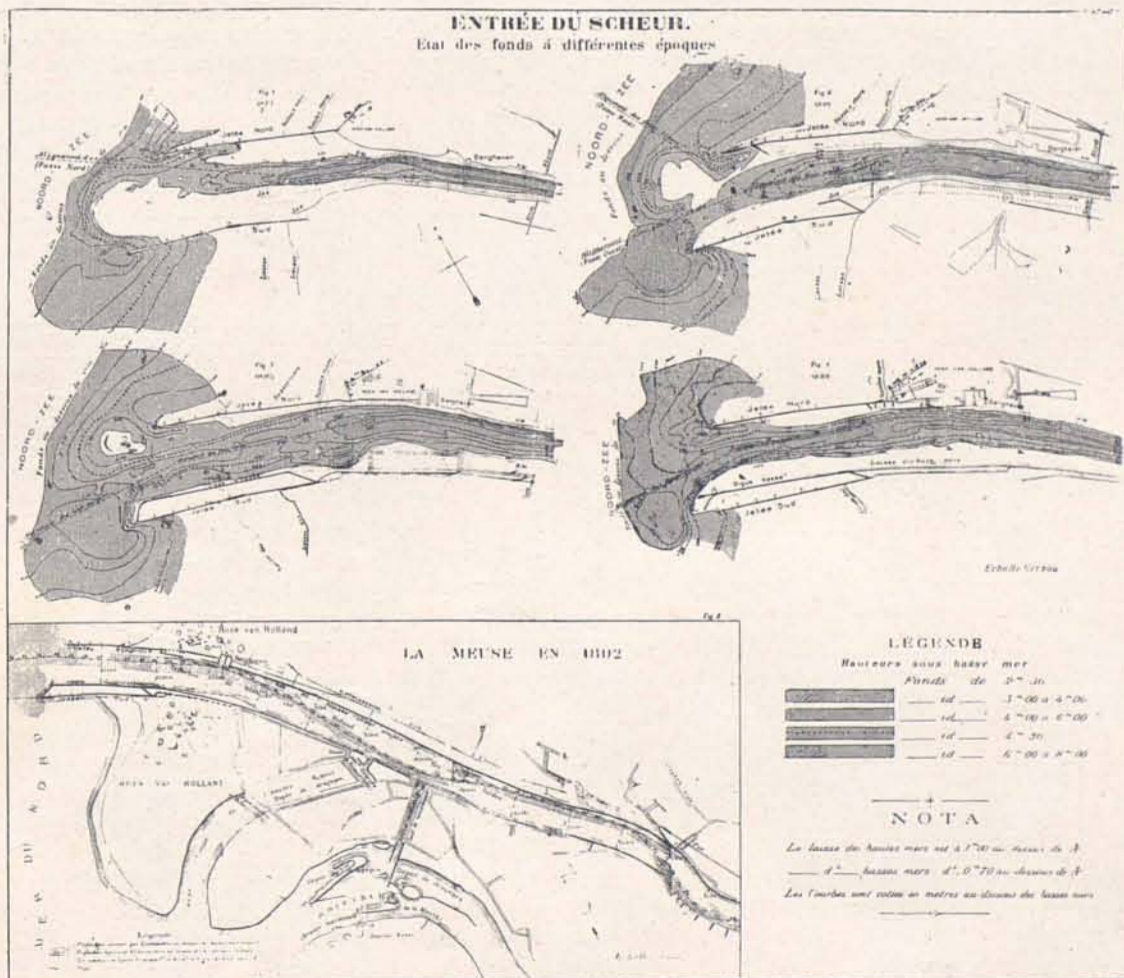
As « jetées » do nosso projecto deverão ser prolongadas mais tarde, segundo as experiencias e indicações locais, porquanto o canal mesmo indicará mais tarde quaes deverão ser o prolongamento e afastamento definitivo das « jetées ».

Para mostrar a efficacia da regularisação, não será preciso ir tão longe; temos aqui o plano dando o estado do rio Mosa em 1876, 1881, 1883, 1889 e 1892.

Em 1887 o Mosa estava impraticavel; existia um grande banco que está desenhado em branco (assim como mostra a gravura) dando uma profundidade de 2^m,50 entre as « jetées ».

Depois que foram iniciados os trabalhos da Commissão do Estado Hollandez, propondo regularisar as jetées por meio de diques submersiveis alargando o estrangulamento existente a Hock van Holland, que é mais ou menos identico ao do Rio Grande, o canal fixou-se n'uma profundidade de 3 a 4 metros.

De 1881 a 1886, á medida que os trahalhos foram executados o canal por si mesmo fixou-se com 7^m,50 a 8^m de profundidade.



Em 1892 quando a regularisação foi feita até Rotterdam, o Mosa abriu-se com 8 a 9^m. Graças a este melhoramento Rotterdam é um dos portos mais importantes do norte da Europa.

Guardamos expressamente como documento de convicção a ultima planta dando o estado da Barra em 1897 onde devido a uma tempestade, o estrangulamento desapareceu e foi como que empurrado para a terra. O volume d'agua represado á montante, forçou de tal modo a sahida que desmoronou uma parte da margem direita do canal formando ahi uma curva de modo a dar á embocadura uma largura sem exemplo até hoje. O canal formou então um « passe » mais proximo ainda da direcção Sul e com maior profundidade, não obstante os effeitos dos ventos N.-E., e o desabrigo em que ainda a Barra se acha.

Poder-se-ha ver pela mesma planta a boia de orientação para a entrada dos navios, em relação ao eixo do canal do Norte que dará uma linha mais ou menos paralela a N.-S. traçada ao lado. É claro portanto, que logo que a Barra estiver abrigada pelas nossas jetées paralelas na direcção Sul, o canal fixar-se-ha definitivamente n'essa mesma direcção com uma profundidade de 8 a 9^m.

O pleno successo do projecto de melhoramento da Barra do Rio Grande do Sul é garantido pelas correntes sub-marinhas que correm parallelamente á costa com uma velocidade de 0^m,30 a 0^m,60 por segundo conforme os ventos.

Assim, pois, temos de um lado, o Rio Grande que mostrou, por factos puramente accidentaes que os principios que foram applicados á regularisação dos rios á grande maré, podem ser igualmente aos de fraca maré, e de outro lado, o exemplo do Mosa depois dos trabalhos executados, o que permittiu-me tirar as conclusões seguintes.

CONCLUSÕES

Para melhoramento de rios ou canaes marítimos, mesmo a fraca maré, é preciso :

1º Facilitar tanto quanto possivel as correntes, quer montante, quer vasante, pela regularisação das secções dos rios, proporcionalmente ao volume d'agua que passa ;

2º Para os canaes ou rios, cuja constituição é de margens e fundos arenosos, alem dos trabalhos de plantação e fixação de dunas; esta regularisação deverá ser feita em toda sua extensão quer pela consolidação das margens, quer unicamente por meio de dragagens, conforme as indicações locais ;

3º Quanto aos trabalhos a executar fóra da embocadura, consistem em abrigar, desde logo, a Barra, contra os ventos reinantes, dirigindo, o mais possivel, o canal ou passe destinado á entrada e sahida dos navios na direcção geral do eixo do canal onde são concentradas as mais fortes correntes, afim de entreter um passe unico e profundo ;

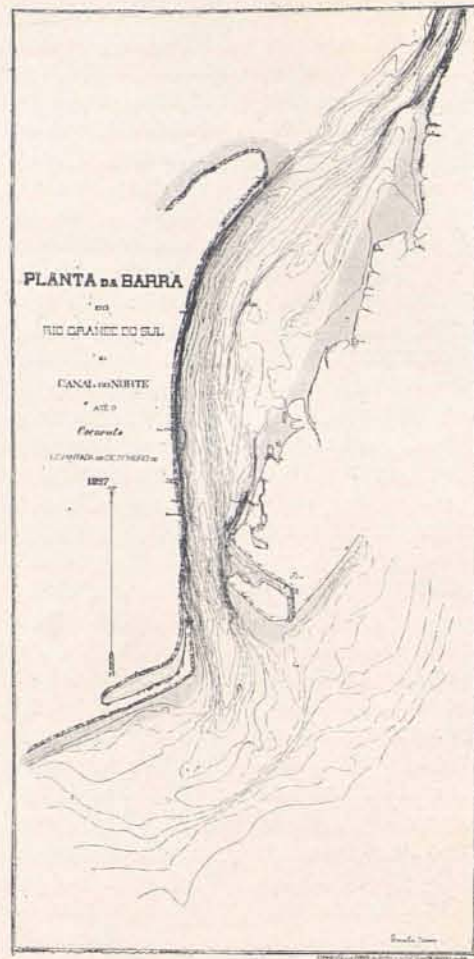
4º Desde que se possa contar como no Rio Grande do Sul, com poderosas correntes vindo de lagoas interiores, as jetées parallelas, facilitando a entrada e sahida das aguas impõem-se de preferencia ás jetées convergentes, que não produzem senão effeitos locais, difficultando o movimento das aguas, diminuindo a potencia hydraulica do estuario, pelas irregularidades das velocidades das correntes e das secções, irregularidades que prejudicam o regimen geral do estuario.

São estas conclusões que tenho a honra de submeter á judiciosa apreciação dos meus illustres Collegas, afim que possam julgar se ellas são admissiveis e principalmente se podem achar applicação efficaz em outros casos semelhantes.

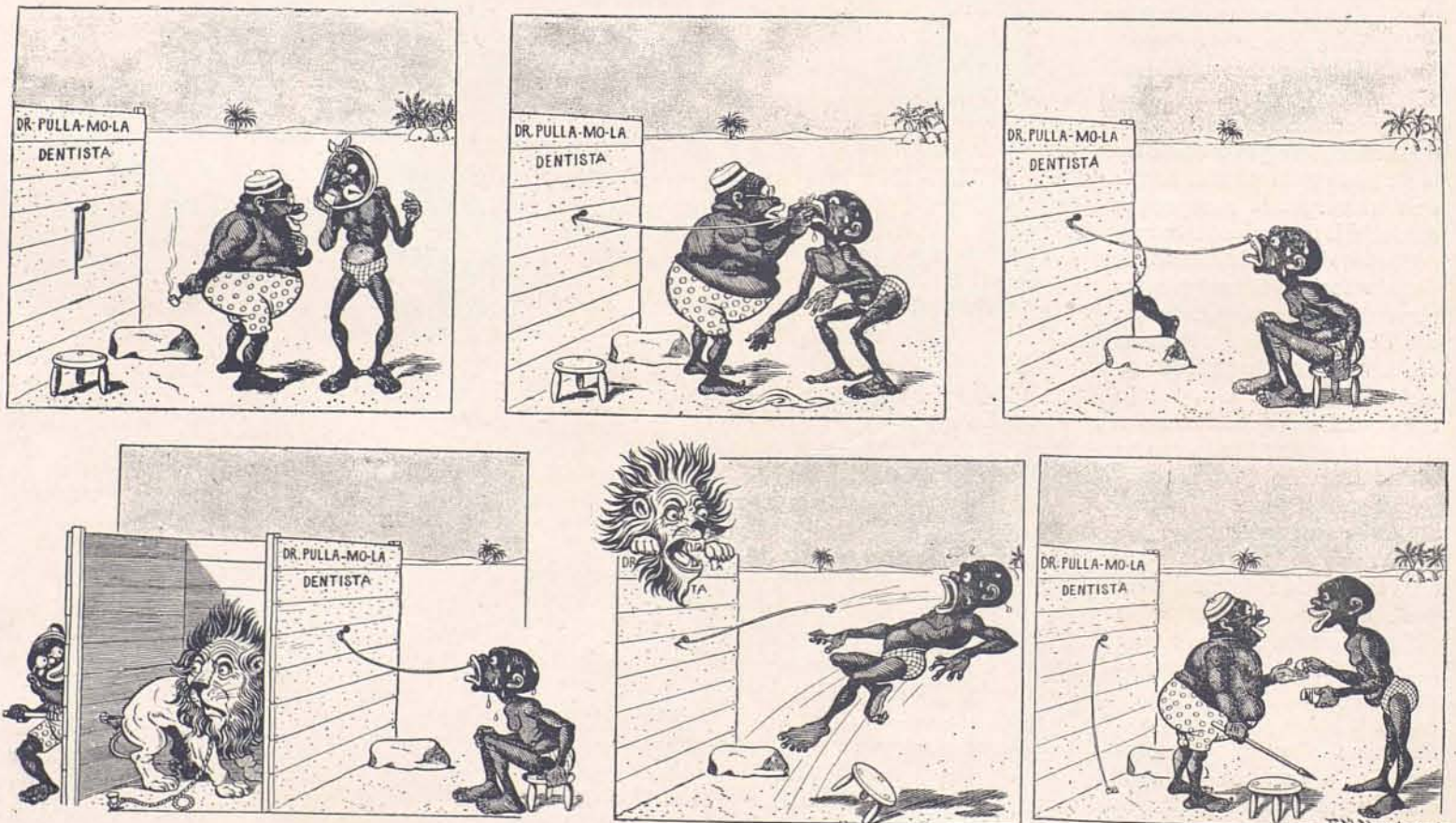
SNR PRESIDENTE. — Antes de encerrar esta sessão e depois dos applausos que saudaram o distincto conferencista cumpre-me

agradecer sinceramente ao nosso Collega que trouxe um novo documento na questão das vias navegaveis, que é uma das mais importantes na actualidade.

D^r COSTA COUTO.



UM GABINETE DENTARIO NA ZULULANDIA



Extracções rapidas e sem dôr.

A PESTE EM VIENNA

39

DO NOSSO CORRESPONDENTE. — CLICHÉS DA PHOT. VICTOR ANGEREN DE VIENNA

COMMISSIONADO pelo governo e pelo Instituto bacteriologico de Vienna partio para as Indias, logo no começo da terrivel epidemia bubonica, o distincto professor da Faculdade Imperial, D^r Herman Müller, com o fim de estudar e descobrir o microbio d'essa pavorosa molestia.

Depois de alguns mezes de estada nas cidades mais devas-



O PROFESSOR HERMANN MÜLLER.

† Em Vienna a 23 de outubro,

tadas pelo flagello, frequentando continuamente os grandes hospitaes-barracas, verdadeiros focos da epidemia em que diariamente eram recolhidos centenaes de pestiferos, conseguiu o professor Müller dar começo a um aprofundado estudo, baseado no tratamento que adoptou e que innumeradas victimas conseguiu salvar. De volta a Vienna, apresentou o illustre especialista ao Instituto bacteriologico o seu relatorio completo, acompanhando o mesmo de alguns tubos cuidadosamente lacrados e que continham nada menos que o virus da peste transformado em pardacento pó. Essas sinistras amostras por si só sufficientes para envenenar todo um continente, eram destinadas á continuação das experiencias nos laboratorios de Vienna que, secundadas pelos aperfeçoados instrumentos da bacteriologia moderna, teriam todas as probabilidades de obter um resultado satisfactorio. Uma sala especial foi affectada a esses trabalhos que consistiam, como habitualmente, na innoculação de coelhos da India e ratos. Um enfermeiro intelligente e practico, fiscalisava o tratamento d'esses animaes, e applicava com escrupulo as mais severas regras do asseio e da desinfeccão.

O D^r Müller visitava todos os dias os seus pensionistas, observando n'elles a marcha regular do tratamento e continuando sempre as suas experiencias tendentes a garantir a efficacia do serum em parte descoberto.

Ninguem mais, á excepção do Professor e do seu enfermeiro, penetrava n'essa sala, cuja chave nunca era abandonada por este ultimo.

Apezar de todos estes cuidados, a infecção produzio-se, e o auxiliar de D^r Muller cahio de cama com uma especie de influenza aggravada por uma violenta febre; no fim do segundo ou terceiro dia os primeiros symptomas da peste, consistindo n'uma salivacão espumosa, manifestaram-se claramente, e a expectoração do doente examinada ao microscopio, denotou uma grande quantidade do terrivel microbio proveniente dos tumores bubonicos que lhe alastravam os pulmões.

O flagello estava caracterizado em toda a sua hedionda realidade, e não obstante o dedicado esforço e consciencioso tratamento applicado pelo D^r Müller, que não abandonou até aos ultimos instantes o seu infeliz ajudante, veio elle a fallecer apoz o sexto dia da molestia. A corporação medica ficou toda sobresaltada com esse caso suspeito, e o panico tomou grandes porporções mesmo na cidade de Vienna, quando a população, já amedrontada, teve conhecimento que o professor Muller achava-se tambem doente, apresentando o seu estado as mesmas indicações da molestia asiatica. Collegas e amigos do distincto professor, prestaram ao eminente bacteriologista, victima da sciencia, a mais desvelada assistencia.

Os progressos do mal foram seguidos pelo paciente com extraordinaria lucidez e sangue frio, e quando a ultima phase se approximou, elle indicou aos seus collaboradores da Faculdade o symptomas precursores, sendo o primeiro a fixar o numero de horas que lhe restavam de vida. A sua morte provocou uma sincera e geral consternação.

O corpo docente da Faculdade Medica, composto, como todos sabem, de uma maioria de reputados especialistas europeus, resolveu, interpretando os sentimentos de todos, fazer erigir no grande pateo da Universidade, uma estatua commemorativa consagrada á memoria do eminente sabio, ferido e morto, combatendo pela sciencia.

Uma terceira pessoa, terminou falizmente o numero das victimas, sendo esta ultima a enfermeira Albina Pecha, jovem e guapa rapariga que não recebeu offerecer os seus serviços, aceitando com uma outra companheira, o perigoso encargo de tratar o ajudante do D^r Müller. Albina Pecha, luctou contra a molestia durante muitos dias, parecendo um momento triumphar, mas repentinamente as mais violentas manifestações se confirmaram e a pobre moça succumbio como os demais, torturada por uma grande febre e com todos os órgãos internos invadidos pelas inflamações dos tumores.

Devidas ás mais poderosas providencias esse flagello aterrador ficou circumscripto, n'esses tres casos, o que não impedio que a



A ENFERMEIRA ALBINA PECHA.

† Em Vienna a 30 de outubro,

Europa toda, terrificada pela idea de uma invasão da peste, impuzesse ás precedencias de Vienna, durante quinze dias, uma rigorosissima quarantena, isolando a bella cidade do Danubio do resto do continente.

MARCUS.

Os Francezes no Nilo

O militar profissional que o escriptor francez, Hamon, n'um livro celebre d'alta critica philosophica, estuda com tanto criterio, dissecando o typo funesto, derradeira supervivencia do selvagem, — apenas o podemos applaudir e admittir, batendo-se heroicamente nas terras virgens d'Africa, continuando na era moderna os feitos heroicos da antiguidade barbara e resuscitando a Epopeia, n'um seculo sem nervos e sem tendões, roido pelo hysterismo, e angustiado pelo incerto futuro. Esses capitães agaloados, esse majores de dragonas d'ouro, esses guerreiros quando não ha guerras e quando ninguem deseja bater-se apenas tem uma unica applicação, — a das explorações africanas. É ahí n'essas parágens inhospitas, n'esses sertões horriveis, n'esses climas mortíferos, luctando frente a frente com o desconhecido — que o homem armado pode melhor exercitar-se na espingarda de repetição e experimentar a polvora sem fumo. As aventuras d'Hercules resurgem, mesmo com heroicos civis, como Stanley, Livingstone e Dr Barth ou então com militares profissionais como Serpa Pinto, hontem ou Marchand, hoje.

Quanto não é mais glorioso entrar em Tombuctu, atravessar o Niger, descobrir as cascatas do Nilo, percorrer os Grandes Lagos, ir d'um a outro extremo d'esse Continente negro tão mysterioso e tão repleto d'infinita riqueza — de que matar inutilmente cem mil homens em Sedan, em Waterloo, em Marengo ou nas victorias d'Atila. Em frente da Humanidade, o obscuro inventor da agulha é superior a Bonaparte. Ser util é abrir vastos horizontes á acção pacifica do homem e o explorador que na Africa vae desbastando a estrada por onde devem passar depois o commerciante e o industrial é o verdadeiro typo do heroe moderno.

Marchand pertence a essa cathogoria d'homens uteis que merecem os applausos dos que pensam e crêm na obra redemptora do continuo progresso. É um heroe. E são os proprios Inglezes que pela bocca de Chamberlain o consagravam ainda pouco, com esse titulo glorioso.

A Africa é hoje o campo aberto das grandes luctas. Senão veja-se quantos acontecimentos sensacionaes, n'estes ultimas mezes, teem ali tido logar!

A tomada de Khartum pelos Anglo-Egypticos, a captura do feroz Samory pelos Francezes, o massacre da missão Cazemajou no caminho do Lago Tchad quasi ao mesmo tempo que o explorador Gentil alcançava as margens d'esse tão mysterioso lençol extensissimo d'agua no interior da Africa. O ultimo feito glorioso que a chronica nos assignalou no virgem Centinente Negro foi a chegada de Marchand, — o celebrado official francez, — a Fashoda, no Nilo Branco.

Antes de fallarmos d'este acontecimento que tanto interessou a Europa, — permitta-se-nos uma digressão sobre Marchand, o heroe de Fachoda.

João-Baptista Marchand é filho d'un pobre marceneiro de Thoissey. Ainda rapaz, depois de ter feito alguns estudos, entrou como escrevente de tabellião no cartorio d'um sen' Blondel n'essa cidadezinha do departamento de Ain, a pacata e industriosa Thoissey. Mas os autos e outros papeis da justiça não o interessavam; o que elle seguia com paixão eram as campanhas do Tonkim, lendo com mais entusiasmo a noticia das operações militares do general Brière de l'Isle no Delta Indo-China do que a papelada do tabellião em que se achava empregado. Aos 18 annos, depois da morte da sua mãe, abandonou a aldeiola e assentou praça na infantaria de marinha. O seu irmão mais novo, Pedro Marchand alistou-se na artilheria tambem da marinha, mas o pobre rapaz morreu dois annos depois, d'uma insolação, no meio do Sudão, em Bafoulabé.

Marchand tem ainda uma irmã que vive em companhia do pae e dois irmãos, um empregado n'uma colonia d'Africa e o outro que tem apenas 15 annos é alumno da escola de Seyne e prepara-se para a Escola Naval.

Foi só no fim de sobrehumanos esforços que Marchand poude plantar a bandeira tricolor nas margens do Nilo, depois de percorrer desde o Oceano Atlantico, atravez da Africa Central, mais de 3000 kilometros. Os seus companheiros que, como o chefe, merecem tambem as felicitações de todos os que se interessam pelas cousas africanas foram: os capitães Baratier, e Germano, os tenentes Mangin e Largeau, o porta-bandeira Dyé, o cirurgião militar Emily e o interprete Landeroin. Os soldados que acompanhavam a missão eram quasi todos elles africanos, negros rijos e valentes, dedicados ao chefe até ao derradeiro heroismo como o demonstraram por diversas vezes.

Como devem suppor, o major Marchand soffreu o diabo n'essa travessia d'um extraordinario arrojo.

Por duas vezes, em Loudima e depois em Brazzaville estivera entre a vida e a morte, padecendo todos os horrores da fome, da sede, do calor esbrazeante e mortifero, luctando aqui com os aninaes ferozes, mais adeante com tribus de negros peores do que tigres e sempre arcando com todos os perigos, como um heroe.

— « O inverno no *boulevard*, escrevia elle para um dos seus amigos em França, é mais perigoso com as suas bronchites ou o verão com as suas ventanias e quedas de chaminés do que estes sertões d'Africa. Ao menos a qui podemos beber á nossa vontade a boa agoa pura do velho Nilo nas suas extremas nascentes ou mesmo nas suas cascatas constantes e imponentes cataractas ».

Uma das maiores difficuldades com que Marchand teve a luctar na sua aventureosa viagem foi a de poder passar do rio Oubanghi do Bomou na bacia do Bahr-el-Ghazal, affluente de Nilo, a canhoneira *Faidherbe* e as chalupas sobre as quaes a missão subira o Congo.

Um dos actos mais heroicos de Marchand foi a sua viagem sobre um tronco d'arvore em forma de piroga, pelo Soueh abaixo, um rio caudaloso, affluente do Bahr-el-Ghazal, todo povoado de hippopotamos e caimões. O ousado explorador queria reconhecer a navegabilidade do Soueh e durante a sua viagem tão perigosa poude traçar a carta hydrographica do terrivel affluente do Bahr-el-Ghazal. [Quando chegou aos planaltos junto do confluente do rio Waou, esperou ali a missão e deu-lhe ordem para transportar a *Faidherbe* do Méré até Kodjalé, posto junto do rio Soueh. Como não houvesse estrada nem o menor caminho foi este aberto a machado e com melinite, um trabalho colossal, mas que foi executado com toda o rapidez e na melhor ordem. Marchand era o primeiro a dar o exemplo, embrenhando-se na floresta e saltando para o meio do matto, com machado em punho sempre na vanguarda.

Poucos mezes depois Marchand e toda a missão achavam-se no Forte-Desaix onde fixaram a base de operações e alcançaram a promessa de fidelidade dos indigenas Dinkas. E d'ali marcharam todos em direcção ao Nilo.

Quando o sirdar Kitechner, o vencedor do Madhi na sanguinolenta batalha com que libertou Khartum, — subio o Nilo para vêr se descobria a annunciada missão dos Francezes, qual não foi a sua surpresa, ao encontrar-se em Fashoda com Marchand que já lá estava installado havia dois mezes. O sirdar protestou contra a occupação d'uma parte que pertencia ao Egypto — e portanto já se deixa entender á Inglaterra, — mas Marchand respondeu-lhe que estava ali por ordem da França e que só se retiraria pela força. Sabem todos o que depois succedeu.

A origem da questão de Fashoda vem de longe: vem do tempo



COMMANDANTE MARCHAND
O heroe de Fachoda.

do conflicto franco-congolez e data portanto de 1894. N'esse anno as forças do estado independente do Congo tinham invadido os territorios da influencia franceza até a zona affluente do Nilo Branco, — a zona de Bahr-el-Ghazal. Reuniu-se a conferencia de Bruxellas para tratar d'esses limites e afinal nada se resolveu porque a Inglaterra já andava intrigando com o estado do Congo Belga para obter a provincia de Bahr-el-Ghazal que lhe devia assegurar mais tarde a communicação entre Alexandria e o Cabo. Mas a França, avisada, protestou a tempo conveniente e o accordo anglo-congolez não se realizou.

Em frente da attitude energica do ministro Hanotaux, o Estado do Congo reconheceu o bem fundado das reclamações da França.

Por essa occasião o governo francez encarregou o explorador Liotard d'uma missão meio-comercial e meio diplomatica no alto Oubanghi, junto da zona disputada do Bahr-el-Ghazal. Nunca se soube bem o fim principal d'essa missão porque as explicações da França foram e são bastantes vagas a esse respeito. Trata-se d'uma simples exploração geographica ou o fim era mais alto, prendendo-se com complicações d'ordem politica? Os documentos que existem não nos esclarecem bem o que era essa missão — que depois foi continuada pelo major Marchand e que deu os resultados que sabemos. É levantar as mãos ao céu — que ainda assim tudo terminou em santa paz porque nunca estivemos tão proximos d'uma guerra entre a França e a Inglaterra; o que seria um enorme desastre para a civilização!

O capitão Baratier, portador do relatorio de Marchand, partiu de Fashoda para França passando pelo Cairo. Tanto em Marselha como em Pariz foi recebido triumphalmente. Na *gare de Lyon*, o povo quasi que o trouxe corregado do vagon para a rua, aclamando-o com vivas repetidos e entusiastas. Dias depois voltou o

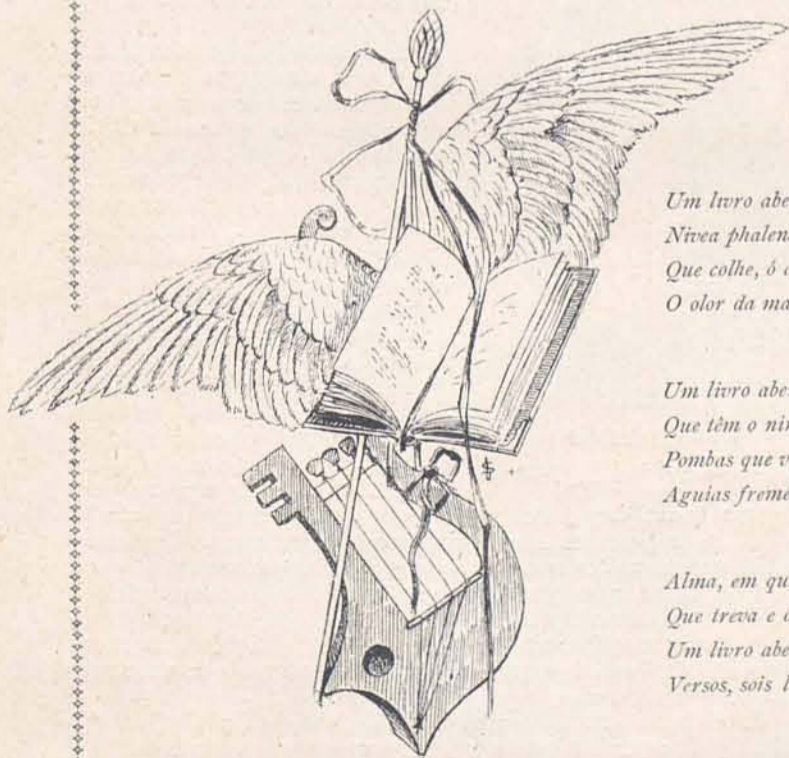
heroico Baratier para o Cairo onde se encontrou com o major Marchand. N'essa occasião a França, deante das ameaças da Inglaterra que mobilisava a sua poderosa esquadra, — teve que ceder e a obra patriótica de Marchand ficou inutilizada para o paiz que n'ella fundára tantas esperanças.



Os Inglezes içando o pavilhão egypcio proximo de Fachoda.

O governo inglez, n'este ponto secundado pelo imprensa e por todos os partidos da monarchia, — mostrou-se d'uma intransigencia feroz. A epidemia do imperialismo cresce a olhos vistos e contaminou *Downing street* e foi ella que deterninou a imposição de lord Salisbury a França. Todos os homens d'estado estão para alem da Mancha infeccionados de jingoismo, desde Chamberlain, o primeiro de todos, até Rosebery. A Inglaterra ficou victoriosa, mas o horizonte da Europa está carregado de nuvens preches de tempestade!

X. DE C.



UM LIVRO

*Um livro aberto é como duas azas,
Nivea phalena — és a volante mão
Que colhe, ó alma, o fluido que extravazas,
O olor da magua, o nectar da illusão.*

*Um livro aberto é como duas azas,
Que têm o ninho e têm a immensidão!
Pombas que voam mansas sobre as casas...
Aguias frementes que ás alturas vão!*

*Alma, em que ancio e duvida te abrazas?
Que treva e dor te opprimem, coração?
Um livro aberto é como duas azas!
Versos, sois livres! voae da escuridão!*

*D'este immenso paul, de hórridas vasas,
Ide-vos (sangue!) á limpida mansão!
Roseas neblinas d'estas ondas rasas,
Pranto irisado, rosiclér do chão!*

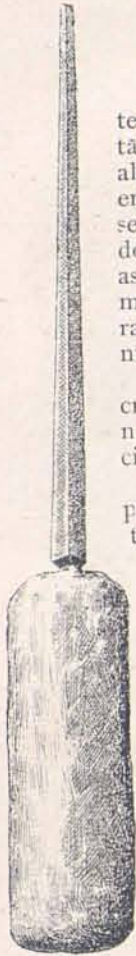
*Debalde prostras a materia, e arrasas,
Dor! a esperanza, o sonho, a crença... em vão!
Renasce a phenix das cinreas brazas
Tudo se extingue, mas a idéa não.*

*Um livro aberto é como duas azas,
Que têm o ninho e têm a immensidão!
Pombas que voam mansas sobre as casas...
Aguias frementes que ás alturas vão!*

EUGENIO SAVARD.

O CRIME DE LUCCHENI

(Da "Revue des Revues")



Lima de que serviu-se Luccheni para assassinar a Imperatriz.

O jury de Genebra acaba de condemnar Luccheni á detenção perpetua, a mais rigorosa pena do código d'este cantão. O momento é, pois, inteiramente indicado para tirar algumas conclusões do assassinato que tão profundamente emocionou a consciencia do mundo civilisado. Não ha alma sensível que não deplore esse novo crime anarchista. Mas á dôr que todos resentimos, junta-se a necessidade de pesquisar as origens de um delicto que é não sómente infame e cruel, mas tambem absurdo, porquanto se trata de uma desventurada senhora, já perto do tumulto, que, aspirando á morte, nulla influencia politica exercia.

O absurdo é tanto mais flagrante, quanto o auctor do crime nenhuma queixa podia invocar contra a sua victima nem contra a Austria, e que elle teve, além d'isso, a impudencia de vangloriar-se de seu acto como de uma acção heroica.

Comecemos por descobrir a sua significação no estudo da pessoa do criminoso, conforme as regras da nova escola anthropologico-psychiatrica.

Luigi Luccheni nasceu das relações illegitimas de uma creada de Parma, actualmente na America, com o seu patrão, natural da mesma cidade, e ainda existente, um desequilibrado ébrio, que enviou a sua amante gravida a Paris, onde ella depositou o recém-nato na casa dos expostos. Elle foi reenviado a seu paiz natal e confiado até aos nove annos a uma familia muito pobre, chamada Monichet, pois que o pae, sapateiro, habitualmente se embriagava, enquanto a mãe tinha uma vida immoralissima. Aos nove annos passou Luccheni para a tutela dos Nicasi, boa gente, camponeses ou, antes, mendigos, de modo que, na infancia, só viveu da mendicidade, percorrendo as ruas, roubando fructos com os camaradas, até treze annos.

N'essa epocha, segundo se suppõe, teve um ataque de epilepsia. Aos doze annos frequentára a escola, mas ahi revelou, a par de seu espirito vivo, tal insubordinação, que, um dia, com uma cabeçada, rasgou o retrato do Rei.

Dos quatorze aos dezoito annos, serviu como creado em duas casas. Em seguida, partiu para a Suissa, onde provavelmente se associou aos anarchistas, e é talvez por esse motivo que elle se não apresentou, no momento propicio, ao recrutamento. Mas, admittido ao serviço militar, Luccheni portou-se bastante bem, só incorrendo em leves punições por ferimentos praticados em um camarada e por haver auxiliado um sargento a sahir á noite.

Era estimado por seus officiaes e pelos outros soldados, e, como prova d'isso, bastará dizer que, após tres annos de vida militar, quando deixou o exercito em 1897, o seu capitão, o principe de Aragão, offereceu-se a tomal-o a seu serviço.

Luccheni mostrou-se extremamente bondoso para com as creanças, muito dedicado ao patrão, e — cousa estranha! — tão bom realista, que se admirava de ter sido celebrada recentemente em Napoles a commemoração de Cavalotti e de não haver sido o orador interrompido pelo delegado governamental.

Um dia, entretanto, furioso por não ter obtido uma permissão solicitada, demittiu-se, declarando que não nascêra para creado; e regressou á Suissa, onde se fez polidor de marmore, mas onde pouco se demorou. E até aos ultimos tempos insistia junto ao antigo patrão para que de novo o admittisse. Assim, n'uma carta, cujo tom revela a loucura de perseguição, diz elle que sem duvida são regeitados os seus serviços pelo facto de não ouvir missa, a que não assistia, não por opposição aos principios religiosos, mas por não se ter a isso habituado desde a infancia.

Tinha-se tornado, ha alguns mezes, subitamente, anarchista exaltado, assignando e vendendo canções anarchistas.

Suspeitado por seus companheiros de falta de zelo e de espionagem provavel, decidiu-se, a fim de desmentir esses receios, a commetter um attentado contra um soberano qualquer. Escolheu, então, a bondosa Imperatriz, talvez porque já a tivesse visto uma vez entre os passageiros de um vapor. E, fabricando um instrumento, uma lima, exercitou-se durante muito tempo, quasi um mez, antes de praticar o crime.

Consummado o hediondo delicto, tentou fugir; mas apenas apprehendido por transeuntes, não resistiu, e na prisão teve um procedimento bem diverso da maioria dos criminosos ordinarios.

Mas, com certos laivos de loucura, reclamou um interprete, comquanto soubesse perfeitamente o francez, e, renunciado depois a isso, cantava e ria. Regozijou-se de ter assassinado a Imperatriz, declarou que servira propositalmente de um utensilio, e preoccupava-se com a publicidade com uma vaidade extrema. Além d'isso, affirmava aos reporters e aos juizes que não tinha cúmplices, que deixára o patrão para servir a Idéa e que — asserção inexacta — era anarchista desde os treze annos de idade.

Em duas cartas particulares, correctas no ponto de vista da orthographia, porém prolixas, escreveu a um jornal de Napoles, o *Don Marzio*, que « não é um criminoso nato, como os denomina Lombroso, nem um louco, e que não fóra arrastado ao crime pela miseria, mas por suas convicções, e que se toda a gente agisse como elle, a sociedade burgueza bem depressa desappareceria...; que sabia ser inutil esse assassinato isolado, mas que, entretanto, tinha-o praticado para dar um exemplo. »

Escreveu ao Presidente da Confederação, exprimindo-lhe o desejo de ser julgado em Lucerna por ser ahi admittida a pena capital, e a mesma cousa repetiu aos juizes.

Ao seu antigo patrão mandou dizer que, mais do que nunca, era agora digno d'elle; aos reporters e aos magistrados, que lhe exprobavam o assassinio de uma senhora edosa: « Pouco importa, disse elle; se fosse uma creança, mas príncipe, eu teria feito o mesmo. »

Outra vez, exclama, n'um accesso de demencia « que matou a Imperatriz porque ella não trabalhava, não tendo por isso direito á vida; e que elle, finalmente, não se sujeitava a trabalhar em favor dos ociosos », razão que prevaleceria para a morte de milhares de pessoas.

E' importante e curioso recolher outra confissão de Luccheni: não assassinára Crispi, disse elle, porque esse é ladrão. Isto constitue uma prova evidente da ausencia completa de senso moral nos anarchistas, os quaes, á maneira dos homens primitivos, confundem o crime com a acção e acham que ser criminoso implica um laço de confraternidade.

Esse modo de julgar demonstra, ainda uma vez, que na pratica, senão na theoria, o anarchismo é um equivalente do crime de direito commum (V. meu *Crime politico*).

E como fosse perguntado a Luccheni se elle jamais fizera correr sangue, respondeu que nunca tinha tido questões dependentes da justiça, o que é veridico; mais confirmou o inquerito; acrescentando que só pela Idéa praticára o crime horrendo.

Exame Diagnostico. — Luigi Luccheni é de média estatura, 1^m,63, moreno, espadaúdo, olhos claros, velados, moveis, fortes sobranceiras, cabellos espessos, com

zigoma, queixo largo, fronte baixa, exaggerada, brachycephalia 88. Offerece, portanto, grande numero de caracteres de degenerescencia communs aos epilepticos e aos criminosos simples.

Entretanto, a graphologia e especialmente as observações de sua lettra, n'estes ultimos annos, indicam um espirito docil, efeminado, pouca energica, como se nota n'um autographo de 1892, que devo ao Dr. Guerini, o qual obteve por intermedio de um amigo intimo de Luccheni.

Esse documento contrasta, não sómente com a physionomia criminal do assassino, como tambem com a natureza de seu delicto e com o seu procedimento após o acto.

Acha-se analogamente em contradicção com a carta endereçada ao *Don Marzio*, a que nos referimos, escripta depois do crime, em lettras cubitae, que denotam o excesso da vaidade criminal. Ora,



LUCCHENI
Caporal no Exercito Italiano.



S. PALAVICINI.



EMMA GOLDONI
a Luisa Michel Americana,

essas letras, observadas nos escriptos de Caserio, pouco antes do assassinato que praticou e que se notam igualmente nas cartas do assassino do general Rocha, pude ver muito destacadas nos epilepticos e nos hysterics. Correspondem a uma verdadeira personalidade dupla, que caracteriza essa molestia e que se manifesta ou não, conforme o doente se acha ou não na crise psychica.

No primeiro caso, como demonstrei no *Homem criminal*, os epilepticos chegam a occupar uma pagina inteira, no sentido da maior dimensão, com a assignatura, enquanto a sua letra commum é muitas vezes menor do que a média.

A mesma personalidade dupla, que se verifica na letra de Luccheni, acha-se em sua psychologia. Vimos que elle era affectuoso com as creanças, e que era creado serviçal, o que contradiz o caracter de anarchista. Affavel em relação aos companheiros, mostrava-se, quando soldado, entusiasta do estado militar, distinguia-se no regimento. Mas, pouco depois de entrar ao serviço de seu capitão, dá provas de sentimentos anarchistas, rogando, entretanto, ao seu ex-patrão que novamente o chamasse á sua casa. Ora, todas essas contradicções constituem outro caracter essencial do hysticismo e da epilepsia.

Luccheni confirma, pois, o que eu quiz demonstrar no *Crime Politico*, isto é, que a causa hysterica mais frequente d'essas impulsões é a epilepsia, não sómente porque as declarações de alguns de seus compatriotas assim fazem suppôr, como por ser natural essa hypothese nas condições de Luccheni, que provem de um paé alcoólico.

Demais, nos caracteres da degenerescencia revelados pelo craneo e pela cabeça, mas principalmente pela dupla personalidade, que do homem mais docil faz o ente mais cruel, a impulsividade e o macrographia alternam com a micrographia.

E, como salientei ao tratar de outros anarchistas e regicidas, Felicot, Mouger, Caserio, sem duvida epilepticos, lembrarei um caso de anarchista vagabundo, dotado de anomalias craneanas, que me dizia, ao ser interrogado sobre as suas idéas de reformas politicas: « Não me falle n'isso, pois apenas me refugio em mim mesmo, sinto vertigens e caio. »

Existe tambem n'elles a tendencia ao suicidio indirecto, o que verifiquei em diversos criminosos politicos, taes como Oliva, Nobiling, Passavante que tentou contra a vida do Rei unicamente porque não o estimava; Fratini, que lançou uma bomba, em Roma, porque não podia supportar a vida á qual a sociedade o condemnára; e principalmente Emilio Henry, que declarou recusar o meio de defeza apresentado por seu advogado e por sua mãe, acrescentando que, se convinha ao advogado defender, a elle convinha morrer; e emfim, esse Roumaico que se fez photographar no momento do suicidio, depois de ter atirado contra as janellas do rei da Roumania.

Esses criminosos e esses parias por atavismo são, como escrevia Burdeau, verdadeiros assassinos philanthropicos. E, por amor da humanidade, têm a loucura do assassinato.

es. vedera che non andera' piu' mai per il mondo. Altro non spera' piu' che Dio che qua in questo loro sona fa un callo praxeriu come in. Sangue Delle nostre sventate. Caro Enrico non e' altro che Dio che D' salute Di ve. una suggerimento buona salute a te e tutto la famiglia e la famiglia. Del fratello Carlo e una richiesta per tuo affezionato fratello Luigi Luccheni

Autographo de Luccheni.

Assim, comprehende-se porque criminosos d'essa categoria são tão numerosos na Hespanha e na Italia, onde a miseria do povo é, com effeito, lamentavel. Não é necessario ser muito erudito para fazer a demonstração. A Italia despense 1 fr. 90 por habitante em favor da Instrucção publica, enquanto que nos Estados-Unidos o orçamento é, n'esse particular, de 11 fr. 60 e na Prussia de 9 fr. 60. A riqueza média é na Italia de 800 francos; na Hollanda é de 8000. Pagamos o sal na Italia pouco mais ou menos 460 vezes o seu

valor; só podemos comprar em média 2 k. 35 de assucar, enquanto na Inglaterra cada habitante consome mais de 36 kilos.

O consumo, em geral, se restringe entre nós de anno a anno, e notavelmente nos ultimos dois lustros, para o pão, a farinha, o vestuario, as cousas mais necessarias, tem descido, para cada habitante, a 275 francos, enquanto na Inglaterra esse algarismo é de 600. Assim, Scarpoglio disse com razão que a origem do anarchismo consiste em que « um quinto da população italiana vive ainda no estado selvagem, habita domicilios que um Papuasio recusaria, contenta-se com uma nutrição que os Bochmans repelliriam, faz do mundo uma idéa tão justa como um cafe, só passa pela terra para desejar e procurar a escravidão. » Acrescente-se que é precisamente por causa d'isso e porque a actividade industrial não tem em bloco convertido a impulsividade criminal, que as massas reagem tão pouco contra o assassinato, que ellas experimentam tão diminuto horror pelo assassino, e que ha regiões nas quaes se contam 96 delictos por cem mil habitantes.

Se, pois, no crime de Luccheni a causa organica individual entra na proporção de um terço, o meio em que elle nasceu e aquelle em que viveu exerceram sobre a sua personalidade uma grande influencia. A epilepsia se explica pelo facto de haver elle passado de subito de um partido para outro e ter-se essa resolução convertido em um acto criminal. Mas os epilepticos são legião; ha na Noruega e na Suecia, onde não se transformam em anarchistas; o mesmo se dá na Suissa e na Inglaterra, onde tantos d'elles se se refugiam, e onde entretanto o anarchismo não actua sinão como um bolide que cãe das regiões extraplanetarias sobre a terra, e, completamente isolado, fica em contradicção com a natureza que o circumda.

A maior causa d'essa transformação é a miseria que pesa sobre o nosso triste paiz e que irradia de toda a parte, attingindo até aquelles que só por si-mesmos são desgraçados.

E comprehende-se quaes sejam os remedios a empregar. Se se pretende terminar a anarchia, fazendo subir ao patibulo os anarchistas, dá-se com isso satisfação aos seus desejos, porquanto os seus actos são muitas vezes suicidios indirectos, e da propria vida elles cogitam tanto quanto da existencia alheia. Demais esperam sempre, com o exemplo, provocar outros attentados.

E' preciso não presumir que o curso do flagello se desviará, sem que se modifiquem as condições do meio em que elle exerce os seus estragos.

Não é, portanto, por humanidade, nem no intento de obedecer a altas theorias sociaes, mas no seu interesse directo, que as classes dirigentes devem alterar o systema de acção.

E' facil verificar que a suppressão de uma duzia de anarchistas equivale a matar um milheiro de microbios, sem desinfectar o fóco do mal. Ora, é no intuito de fazer desaparecer o mal, que nós devemos trabalhar, se quizermos formar uma sociedade melhor. Fragmentar a propriedade, tornar menos penosas as condições geraes do operario dos campos e das cidades, dar a todas as classes uma justiça verdadeira, uma justa liberdade. E' um facto innegavel que o typho, o cholera, a peste atacam os mais necessitados; mas não é menos evidente que o contagio attinge identicamente os ricos, e que dos reductos infectos e insalubres em que o mendicante é abandonado á fome e á agonia, os miasmas delecterios vão, vingativos, propagar-se nos palacios de marmore. Quanto á idea imbecil de algumas nações latinas que, longe de desinfectarem o meio, acham preferivel supprimir os medicos que propõem remedios e os escriptores que trabalham para a amelhoração das condições sociaes, ella só póde germinar entre classes e pessoas indigñas de viver no nosso seculo.

CESAR LOMBROSO.



SPORT

UM VELOCIPEDISTA NEGRO

Uma Revista que vê a luz na terra dos *dollars*, dá a todos os apaixonados do cyclismo a grata noticia que Mayor Taylor, cognominado o « Negro prodigioso » acaba de vencer todos os campeões americanos e prepara-se para vir á Europa sustentar o desafio que lançou aos grandes corredores d'este continente. Que os Armstrong,



O Campeão negro Mayor Taylor.
Vencedor do "record" de doze horas.

Zimmerman, Banker, Tom Linton e outras celebridades do velocipede preparem-se para recebê-lo dignamente, e vamos a ver a figura que fará nos velodromos europeus o (*black monder*) dos Yankees. Os jornaes de sport da America do Norte estão cheios de noticias sobre esse original campeão e um d'elles conta-nos o extraordinario *match* de velocidade, corrido em Philadelphia por Taylor, em doze horas consecutivas, considerado como a mais surpreendente prova de resistencia e rapidez.

A raça negra parece querer tomar a supremacia phisica, guardando para os da sua cor os campeonatos dos diversos sports. Já no terrivel *box* americano, Ftzmoon, um reforçado creoulo, arrebenta o mais valente adversario da Australia e vem aos Estados-Unidos expressamente para desafiar o vencedor do grande Colbert, que por sua vez não aceitou a provocação, pretextando que a cor do australiano não lhe dava direito a pretender á cintura de ouro de campeão. Mas as negociações continuam e os amadores guardam a esperança de em breve saborear uma bem organizada lucta entre esses dous emeritos esmurradores. Assim será bem possivel que os dous futuros campeões do *box* e da bicycleta, em todo o mundo, sejam os illustres negros Mayor Taylor e Ftzmoon.

UM SALTO AUDACIOSO

A gravura que junto damos e que não precisa ser acompanhada de commentarios dá uma idea completa da proficencia e merito d'um arrojado cavalleiro.

E' elle um official allemão d'aquelles que já em tempos tivemos occasião de fallar e esse assombroso rasgo d'audacia e coragem seria inacreditavel se não tivéssemos deante dos olhos uma photographia instantanea. O abysmo percorrido e o que resta a percorrer dão uma verdadeira idea do perigo que correram cavalleiro e cavallo, pois bem merece que d'elle se falle um tão nobre e valente animal. Esse official pertence ao afamado regimento de « Hussards da Rainha » conhecidos nos exercitos europeus como sendo os mais reputados equitadores.

A ZEBRA DE MENELICK

Todos os jornaes de Paris annunciavam ultimamente que o imperador Menelick, grande pelas suas façanhas, acabava de enviar um presente verdadeiramente real e precioso ao Sn^r Felix Faure, presidente da França, seu dedicado amigo.

O presente em questão, era uma bella zebra, mas das verdadeiras e das que hoje poucas existem. Zebras, vê-se por toda a

parte, mesmo nos circos de segunda ou terceira ordem, mas a legitima é bem rara e os sabios chamam-n'a no termo zoologico *hipotigris zebra*, emquanto que as que nada valem são conhecidas pelos mesmos senhores pelo nome de *hipotigris conaga* ou ainda *hipotigris burckelli*.

A zebra superior, isto é a verdadeira, torna-se cada vez mais rara e vive exclusivamente nas montanhas de este e do sul d'Africa, desde o Cabo até a Abyssinia, e mesmo no immenso imperio de Menelick, essa raça tende a desaparecer.

A zebra de *burckelli* e a *conagga* acclimatam-se facilmente n'um outro clima que não seja o d'Africa, mas a verdadeira exige muito mais cuidado. Quanto ao modo de amansar esses animaes e especialmente os d'esta ultima raça é

uma simples questão de tempo e paciencia e a nossa gravura nos mostra o Sen^r Porte, director do jardim d'Acclimação, ao qual o presidente Faure attribuiu a incumbencia de zelar o presente de Menelick, tranquillamente montado, na sua pensionista, que no fim de tres semanas, supportou sem maior difficuldade o freio e os arreios.

A antiga historia que nos apresenta a zebra como um animal irascivel e indomavel, é pois uma pura lenda.

Quanto ás outras duas especies inferiores, em muitas casas de fidalgos, ingleses e franceses, são commumente atteladas em pequenos carros de passeio e no Cabo da Boa Esperança prestam ainda maiores serviços, servindo de guarda aos rebanhos, que em defendem nos campos contra os ataques das hyenas.

A verdadeira zebra foi a primeira a ser conhecida dos europeus, mas desde ostempos de Caracalla ella já figurava nos circos de Roma como nome expressivo de cavallo-tigre. As primeiras noções exactas sobre esse animal, vieram dos Portugueses que, fundando os seus estabelecimentos na costa oriental d'Africa tomaram d'elle conhecimento.

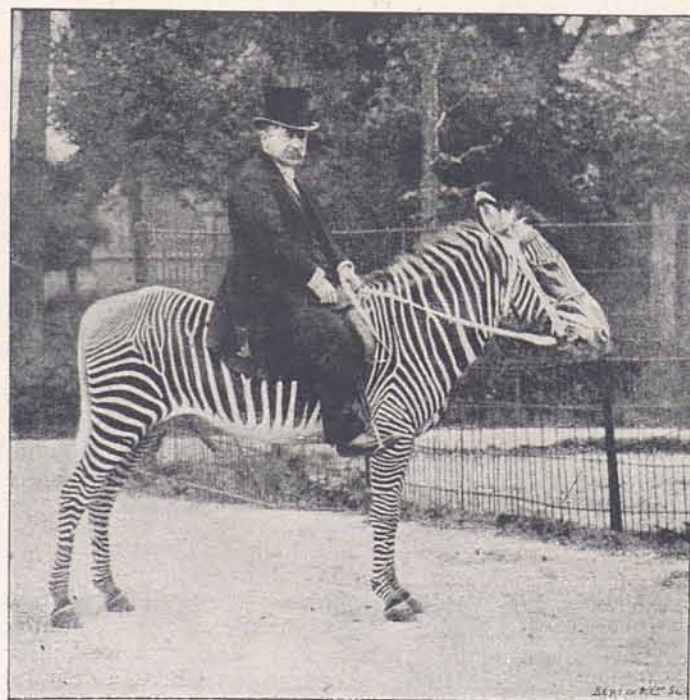
A verdadeira zebra não admite cruzamento emquanto que as outras produzem crias com burros e poneys como ainda ultimamente se vio n'uma menageria de Londres.

Como acima dissemos esta raça é bastante rara e mesmo em França a ultima zebra pura, conhecida, foi tambem um presente de Menelick, enviado, ha doze annos, ao presidente Grevy, mas este specimen não supportou o clima mais de seis mezes.

S. MARCELLO.



Um Salto Audacioso.



O presente de Menelick ao Presidente Faure.

A Ilustre Casa de Ramires

Continuado do n.º 24

No Domingo Gonçalo accordou com uma idea, uma « esperta idea ! » Não correria a Santa Maria de Craquêde, punctualmente ás cinco horas, mostrando um alvoroço soffrego em encontrar essa tão bella e tão rica D. Anna Lucena. E ás seis horas, quando as senhoras findassem a sua romaria ao velho claustro e aos tumulos, appareceria então, vagarosamente, como se recolhesse d'um passeio pelas frescas cercanias, e parasse nas ruinas para encontrar a querida prima Maria.

Mas, logo ás quatro horas, se começou a vestir com tantos esmeros, tantos requintes, que o Bento, cançado das gravatas que elle experimentava e arremessava amarfanhadas para cima do divan, não se conteve: — « Ponha a branca Snr. Dr.! Ponha a branca que lhe fica melhor e refresca mais com este calor... »! Depois na escolha d'uma flor para o casaco ainda meditou, juntou simbolicamente em dois cravos as cores heraldicas dos Ramires, vermelho e branco. E ao portão, apenas montou na egoa, colhido pelo temor de que as senhoras, não o encontrando no claustro, encurtassem a visita, mettuu n'um trote impaciente pelo atalho da Portella. Adiante, ao desembocar na antiga estrada real d'Oliveira, soltou a galope, atravez do alto pinheiral que d'ambos os lados a entristece e enche d'aroma. Só retomou um passo lento e indifferente ao chegar á linha do Caminho de Ferro, onde um carro de lenha e dois homens esperavam deante da cancella, que se fechara para a passagem d'um trem de mercadorias carregado de pipas. Um d'esses homens, d'alforge aos hombros, era o mendigo, o vistoso mendigo que passeava por aquellas aldeas a rendosa magestade das suas immensas barbas, dos seus immensos cabellos. Erguendo pomposamente o vasto chapeo desabado, desejou ao Fidalgo a companhia de Nosso Senhor.

— Então a ganhar aqui a rica vida, por Craquêde?...

— Venho para a passagem do comboio d'Oliveira, meu Fidalgo. Os passageiros gostam de me ver, correm sempre ás janellas.

E Gonçalo recordou que, por um accaso pittoresco, sempre o encontro d'aquelle ancião precedia o seu encontro com a bella D. Anna... « Quem sabe? pensou. E' talvez o Destino! Os antigos pintavam assim o Destino, com grandes barbas e grandes melenas, e o alforge ás costas contendo as Sortes humanas... » — E com effeito logo ao cabo do pinheiral, onde as restas do sol inclinado douravam por entre as estiradas sombras dos troncos a fôfa camada d'agulhas seccas, avistou a caleche da *Feitosa*, parada á beira da estrada na sombra d'uma carvalha, com o cocheiro na almofada, todo fardado de negro. A estrada de Corinde costeia ahi um terreiro, antigo adro do arruinado e famoso mosteiro de Craquêde. Uma herva curta cobre o chão crestada durante os lentos estios, sempre mais verde em torno aos troncos dos castanheiros velhissimos. A Egrejinha nova, bem caiada, alveja ao fundo da ramaria — e ligada a ella por um muro esbrechado, todo revestido d'hera densa, sobe, enche ainda magnificamente o ceu lustroso, a fachada da velha Abbadia com a sua rosacea toda partida, o immenso portal sem portas, rude e simples, da idade godo-romana. Duas casas terreas occupam o lado fronteiro do adro — uma tambem caiada, com as hobreiras das janellas pintadas d'azul estridente, a outra suja e

deserta, quasi sem telhado, toda affogada na verdura d'um quinteiro bravo, onde gira-sões resplandecem. Um pensativo silencio envolvia, o arvoredo e as ruinas. E nem o quebrava, antes docemente o alargava, o dormite sussurro da agoa d'uma fonte, que a estiagem adelgacera em fio lento.

O trintanario da *Feitosa*, ao apparecer o Fidalgo, correria riso-nhamente d'um banco de pedra onde picava tabaco, para segurar a egoa. E Gonçalo, que desde pequeno não penetrara nas ruinas interiores do claustro, avançava lentamente por um carreirinho cortado na relva, gosando aquella nobre solidão de bosque sacro, quando, na claridade azulada do portal, appareceram as duas senhoras. D. Maria Mendonça, com a sua vivacidade, n'uma alvoroçada impaciencia, agitou logo o guarda-sol de xadresinho semelhante ao vestido, cujas mangas, tufando desmedidamente nos hombros, lhe marcavam mais a magresa esgalgada. E ao lado, séria, D. Anna não era mais que uma esvelta forma negra, toda de lã e d'escumilha negra, onde se fundia, com amaciada, eburnea doçura, sob o veo negro, a brancura perfeita do seu rosto de Madona forte.

Gonçalo correria, com o chapeo erguido, balbuciando o seu « prazer por aquelle delicioso encontro... » Mas já D. Maria o reprehendia, muito claramente, sem lhe permittir a ficção do « encontro ».

— O primo não é nada amavel, nada amavel...

— Oh prima...

— Pois sabia que vinhamos, pela minha carta... E nem apparece á hora aprazada, para fazer as honras, como devia.

Elle, rindo, com o seu desembaraço elegante, negou esse dever. Aquella casa não era a sua, mas do Bom Deus — ao Bom Deus competia faser as honras. E de resto toda a tarde a passara santamente n'uma Obra de Misericordia, visitando enfermos... Quem? Em Villa-Clara, o pobre João Gouveia, ainda de garganta entrapada...

— E então gostaram? V. Ex^a, Sr^a D. Anna, gostou das ruinas?... Muito interessantes, não é verdade?

Através do veu, com uma lentidão a que a negrura da renda dava mais gravidade, ella murmurou :

— Eu já conhecia... Vim cá uma tarde, com o pobre Sanches que Deus haja...

— Ah...

E, ao nome do pobre morto, Gonçalo esboçou uma leve cortezia de respeito e tristeza, apagando o sorriso. Mas D. Maria Mendonça, com um saccudido e alegre gesto como para arredar aquella importuna sombra que perpassara :

— Ai! não imagina o que gostei, primo! É d'appetite, todo o claustro... Logo aquella espada enferrujada, chumbada por cima do tumulo!... Não ha nada que impressione como estas cousas antigas... Oh primo, e pensar que estão alli parentes nossos!

O sorriso de Gonçalo voltou, como sempre irresistivel, quando D. Maria, na sua gula de parentescos historicos, se empurrava com desesperado esforço para dentro da casa de Ramires. E gracejou, maliciosamente. Ora, antepassados!... Simples montõesinhos de pó escuro! Pois não era verdade, Sr^a D. Anna? Realmente! quem

poderia sustentar que a prima Maria, tão moça e tão viva, tão engraçada, descendia d'uma pouca de poeira triste, espalhada dentro d'uma pia de pedra? Não! Era impossível ligar tanto *ser* a tanto *não-ser*. E como D. Anna sorria vagamente, encostando as duas mãos enluvadas de negro á alta sombrinha negra, elle accudiu interrompendo aquellas ideas de Morte :

— V. Ex^a está talvez cansada, Sr^a D. Anna?

— Não, não estou cansada... Ainda vamos mesmo entrar na Igreja um bocadinho... Eu nunca me canço.

E pareceu a Gonçalo que a voz da bella creatura não rolava tanto do papo, tão grossa e gorda, mas que se afinara, adoçada e como velada pelo luto espesso de escumilha e lá. D. Maria, ou, essa confessava o seu immenso cansasso. Nada a esfalfava como ver curiosidades. E alem d'isso a emoção, a idea d'heroes tão antigos...

— Se nos sentassemos n'aquelle banco, hein? E'muito cedo para recolhermos, não é verdade, Annica? E está tão agradável n'este socego, n'esta frescura...

Era um banco raso de pedra, rente ao muro esbrechado que a hera cobria. Em torno a relva, abrigada do sol, crescia mais alta e verde. Emanado de flores silvestres, um aromasinho fino e doce errava, adocicava o ar sereno. E na rama esguia d'um alamo, detronte do portão da Igrejinha, duas veses, ardentemente, um melro cantara. Gonçalo sacudiu todo o banco cuidadosamente, com o lenço. E sentado na ponta, junto de D. Maria, louvou tambem a frescura, o recolhimento d'aquelle cantinho de Craquède... E elle que nunca se aproveitara d'aquelle bello souto de carvalheiras, refugio santo e quasi seu, nem mesmo para um almoço bucolico... Pois d'ora em diante certamente voltaria, fumar um charuto, revolver ideas de paz na visinhança dos vovós mortos... Depois com uma curiosidade :

— É verdade, prima! E o subterraneo?

Oh não existia subterraneo.. Sim, existia, mas entulhado, ao que parece, sem sepulturas, sem curiosidades. E o sacristão logo lhes affiançara que « não valia a pena, que sujariam as saias... »

— E verdade, oh Annica, deste alguma cousa ao sacristão?

— Oh filha, dei cinco tostões... Não sei se foi bastante.

Gonçalo, rindo, assegurou que se pagara regiamente ao sacristão. E se elle prevesse tanta generosidade appareceria com as chaves do sacristão, para mostrar, para explicar...

— Pois é o que devia ter feito! exclamou D. Maria, com um brilho alegre dos espertos olhos. E tambem se lhe davam cinco tostões! Olhe, com certeza era mais instructivo que o homensinho, que não sabia nada!.. Semelhante morcao! E eu com tanta curiosidade por aquelle tumulto aberto, com a tampa rachada... O homem só soube dizer que « eram historias muito antigas lá do Fidalgo da Torre. »

Gonçalo rio :

— Pois essa historia por acaso sei eu, prima! Sei agora, pelo *Fado dos Ramires*, o fado do Videirinha...

D. Maria batteu no braço do Fidalgo com o cabo do guarda-sol, castigando risonhamente aquella indifferença pelas grandes tradições da Casa. Conhecer somente os seus Annaes, desde que elles andavam n'um fado? O primo Gonçalo não tinha vergonha!...

— Mas por que, prima, por que? Todo o fado do Videirinha está fundado em documentos muito authenticos, que o Padre Sueiro estudou. O recheio historico foi fornecido pelo Padre Sueiro. O Videirinha só poz as rimas... Alem d'isso antigamente, prima, a Historia era sempre em verso, e cantada ao som da lyra... Em fim quer saber esse caso do tumulto aberto, segundo as quadras do Videirinha? Eu sempre conto! Mas só para a Snr^a D. Anna, que não tem esses escrupulos...

— Não! accudiu D. Maria. Se o Videirinha tem assim tanta authoridade historica, então conte tambem para mim, que sou da casa.

Gonçalo passou o lenço pelos beiços, com solemnidade :

— Pois eis o facto! N'esse tumulto estava, naturalmente morto, um dos meus avós... Não me lembro o nome, Gutierres ou Lopo. Creio que Gutierres... Emfim, estava lá quando foi da batalha das Navas de Tolosa... A prima conhece, a batalha das Navas, cinco reis mouros, etc... Como o tal Gutierres soube da batalha não vem nos versos do Videirinha. Mas apenas lá dentro lhe cheirou a heroismo e a carneficina, arromba o tumulto, sahe por este pateo como um desesperado, desinterra o seu cavallo que fôra enterrado junto a algum d'esses carvalhos, monta n'elle todo armado, e, Cavalleiro morto sobre cavallo morto, larga a galope através da Hespanha, chega ás Navas, desembainha a espada, e desbarata os mouros... Que lhe parece, Snr^a D. Anna?

A D. Anna, procurando os seus olhos, o seu interesse, dedicara Gonçalo a historia. E ella, que a furto, através do decoro melancolico a que se esforçava, tambem lhe relanceara olhares que se adoçavam, murmurou : — « Tem graça ! » — Mas D. Maria abafou logo esse commentario, com uma exclamação mais sentida : — « E'lindo! Que poesia! Uma lenda d'appetite! » Depois, para que Gonçalo desenrolasse ainda a graça do seu dizer, outras maravilhas da sua Chronica :

— Conte, primo, conte... E voltou para Craquède esse tio Ramires?

— Quem, prima, o Gutierres?... Ou fosse elle tolo! Apenas se apanhou livre d'aquelle massada da sepultura, não appareceu mais em Santa Maria de Craquède. O tumulto vasio, como está, e elle por Hespanha á gandaia!... Imagine um defunto que por milagre se safa do seu jazigo, e da postura eterna, tão incommoda, todo esticado dentro d'um caixote!...

Subitamente emmudeceo, corado, lembrando o Sanches Lucena, tambem no seu jazigo de Oliveira, estirado no seu caixote de chumbo!... — D. Anna baixara a face, mais sumida no veu, esfurcando a herva com a ponta da sombrinha. E a esperta D. Maria, para desfazer essa sombra impertinente que de novo os envolvera, affectou logo outra curiosidade, muito viva, e que ainda se encadeava na immensa nobreza dos Ramires :

— E'verdade! Sempre me esquece de lhe perguntar... O primo ainda tem muitos parentes em França... Talvez tambem não saiba?

Sim! Gonçalo, casualmente, conhecia essa historia dos seus parentescos em França apezar de que o Videirinha ainda as não cantara no fado!

— Então conte! Mas que seja historia alegre!

Oh, não! não era prodigiosamente divertida. Fora simplesmente um avô Ramires, que acompanhara o Infante D. Pedro, o filho d'El-Rey D. João I... A Prima sabia, o Infante D. Pedro, o que correu as Sete Partidas do mundo... Pois o Infante D. Pedro e os seus fidalgos, de volta da Palestina, passaram um anno inteiro na Flandres, com o Duque de Borgonha. Até se celebraram então festas prodigiosas, com um banquete que durou sete dias, e que anda nos compendios da Historia de França. Onde ha danças ha amores — e o avô Ramires naturalmente bello mocetão, de grandes bigodes negros, torcidos á Portugueza, casara com uma filha do Duque de Cleves, um tremendo senhor, sobrinho do Duque de Borgonha... Depois, através d'essas ligações, succedeu que uma avó Ramires, já viuva, casara tambem em França com o senhor de Tancarville. Esses Tancarvilles, gente d'um *chic* pavoroso, possuíam o maior, o mais terrivel, o mais forte castello da Europa, e...

D. Maria ria, triumphava :

— Ah! muito bem! Sim, senhor!.. Então o Primo que se gaba de não saber nada de fidalguias... Olhe como conhece pelo miudo a historia d'esses grandes casamentos! Hein, Annica? É uma chronica viva!..

Gonçalo vergou os hombros, confessou que se occupara de toda

essa heraldica historia por um motivo bem humilhante, — por miseria!..

— Por miseria?

— Sim, prima, por penuria de moeda, de cobres...

— Oh conte! Olhe a Annica está anciosa...

— Quer saber, Snr^a D. Anna? Pois foi em Coimbra, no meu segundo anno de Coimbra. Os companheiros e eu estavamos abso- lutamente sem um vintem. Nem para cigarros! Um d'elles então, rapaz muito engraçado, de Melgaço, um Neves Noronha, apparece com a idéa estupenda, de que eu escreva aos meus parentes de França, a esses Cleves, a esses Tancarvilles, senhores de certo immensamente ricos, e que lhes peça um pequeno emprestimo de tresentos francos.

D. Anna não conteve um risinho sinceramente divertido:

— Ai! tem muita graça!

— Mas não teve resultado, minha senhora... Já não havia Cleves, nem Tancarvilles!... Todas essas grandes feudaes familias, findaram, se fundiram n'outras casas. E o meu padre Sueiro, apezar de todo seu saber genealogico, nunca conseguiu descobrir quem as representava com bastante afinidade para me emprestar, a mim parente de Portugal, esses tresentos francos.

D. Anna mostrara um interesse enternecido por aquella pobreza de grande fidalgo:

— Tem graça! Esses historias de Coimbra teem sempre muita graça... OD. João de Pedrosa, em Lisboa, tambem contava muitas...

Mas D. Maria Mendonça n'essa anedocta de phantasia e bohe- mia encontrara outra prova de grandeza dos Ramires. E immedia- mente a espanejou deante de D. Anna:

— Ora vejam!... Todas essas grandes casas de França, tão ricas, tão poderosas, acabaram, desapareceram. E cá no nosso Por- tugalsinho ainda dura a casa de Ramires!

Gonçalo accudio:

— Acaba agora, prima!... Não olhe para mim assim espantada! Acaba agora... Pois se eu não caso!

Então D. Maria recuou levemente no banco, deixando D. Anna e Gonçalo mais face a face — como se esse casamento do primo dependesse de seducções e influencias que convinha se trocassem directamente sem Marias Mendonças sentadas no meio, com as grandes mangas buffantes, tapando as correntes de effluvio... E sorria, quasi languidamente:

— Ora não casa... Mas por quê, primo, por quê?

— Por que não tenho geito, prima. O casamento é uma arte muito delicada, necessitando vocação, um genio especial. Eu não tenho esse genio. E se me dedicasse a semelhante obra de certo a estragava!

D. Anna, como invadida por outro cuidado, tirou lenta e atten- tamente do cinto o relógio preso por uma larga fita negra. E D. Maria insistia, recusava as razões do primo.

— São tolices... O primo que gosta tanto de creanças...

— Gosto, gosto muito de creanças, até de creancinhas de mama. As creanças são os unicos seres verdadeiramente divinos que a nossa pobre humanidade conhece. Os outros anjos, os d'azas, nunca apparecem... Os santos depois de santos ficam lá em cima, nin- guem mais os enxerga, é uma massada. E para fazermos uma idea das couzas do ceu, só temos realmente as creancinhas... Sim, com effeito, prima, gosto muito, muito de creanças. Mas tambem gosto de flores, e não sou jardineiro, nem tenho geito para a jardinagem.

E. D. Maria com um esperto olhar que lhe atirou, um fino gesto da cabeça:

— Socegue, que ainda vem a aprender.

Depois, para D. Anna que se esquecera na contemplação do relógio:

— Achas que vão sendo horas? Então, se queres, entramos um momento na Igreja... Oh primo, veja se está aberta.

Gonçalo correu, empurrou a porta da Igreja. Depois seguiu as duas senhoras pela estreita nave soalhada, entre delgadas columns, recobertas de uma cal grossa e crua, que recamava tambem as paredes lisas, sem capellas, apenas guarnecidas na sua regelada nudez por litographias de Santos em caixilhos pretos. Deante do altar, as senhoras ajoelharam, em devota resa. Gonçalo tambem dobrou o joelho, de leve, engrolando por habito uma vaga Ave-Maria.

Depois sahio para o adro, accendeu um cigarro. E, pisando lentamente a relva, considerava quanto a viuvez melhorara a D. Anna. Sob aquella negrura do lucto, como n'uma penumbra que esfuma a desharmonia grosseira das cousas, todos os seus defei- tos se fundiam — os defeitos que tanto lhe desagradavam na tarde da Bica Santa, o rolar gordo da voz, a desgraciosidade dos gestos affectados, todo o empinado do peito, a ostentação de burgueza ricassa pinguentemente installada na vida. Até já nem dizia « o cava- lheiro! »! E alli, no adro de Craquede, certamente parecia interes- sante e desejavel. Mas quando findasse o lucto, Deus do ceu! toda ella desabrocharia, novamente aprumada, bella filha de carneiro, rica dona da *Feitosa*, rolando o papo e agradecendo ao « cava- lheiro! »

As senhoras desciam os dois degraus da Igreja. Gonçalo encon- trou, descendo sobre elle como um dardo fulgente, o lampejo dos olhos serios de D. Anna.

— Peço perdão de não lhes ter offerecido agua benta á saída, mas a concha está secca...

— Jesus, primo que Igreja tão feia!

E D. Anna murmurou, com timidez:

— Depois das ruinas e dos tumulos, parece até pouco religiosa.

A observação impressionou Gonçalo, como muito fina: — e movendo os passos junto d'ella, com repentina sympathia, sentia nos seus movimentos, no seu vestido, um aroma tambem fino, que não era o da horrenda agua de Colonia da botica do Pires. Em silencio, sob a grande ramagem dos carvalhos, caminharam para a caleche, onde o cocheiro se aprumara, bem estilado, tirando o chapéu. Gonçalo notou esta correcção. E a parelha reluzia, atre- lada com esmero.

— E então, prima Maria, ainda se demora pelos nossos sitios?

— Sim, primo, mais uns quinze dias... A Annica é tão amavel, quiz que eu trouxesse os pequenos... O que elles se têm divertido na quinta, não imagina!...

D. Anna sorriu:

— São muito engraçados, fazem muita companhia... Eu tam- bem gosto muito de creanças.

— Ai, a Annica adora creanças! exclamou logo D. Maria com fervor! O que ella atura aos pequenos! Até joga com elles o ma- farrico.

Perto da caleche, Gonçalo pensou que outra volta lenta pelo adro, com a D. Anna e o seu fino aroma, seria doce n'aquelle dou- rado socego da tarde que findava. Mas já o trintanario, tambem descoberto, se acercava segurando a sua egoa. E D. Maria, depois d'admirar a egoa desejou saber se ficava muito longe Treixedo, a outra quinta historica dos Ramires.

— Treixedo, prima? Cinco legoas immensas, maus caminhos, uma massada...

Mas immediatamente se arrependeu, antevendo um passeio outro encontro:

— Todavia é muito bonito, o sitio, n'um alto, com um resto de muralhas. Treixedo era um castello immenso... Na quinta ha uma lagôa com arvoredos antigos... Oh sitio delicioso para um pic-nic.

D. Maria sorriu hesitando:

— E' um pouco longe, veremos...

E como D. Anna esperava, em silencio — Gonçalo abriu a por- tinhola, tomou logo das mãos do trintanario as redeas da sua egoa. D. Maria Mendonça, no seu contentamento por aquella proveitosa

tarde, sacudio ardentemente a mão do primo, jurando « que ia apaixonada por Craquêde! » Mas a mão de D. Anna mal pousou nos dedos de Gonçalo, acanhada e molle.

Sózinho, com a redea da egoa enfiada no braço, Gonçalo, sorria.

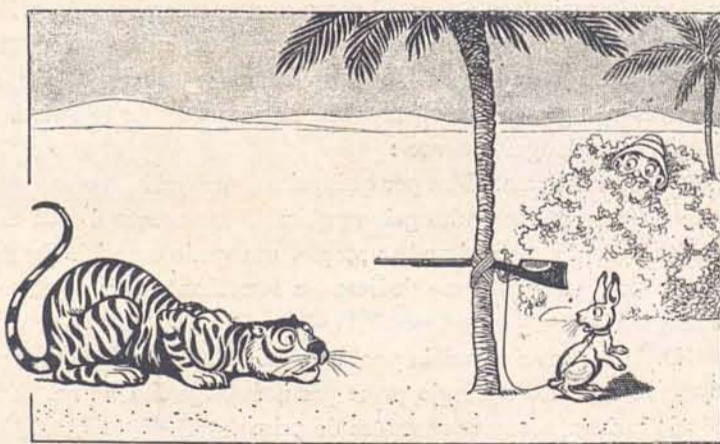
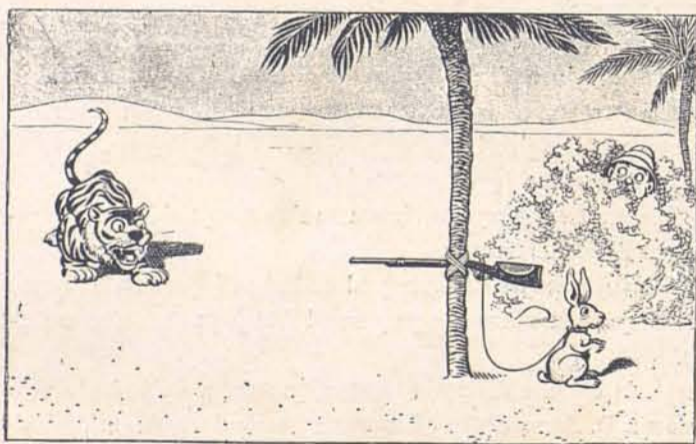
Na verdade, n'essa tarde, D. Anna não lhe desagradara. Também que diferente, da D. Anna que quasi o enojara na tarde da Bica Santa! Outros modos, outra singeleza grave, outra doçura mesmo na sua robusta belleza de Venus. E aquella observação sobre a Igreja caiada, « pouco religiosa », depois das commoventes ruínas do claustro, com a sua velha historia — era uma observação fina... Quem sabe? talvez sob aquelle formoso corpo sensual andasse escondida uma intelligencia, uma natureza delicada! Talvez a influencia d'outro marido, que não o estupidissimo Sanches, desenvolvesse qualidades de muito encanto... Oh, evidentemente, a observação sobre os tumulos, a sua religiosidade emanando da Lenda e da Historia — era fina.

E então sentio também a curiosidade de visitar esse claustro onde não penetrara desde pequeno, quando ainda na Torre se conservavam carruagens montadas, e a romantica Miss Rhodes escolhia sempre esse passeio para as tardes pensativas d'outomno. Puxando a egoa pela redea, transpoz o portal immenso, atravessou o espaço descoberto que fóra a nave, agora atulhado de caliça, de cacos, de pedras tombadas da abobada e affogadas em hervas, aveludadas de musgos. E pela brecha d'um muro, onde a egoa resistio ao passar, — entrou na velha crasta Affonsina. Só d'ella restavam duas arcadas em angulo, atarracadas, abobadadas, sustentadas por toscos pilares, calçadas de immensas lages, que n'essa manhã o sachristão cuidadosamente varrera. E contra o muro, onde pesadas nervuras desenhavam outros arcos, se enfileiravam os sete tumulos dos antiquissimos Ramires, lisos, sem um lavór, como rudes arcos de granito, alguns encravados no solo, outros pousando sobre enormes bolas que o tempo lascara. Gonçalo, segurando a egoa, seguia por fóra dos arcos, recordando que outr'ora, com Gracinha,

pulava ruidosamente por cima dos tumulos, em quanto no pateo do claustro, entre os pilares tombados e a verdura das ruínas a boa Miss Rhodes curvada, procurava florinhas silvestres. Por cima do mais vasto, lá negrejava, chumbada no muro, a famosa espada com a folha toda roída do tempo e da ferrugem. Sobre o tumulo do canto, lá ardia a lampada, a estranha lampada mourisca, que não se apagara desde a tarde remota em que, sellada á campá, um monge, com uma tocha de sahimento, silenciosamente a accendera... Quando se accendera ella, a eterna lampada? Que Ramires jazeriam n'essas cubas de granito, sem inscrições, sem datas, tão velhas que já dentro d'ellas, em torno d'ellas, toda a Historia se sumira, e não eram mais que granitos tão impessoaes como os blocos d'uma pedreira?... Depois na ponta do claustro, onde a abobada rachara e se esboroara, era o tumulo aberto, e ao lado tombada a tampa, que o esqueleto de Lopo Ramires despedaçara para correr ás Navas, e batter os cinco Reis mouros. Gonçalo espreitou para dentro curiosamente... A um canto do tumulo bem limpo, bem varrido, alvejava um pequeno montão d'ossos espanejados também, bem arrumados! Esquecera o velho Lopo, na sua pressa heroica, esses poucos ossos, já despegados do seu esqueleto?... A tarde descera, e com ella uma melancolica sombra que se adensava sob as abobadas dos claustros, cobria de solemnidade morta aquella jazida de mortos. Então Gonçalo sentio a immensa solidão que o envolvia, o separava da vida, allí desgarrado, junto do pó secular dos seus grandes avós? E bruscamente o assaltou o terror de que outra tampa n'esse instante estalasse com fragor, e através da fenda surdissem lividos dedos sem carne! Então repuxou desesperadamente a egoa através do muro dismantelado, logo nas ruínas da nave, saltou para o selim, e trotou através do portal, trotou através do adro, só inteiramente socegou ao avistar ao fim do pinhal a cancella do Caminho de Ferro aberta, e uma velha que a passava tangendo o seu burro carregado d'herva.

(Continua.)

EÇA DE QUEIROZ.

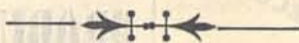


49

Revista Moderna

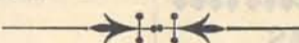
Ilustração Brasileira

MAGAZINE LITTERARIO E ARTISTICO



Apparecendo com a maxima regularidade todos os mezes e dando aos seus leitores **cincoenta** paginas de texto e perto de **cem** illustrações impressas em magnifico papel, n'uma artistica capa em **chromo-typographia** e um bellissimo **hors texte** consistindo na reproducção, a côres, dos quadros mais celebres dos pintores contemporaneos.

O texto contido em cada numero da **Revista Moderna** equivale ao de um volume ordinario de mais de trezentas paginas.



Brinde da Revista Moderna

Aos seus antigos assignantes que renovarem a sua assignatura por um anno e aos leitores que tomarem uma assignatura pelo mesmo tempo — até 31 de Janeiro proximo — offerece a *Revista Moderna* **una esplendida gravura Antiga copia de um quadro assignado por um dos Mestres celebres da epoca.**

Estas gravura que são rarissimas — e que no mercado Europêo attingem preços fabulosos — tem sessenta centimetros de base sobre quarenta de alto. — Entre Natal e Anno Bom já estará em poder dos nossos agentes que farão a sua distribução.



O NOSSO NUMERO DE NATAL

O nº 26 da Revista Moderna, que deve apparecer no Brazil em fins de Dezembro e que será o **numero extraordinario consagrado ao Natal e Anno Bom** conterà **56 paginas** de texto illustrado de numeroras e primorosas **gravuras a côr**, collaborado pelos mais eminentes escriptores de Portugal e Brazil, e inserirá hors-textes, que causarão uma verdadeira surpresa e terão um colossal successo.



J. COSTA & C^o
BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS
 277, RUE SAINT HONORÉ, 277
 (PRÈS DE LA RUE ROYALE)
PARIS TÉLÉPHONE

◆◆◆◆◆
ESPINGARDA DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1^a qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL
 8, Avenue de l'Opéra, PARIS

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
 da Casa Guinard.

◆◆◆◆◆
ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um accesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dôr em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes*, *intercostaes*, *reumaticas*, *sciaticas* e *vesicaes*, contra o *zona (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a extenuação resultante da fadiga, do *trabalho a sobreposse* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depositos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.



MATHIEU-DEROCHE

PARIS — 39, Boulevard des Capucines — PARIS

— ASCENSEUR * TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre esmaltes inalteraveis vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

◆◆◆◆◆
 Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889
 Membro do Jury 1893. — Membro dos Comitês d'admissão da Exposição 1900

◆◆◆◆◆
 ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ

1878 — MÉDALHA DE OURO — 1878

A mais alta Recompensa dada aos Adubos

1889 — FORA DE CONCURSO — 1889

Membro do Jury de Recompensas

DE
SOCIEDADE ANONYMA

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Séde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE

ADMINISTRADORES

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para caféeeiro, despeza por pé : 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.
 — cacaoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.
 — canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

◆◆◆◆◆
INFORMAÇÕES, ANALYSES

LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA

EM PARIZ E EM BORDEAUX

DIRIGIR-SE AOS ADMINISTRADORES DA SOCIEDADE :

30, rua des Allamandiers, BORDEAUX.
15, rua des Petits-Hôtels, PARIS.



MATHIEU-DEROUCHE

PARIS — 39, Boulevard des Capucines — PARIS

ASCENSEUR * TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre esmaltes inalteráveis vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, à luz e à humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889

Membro do Jury 1893. — Membro dos Comités d'admissão da Exposição 1900

ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

LIBRAIRIE C. REINWALD — SCHLEICHER Frères, ÉDITEURS
PARIS — 15, RUE DES SAINTS-PÈRES, 15 — PARIS

L'HUMANITÉ NOUVELLE

Revue Internationale, Sciences, Lettres et Arts

PARAIT MENSUELLEMENT EN UN VOLUME IN-8 D'AU MOINS 128 PAGES

ABONNEMENTS { France et Belgique, *Un an.* 12 fr. — *Six mois.* 7 fr.
Etranger (Union) — 15 fr. — 8 fr.

UN NUMÉRO : 1 fr. 50

Envoi d'un Numéro Spécimen, contre 1 franc en timbres-poste

Principaux Collaborateurs

Ch. Andlet.
Theophilo Braga.
Judith Cladel.
N. Colajanni.
J. Dallemagne.
Victor Dave.

G. De Greef.
G. De La Salle.
Hector Denis.
Holger Drachmann.
G. Ferrero.
E. Ferri.

Jean Grave.
Gunnar Heiberg.
Léon Hennebicq.
Henrik Ibsen.
J. P. Jacobsen.
P. Kropotkine.

P. Lavroff.
Ch. Letourneau.
Domela Nieuwenhuis.
J. Novicow.
Ed. Picard.
Élisée Reclus.

Élie Reclus.
E. De Roberty.
Clémence Royer.
L. Tolstoi.
E. Vandervelde.
Xavier de Carvalho.

Directeur : A. HAMON

Biologiques, philosophiques, psychologiques, historiques, naturelles, etc.
Théâtre, Critiques littéraire et artistique, etc.

Pariz ♦ GRANDE HOTEL ♦ Pariz

*situado sobre os Grandes Boulevards no mais central
e no mais bello ponto da cidade*

OCCUPANDO TODO UM QUARTEIRÃO
sobre o Boulevard des Capucines, Place de l'Opéra
Rue Scribe e Rue Auber

A MAIS LUXUOSA E A MAIS
Vasta Sala de Jantar podendo conter mil pessoas

O Serviço das duas refeições
é constantemente servido em pequenas mezas
de duas e quatro pessoas

MAGNIFICA ORCHESTRA DE PROFESSORES

executando diariamente um Concerto

Durante o JANTAR

Preço Fixo das Refeições

ALMOÇO 5 FR. ♦ JANTAR 7 FR.

Vinho não comprehendido

SERVIÇO A LA CARTE

NO

Grande Restaurant do Hotel

DANDO SOBRE O

JARDIM DE INVERNO

RICOS SALOES

para Bailes, Recepções
e Jantares

GRANDE SALÃO

DE

BILHAR

Pariz

Endereço Telegraphico :
GRAND-HOTEL-PARIS

800

SALOES E QUARTOS

*Mobilados com todo o luxo,
elegancia e conforto*

COMMODOS ESPECIAES PARA FAMILIAS

Com salas de Jantar,
salas de banho toilettes, etc.

Grandes salas de banhos quentes e Frios
em todos os andares. Ascensores trabalhando
noute e Dia, Vasto Salão de Leitura com Jornaes e
Illustrações de todo o Universo Enorme Jardim de
Inverno com Fontes luminosas

UM ESTABELECIMENTO HYDROTHERAPICO

de primeira ordem dirigido por um especialista
funcionna no Grande-Hotel

BANHOS DE VAPOR, BANHOS TURCOS, BANHOS RUSSOS, MASSAGENS, BANHOS ESCOSSEZES

Serviço de Carros a preço fixo, pertencente ao Grande Hotel

Agencias de Bilhetes de Caminhos de Ferro e de Paquetes
para todas as partes do Globo. Agencias do Correio e do Telegrapho.
Cambio de Dinheiros e Valores estrangeiros. Salão de Cabelleireiro.

*Remessa do nosso Plano Tarifa a todas as pessoas que nos fiserem esse
pedido por carta. Toda a Correspondencia
deve ser dirigida do Director do Grande Hotel Paris.*

O Plano Tarifa do Grande Hotel permite aos viajantes que desejarem passar algum tempo
em Paris fixarem de antemão as suas despesas e reservarem os com...

Pariz ♦ GRANDE H

Pariz